

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – “Deputado Ary Fossen”
Curso Superior de Tecnologia em Eventos

Thayna Santiago

**TAMBORES QUE NÃO SE CALAM:
A UMBANDA DO AÇOITE AOS PALCOS**

**Jundiaí
2021**

Thayna Santiago

**TAMBORES QUE NÃO SE CALAM:
A UMBANDA DO AÇOITE AOS PALCOS**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen” como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Eventos, sob a orientação da Professora Dra. Clarice Nunes Ferreira e coorientação do Professor Me. Mario Lamas Ramalho.

**Jundiaí
2021**

Dedico este trabalho ao
T. U. Caboclo Flecha de Ouro
e a toda comunidade umbandista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos orixás, guias e encantados por sempre me guiarem pelo caminho do bem, do progresso e da retidão. Em especial ao meu mentor espiritual que me inspirou na trajetória desta pesquisa.

À minha família, em especial à minha mãe carnal e espiritual Luciana Santiago, minha maior incentivadora, por ser minha fonte de inspiração e minha fortaleza e meu abrigo.

Agradeço aos meus bisavós Benedicto e Maria Ferreira (*in memoriam*), por terem iniciado o caminho espiritual da nossa família e por serem exemplos de resistência e amor.

Agradeço também à toda família física e espiritual do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro que sempre me acolheu e me incentivou. Em especial ao Pai Caboclo Flecha de Ouro, entidade que me acolheu e me reconectou com as minhas raízes espirituais indígenas. Gratidão também aos Pais Sr. Zé Baiano e Sr. Exu Veludo que sempre me ensinaram não só os caminhos religiosos, mas também os traquejos da vida terrena. Agradeço ainda a Mãe Sra. Herundina por sempre incentivar meus estudos e cuidar do meu corpo físico e espiritual desde muito pequena.

À minha orientadora Professora Dra. Clarice Nunes Ferreira por todos os ensinamentos acadêmicos e por acreditar desde o início que este trabalho seria possível. Ao meu coorientador Professor Me. Mário Lamas Ramalho por agregar e engrandecer este trabalho com sua sabedoria e paciência.

Aos entrevistados deste trabalho por dividirem suas experiências e engrandecerem esta pesquisa.

Aos meus colegas de sala por me apoiarem e a todos os meus amigos que me incentivaram nesse processo.

Por fim, agradeço a todos os professores, coordenadores e funcionários da Fatec Jundiaí por tornarem o ambiente acadêmico um espaço de igualdade, de respeito e de conhecimento.

Tantas batalhas venci, muitas ainda vou enfrentar
Muitas vezes vou cair, mas sempre vou levantar
Meu escudo é minha fé, minha espada é orixá
Tenho o meu corpo fechado, nas rezas do Jacutá
Quando eu caí, meu pai Ogum me levantou
Quando eu sofri, mamãe Oxum me amparou
Me vi perdido, Exú veio me guiar
Estava com fome, Oxóssi me ensinou caçar.
Fui humilhado, e Xangô me defendeu
Fui perseguido, Oyá com ventos me escondeu.
Caí doente, Omulu quem me curou
Estava sujo, Yemanjá quem me banhou.
Eu vi a morte, mas Nanã lhe afastou
Cuidou de mim e o meu pranto ela secou.
Desesperado vi minha fé vacilar
Fui renovado com as palavras de Oxalá.
Se eu fosse só, já não estaria mais aqui
Meu orixá me ajudou a persistir
Na noite escura, nos caminhos me guiou
E na Umbanda eu retribuo o seu amor.

Henrique D'Oxóssi

SANTIAGO, Thayna. **Tambores que não se calam: A Umbanda do açoite aos palcos**. 117 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnólogo em Eventos. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

RESUMO

O crescimento da área de eventos proporcionou o advento de comemorações religiosas das mais diversas crenças; dentre elas destacam-se os eventos afro religiosos que se expandiram para fora das comunidades de terreiro, levando para a sociedade não só demonstrações de fé, mas também manifestações culturais e sociais. Esse espaço ocupado diante dos holofotes reacendeu diversas discussões de extrema importância histórica; questões sobre racismo religioso, intolerância religiosa e preconceitos raciais vieram à tona e ganharam notoriedade, com isso, o presente trabalho dedica-se a conceituar a origem das religiões de matrizes africanas que se enraizaram e se desenvolveram no Brasil, além de desmistificar os preconceitos e tabus que permeiam essas religiões, principalmente a Umbanda, através da contextualização histórica desde a chegada dos negros escravizados até a situação atual dessa vertente religiosa e seus eventos realizados na contemporaneidade. Revisões bibliográficas e documentais, atreladas pesquisa qualitativa e estudo de caso realizado no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, em Jundiaí-SP somados ao conhecimento empírico da pesquisadora, estruturam a metodologia desta pesquisa, que busca inventariar a importância dos eventos umbandistas da atualidade com o processo de constituição, resistência e superação dessa comunidade. As considerações finais foram baseadas nas análises dos dados coletados os aproximando as narrativas dos entrevistados com o contexto histórico cultural da Umbanda.

Palavras-chave: Umbanda. Eventos. Religiões Africanas. Intolerância Religiosa.

SANTIAGO, Thayna. **Drums that do not keep silent: Umbanda lashes the stage.**

117 p. End-of-course paper in Technologist Degree in Events. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

ABSTRACT

The growth of the events area provided the advent of religious commemorations of the most diverse faiths; among them, the Afro-religious events that have expanded beyond the “terreiro” communities stand out, bringing to society not only demonstrations of faith, but also cultural and social manifestations. This space in the spotlights has brought up several discussions of extreme historical importance; issues about religious racism, religious intolerance and racial prejudices came to the surface and gained notoriety. With this, the present work is dedicated to conceptualizing the origin of the African-based religions that took root and developed in Brazil, in addition to demystifying prejudices and taboos that permeate these religions, especially Umbanda, through the historical contextualization from the arrival of enslaved blacks to the current situation of this religion and its events held today. Bibliographic and documentary reviews, linked to qualitative research and a case study carried out at the Temple of Umbanda “Caboclo Flecha de Ouro”, in Jundiaí-SP, added to the researcher's empirical knowledge, structure the methodology of this research, which seeks to inventory the importance of current Umbanda events with the process of constitution, resistance and overcoming of this community. The final considerations were based on the analysis of the collected data, bringing the interviewees' narratives closer to the historical cultural context of Umbanda.

Keywords: Umbanda. Events. African religions. Religious Intolerance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Açoite	14
Figura 2: O escravo açoitado	14
Figura 3: Oráculo, o jogo de búzios.	18
Figura 4: Saída de yawô após a iniciação.	18
Figura 5: Mãe Stella de Oxóssi	19
Figura 6: Joãozinho da Goméia	20
Figura 7: Babá King.....	20
Figura 8: Fachada Cada das Minas - MR.....	22
Figura 9: Terreiro da Turquia.....	22
Figura 10: Cortejo da Festa do Divino	24
Figura 11: Rito na Casa Fanti Ashanti.....	24
Figura 12: Pai Jorge Fé em Deus.....	25
Figura 13: Quilombolas de Santo Antonio dos Pretos - Codó MA.....	26
Figura 14: Bitá do Barão.....	26
Figura 15: Sincretismo entre Santa Bárbara e Orixá Oyá	27
Figura 16: Sessão de Terecô	28
Figura 17: Festa de Santa Bárbara	28
Figura 18: Juremeiro Leandro Nobre	29
Figura 19: Árvore de Jurema Preta	29
Figura 20: Imagem de Mestre Malunguinho	30
Figura 21: Mestre Juremeiro Lucas Souza.....	31
Figura 22: Uso ritualístico do cachimbo no culto	31
Figura 23: Ilús de Maracás	32
Figura 24: Zélio Fernandino de Moraes.....	34
Figura 25: Dom Gabriel de Malagrida e Caboclo das Sete Encruzilhadas	36
Figura 26: Casa de Zélio que abrigou a TENSP	37
Figura 27: Alvará de funcionamento da Tenda.....	38
Figura 28: Reunião com os dirigentes das tendas presidida por Zélio	39
Figura 29: TENSP em fase de demolição	39
Figura 30: Atual sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade - RJ.....	40
Figura 31: Rubens Saraceni.....	46

Figura 32: Quadro de Organização de Tronos da Umbanda Sagrada	47
Figura 33: Heberon Hagaga	51
Figura 34: Leonardo Molina.....	52
Figura 35: Fachada do Templo	54
Figura 36: Cúpula de São Cosme e Damião	56
Figura 37: Luciana Santiago.....	57
Figura 38: Luciana e seu tio	59
Figura 39: Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bomfim e Estrêla Dalva.....	59
Figura 40: Notificação emitida ao T. U. Caboclo Flecha de Ouro.....	62
Figura 41: Primeiro Andor da Festa de São Jorge	65
Figura 42: Entrada da Imagem e Cúpula.....	65
Figura 43: Benção das Fardas e Atabaqueiros	66
Figura 44: Miguel Haddad	67
Figura 45: Núcleo de Arte Umbandista Flecha de Ouro	68
Figura 46: Apresentação realizada em Campo Limpo Paulista.....	69
Figura 47: <i>Layout</i> de Montagem.....	70
Figura 48: Material de Divulgação	70
Figura 49: Entrada e Escolta de São Jorge pela GM	71
Figura 50: Toque de Clarim e Cúpula ao Público	71
Figura 51: Representações de Ogum, Iansã e Oxóssi	72
Figura 52: Representação de Zé Pilintra e Exu; Benção da Farda	72
Figura 53: Reportagens relativas as Festas e Entrevista concedida pela Dirigente ..	73

SUMÁRIO

SUMÁRIO	X
1 INTRODUÇÃO	11
2 AS RAÍZES	13
2.1 Religiões Afro-Brasileiras	15
2.1.1 Candomblé.....	17
2.1.2 Tambor de Mina.....	21
2.1.3 Terecô.....	25
2.1.4 Jurema Sagrada.....	29
3 UMBANDA – O MITO FUNDADOR	34
3.1 Contrariando o mito	40
3.2 As vertentes umbandistas	42
3.2.1 Umbanda Branca.....	43
3.2.2 Aumbandã.....	44
3.2.3 Aumbhandã.....	45
3.2.4 Umbanda Omolocô.....	45
3.2.5 Umbanda das Almas.....	46
3.2.6 Umbanda Sagrada.....	46
3.3 A única banda	48
4 AS CICATRIZES	50
5 TEMPLO DE UMBANDA CABOCLO FLECHA DE OURO	54
5.1 A Dirigente e Sua Casa.....	57
5.2 A Barbárie.....	60
5.3 Da Promessa ao <i>Show</i>	64
5.4 Outros Palcos.....	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A – ENTREVISTA LEONARDO MOLINA	85
APÊNDICE B – ENTREVISTA HEBERSON RICARDO DA SILVA	91
APÊNDICE C – ENTREVISTA LUCIANA SANTIAGO	96
APÊNDICE D – DOCUMENTOS T. U. FLECHA DE OURO	112

1 INTRODUÇÃO

Os sagrados estão cada vez mais ocupando seu espaço na sociedade, não só como forma de religiosidade e devoção, mas também como grandes manifestações e comemorações que atraem tanto adeptos das respectivas doutrinas, como também curiosos, mídias, empreendedores, figuras públicas e várias outras personas que fazem com que esse setor de eventos religiosos ganhe atenção e visibilidade.

Quando citamos esse tipo de festa, as religiões proeminentes e tradicionais como as cristãs, ganham destaque com suas comemorações tão marcantes e reconhecidas mundo a fora. Todavia, há, além dessas, as religiões de matrizes africanas, que estão em seu período ascendente na sociedade, e principalmente em território brasileiro.

Para essas comunidades, especificamente para os umbandistas, as datas comemorativas e períodos festivos tem enormes significados, que vão muito além de atos de religiosidade e fé, mas também demonstram a luta pela liberdade e igualdade.

Os eventos umbandistas ganharam proporções inimagináveis para uma religião que até poucos anos atrás tinha seu povo perseguido e condenado criminalmente por assumir-se umbandista. Atualmente, os terreiros de umbanda reúnem não só em suas sedes, mas também em festividades de grande porte, uma comunidade que busca não só exibir a beleza de sua crença e ainda combater o racismo religioso e quebrar os inúmeros tabus impostos pela sociedade com o decorrer das décadas.

Este trabalho, portanto, tem por objetivo geral analisar e compreender as composições de algumas religiões afro-brasileiras que influem direta e/ou indiretamente na Umbanda atual. Buscando assimilar fatos históricos e relatos verídicos afim de documentar a trajetória da própria religião Umbanda; desde sua anunciação, passando pelas represálias, retaliações e agressões sofridas das mais diversas formas, até ocupar os palcos e reunir milhares de adeptos em seus eventos e comemorações.

Para englobar maiores aspectos pertinentes ao assunto abordado, serão conceituadas algumas das religiões de matrizes africanas existentes no Brasil. Além

de discorrer sobre a formação e estruturação da Umbanda, interpretando seu contexto histórico. Para maior entendimento das questões legais, serão apontadas legislações vigentes relacionadas ao racismo e intolerância religiosa.

Por fim, identificar e entender os fatores que impulsionaram o crescimento da exposição dos eventos e festejos afro religiosos, através de algumas personalidades meritórias dentro da doutrina.

O tema conglera inúmeras adversidades e problemáticas, todavia, os principais questionamentos em que se pautaram o presente trabalho foram: Qual a indispensabilidade dos eventos umbandistas para esta comunidade? Como os atos de intolerância e racismo religioso podem interferir nas festas afro religiosas da atualidade? Como o contexto histórico-cultural influencia sob a formatação desses festejos contemporâneos?

Com a finalidade de sanar as questões levantadas acima, a pesquisa realizada é de natureza descritiva e exploratória, já que o tema foi pouco discorrido por outros autores e a análise efetuada de forma qualitativa permite que se encontre o intenso significado dessas comemorações para a comunidade umbandista. Para obtenção dos resultados, os mecanismos utilizados neste trabalho são: pesquisa bibliográfica e documental pertinentes ao tema e estudo de caso, este realizado no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, no município de Jundiaí, interior de São Paulo.

A pesquisadora abordará praticantes da religião, para coletar seus relatos e vivências, buscando aproximá-los de fatos históricos que podem ter influenciado na religião nos dias atuais.

2 AS RAÍZES

Bahia, oh África, venham nos ajudar

Força baiana, força africana

Força divina, vem cá, vem cá

Autor desconhecido

Acredita-se que o Brasil é uma das maiores personificações da miscigenação mundial, tanto de povos, hábitos, costumes e, indiscutivelmente de culturas. Essa mistura originou-se juntamente com a descoberta das terras brasileiras, então indígenas, pelos portugueses, que, atracaram no litoral desconhecido, não só suas caravelas e outras embarcações, mas também suas condutas, comportamentos e habitualidades, além de uma consistente bagagem cultural europeia. Resultando-se, assim, em uma prévia da mescla de culturas internacionais que o país abrigaria posteriormente.

Mais adiante, no então já conhecido contexto histórico, as embarcações trouxeram em seus porões não somente suas características europeias, mas também outra sociedade e suas multiplicidades: raízes, traços, idiomas, e uma carga religiosa intrínseca em meio aos povos africanos (PRANDI, 2000).

Histórias, dialetos, vestimentas, gastronomia e principalmente a religiosidade negra aportaram no Brasil e tiveram um processo de branqueamento imposto pelos colonizadores da mesma forma que haviam feito com os povos indígenas, habitantes nativos desta terra. O negro foi trazido a força para o país e teve sua fé arrancada pelos portugueses, que os decretaram católicos e os impuseram penas como o açoite¹, instrumento de tortura (Figura 1) para aqueles que ainda insistissem em praticar seu credo africano, tendo assim seu corpo ferido e dilacerado (Figura 2).

As repressões às religiões de matriz africana iniciam-se ainda em período escravocrata, o país era desde o início da colonização dominado pela Igreja Católica, de forma que qualquer outra manifestação religiosa era entendida como contravenção penal. Neste momento, os africanos escravizados eram

¹ AÇOITE – *s.m.* Chicote; instrumento para castigar; feito com tiras de couro. Castigo; sofrimento moral; dor física. (DÍCIO, 2020).

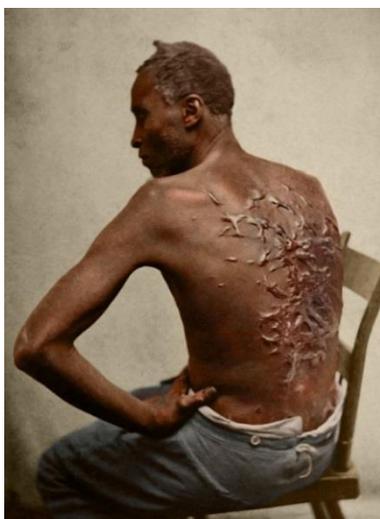
objetos de posse e seres indignos de humanidade, tampouco poderiam ter crença. No período colonial, o escravo trazido para o Brasil era batizado já no porto onde partia da África ou quando chegava ao novo continente, sendo marcado à brasa ou sendo colocada uma argola de ferro em seu pescoço para identificar o seu novo status de cristão. (SILVEIRA, 2006 *apud* FERNANDES, 2017, p.119)

Figura 1: Açoite



Fonte: Kernbeis (2014)

Figura 2: O escravo açoitado



Fonte: Marshall (2010)

Esse processo de repressão cultural interferiu diretamente na forma de estruturação da comunidade religiosa africana no país, intervindo até na maneira de culto aos orixás, nkisis e voduns, as então divindades oriundas da África. Através dessa interferência branca europeia derivou-se uma liturgia bem próxima do que conhecemos hoje pelas religiões de matrizes africanas, que são bem distintas dos

cultos realizados em território africano, uma vez que agregam além de suas raízes negras, os saberes indígenas nativos e católicos europeus.

Segundo Prandi (1998), durante o período de formação das mesmas em solo brasileiro, houve fases significativas de estruturação. A fase do sincretismo católico, foi instituída pelos próprios negros, que acabaram introduzindo imagens de santos católicos em seus cultos para que assim pudessem continuar realizando suas tradições religiosas e não sendo castigados pelos feitores. Esse sincretismo estabelecido ainda é presente em algumas dessas religiões de matriz africana, como na Umbanda, onde os orixás africanos se assemelham aos santos católicos devido a suas características, tal como Xangô, que na África é o deus do fogo e da justiça e tem sua festividade comemorada com fogueiras.

Em solo brasileiro, equiparou-se a São Pedro ou São João, que também tem em suas festividades nas fogueiras das festas juninas. Assim de acordo com Barbosa (2020), os escravos foram realizando suas festividades religiosas em paralelo com o calendário de comemorações católicas.

Outra fase de importância elevada no processo histórico foi o branqueamento de algumas religiões e a africanização de outras, onde o sincretismo, processo acima citado, já havia tido início e foi seguido por adequações de cantigas em língua compreensiva pelos feitores, entre outras contribuições para essa etapa.

Esses processos marcaram profundamente a estruturação dos cultos que temos conhecimento na atualidade, e formaram-se então os terreiros, templos, casas de axé, tendas, etc, locais que recebem a todos sem distinguir os participantes por sua cor de pele, orientação sexual, classe social, nível acadêmico ou qualquer outro tipo de segregação.

2.1 Religiões Afro-Brasileiras

Conforme Barbosa (2020), estas manifestações religiosas oriundas da África se dividiram em aproximadamente vinte e cinco religiões distintas, cada uma com sua peculiaridade na estruturação de suas liturgias, aderindo inclusive nomes distintos

para seus rituais. A maioria delas possui traços indígenas e africanos, outras agregam ainda conhecimentos cristãos dos europeus.

De acordo com G1 (2020), em pesquisa realizada pelo Datafolha em dezembro de 2019, a religião que possui maior número de adeptos é a católica, com 50% dos entrevistados, seguida por evangélicos (31%) e pessoas que não possuem religião (10%). As religiões de matrizes africanas foram aglomeradas em um único item denominado de Umbanda, Candomblé e outras religiões afro-brasileiras, onde apenas 2% dos entrevistados se enquadraram.

A autora desta pesquisa diverge dos dados apresentados, pois no decorrer dos vinte e cinco anos dentro de um terreiro de Umbanda, a mesma presenciou inúmeras vezes participantes omitindo sua religiosidade por medo de represálias ou preconceitos que ainda são inerentes a esses cultos. Diante disso, essa porcentagem da pesquisa pode ser contestada, uma vez que não apresenta a realidade das comunidades de terreiro.

Outro ponto questionado pela autora é a conjunção de tantas religiões afro-brasileiras em um único item, que posteriormente não foi desmembrado pelo site, assim como foi realizado com o catolicismo e a vertente evangélica, bem como seus respectivos entrecruzamentos que foram esmiuçados na apresentação da pesquisa.

É sabido que dentre tantas religiões de matriz africana há aquelas que possuem maior destaque, seja por seu número de prosélitos ou pela sua acuidade histórica cultural, ou ainda por estarem concentradas em determinadas regiões do território nacional. Contudo cada uma delas possui sua devida importância e significado não devendo ser generalizadas ou confundidas.

Para maior compreensão das similaridades e diferenças de alguns cultos afro-brasileiros que evidenciam-se neste recente cenário religioso, é preciso caracterizá-los e esclarecê-los afim de compreender a trajetória afro religiosa no Brasil e posteriormente a formação doutrinária e estruturação umbandista que influenciaram de forma direta no T. U. Caboclo Flecha de Ouro, terreiro onde o estudo de caso deste trabalho foi realizado.

2.1.1 Candomblé

*Baiana da saia rendada
Seu tabuleiro tem axé
A baiana está requebrando
Na batida do Candomblé...
Autor desconhecido*

De acordo com Babalorixá² Márcio de Jagun em *Historiando...* (2018), o Candomblé é uma religião que nasceu em solo brasileiro, derivada das adaptações das culturas religiosas africanas que vieram para o Brasil ainda no período da escravidão.

Na África cada povo tinha sua forma de culto aos orixás e ao trazerem para cá diversas etnias misturadas em navios negreiros, mesclaram-se também idiomas, hábitos, fé e formas de culto. Como a represália cristã coagia os negros a tornarem-se cristãos, elementos desta vertente religiosa foram introduzidos nos cultos para que os eles pudessem continuar sendo praticados, e o fruto dessa fusão de povos e de alguns elementos católicos originaram o que conhecemos por Candomblé.

Esse agrupamento de povos africanos fez com que os ritos se transformassem em nações de culto. Segundo o Babalorixá Valério Stefaneli em *Candomblé* (2017), a religião diviu-se entre Nagô, Angola, Ketu, Jeje, Bantu e várias outras nações.

O Candomblé é permeado por significados, desde as nomenclaturas hierárquicas até os elementos decorativos de um Ilê³ como: cabaças, tecidos, cortinas, esculturas, vasos de plantas, etc. nada é disposto dentro de uma casa de culto sem que tenha uma função ou um sentido.

Para iniciar-se na religião o indivíduo deve procurar um Babalaô para que este abra o oráculo, jogo de búzios, como é possível observar na Figura 3, que permite a comunicação com as divindades, e então consulta-se se é o momento para iniciar-se, assim como relatado pelos filhos de santo de Pai Valério (CANDOMBLÉ, 2017).

² Babalorixá: Pai de santo, sacerdote. Cargo masculino mais alto dentro de uma casa de axé. Forma simplificada: babalaô. Cargo feminino correspondente, Iyalorixá.

³ Ilê: Casa de culto, casa de axé, templo africano.

Figura 3: Oráculo, o jogo de búzios.



Fonte: Filho (2017)

Ainda no documentário *Candomblé* (2017), é possível conhecer sobre a pirâmide hierárquica do culto. Esta tem sua base o abian, a primeira fase de uma pessoa no Candomblé, sendo aquele que entra na casa de axé para conhecer e compreender a estrutura da religião. Após um período, determinado pelo oráculo, o indivíduo é iniciado e recebe seu nome ritualístico e a sua função dentro da casa, podendo ser yawô (Figura 4), aquele que entra em transe na manifestação do orixá. E sendo aqueles que não entram em transe denominados de ogã⁴ ou ekedji⁵, termos usados para designar homens e mulheres respectivamente. Conforme os anos e os cargos adquiridos dentro do barracão, são concedidas algumas permissões para os iniciados como a utilização de determinadas vestimentas, fios de conta e adornos que representam sua hierarquia e tempo de iniciação.

Figura 4: Saída de yawô após a iniciação.



Fonte: Júlia (2017)

⁴ Ogã: Homem que não entra em transe. Normalmente destinado a tocar atabaques, podendo exercer outras funções na casa como a sacralização animal, por exemplo.

⁵ Ekedji: Mulher que não entra em transe. Destinada a cuidar dos yawôs e dos orixás manifestados.

O candomblé é repleto de mitologia, de canto, dança, paramentas, rezas. Todos esses itens demonstram a história do orixá, pois para os candomblecistas o orixá teve sua passagem terrena, e o quanto ele está ligado aos humanos, como conta Pai Márcio de Jagun. Os elementos de culto servem para que os adeptos do Candomblé se conectem com seu sagrado, buscando uma harmonia entre o homem e a natureza, seja ela externa ou interna (HISTORIANDO..., 2018).

Pais e mães de santo trabalharam e trabalham incansavelmente para a descriminalização do Candomblé, uma religião rica culturalmente, que muito contribuiu para formação do Estado.

Algumas dessas personalidades não podem ser esquecidas como: Mãe Stella de Oxóssi, apresentada na Figura 5, que de acordo com Pondé (2018), trabalhou para separação do sincretismo religioso dentro do Candomblé e também contra as oferendas que poluísem a natureza, pedindo que os adeptos entoassem seus cânticos em homenagem aos orixás ao invés depositar plásticos e elementos não absorvidos pelo meio ambiente. Stella, além de mãe de santo, era escritora e na Academia de Letras da Bahia ocupava a cadeira Castro Alves.

Figura 5: Mãe Stella de Oxóssi



Fonte: Pondé (2018)

Outra personalidade influente não só no Candomblé, mas em outras manifestações brasileiras como o carnaval, foi Joãozinho da Goméia (Figura 6), nome que herdou da localização do terreiro amplo que o abrigou. João foi pioneiro e introduziu um espírito indígena no culto em que só se manifestavam orixás, permitindo assim a manifestação de seu caboclo, Sr. Pedra Preta. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1948, onde abriu sua casa do Bairro de Duque de Caxias onde posteriormente seria sepultado, em 1971 (PINHEIRO, 2018).

Figura 6: Joãozinho da Goméia



Fonte: Alves (2020)

Segundo Pinheiro (2018), Joãozinho mostrou que o Candomblé é cultura e educação e que também pode ser vivido fora das casas de culto, de forma leve e alegre, mas sem nunca perder o respeito ao sagrado. Exemplo disso é o personagem do humorista Chico Anysio, o Painho, que foi inspirado no Babalorixá.

Mais recente, outro destaque desse meio religioso é o Bábálórìsà Adesiná Síkírù Sàlámi, conhecido por Bábá King (Figura 7), original da Nigéria na África, porém residente no Brasil desde 1983. Formado em Administração tornou-se Mestre em 1993 e Doutor em 1999. Graduações em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Babá King também é fundador do Centro Cultural Oduduwa, Oduduwa Templo dos Orixás e da Editora Oduduwa, todos fundados em 1988 (ODUDUWA, 2017).

Figura 7: Babá King



Fonte: King (2018)

Assim sendo, o Candomblé é uma religião de resistência. A fé africana resistiu a uma travessia oceânica para trazer ao novo mundo o poder e a grandeza dos orixás, e ainda resiste para perpetuar o culto no negro escravizado.

2.1.2 Tambor de Mina

*Lá na praia do Lençol
É terra de Encantaria
Quem desencantar o Lençol,
Põe abaixo o Maranhão
Autor desconhecido*

O Tambor de Mina é uma religião de matriz africana, que assim como o Candomblé, teve seu culto trazido e adaptado ao Brasil pelos escravos, assim como conta o antropólogo Sérgio Ferreti em Documentário...([19--]), a religião concentrou-se nos estados do Maranhão e Pará, para onde foram levados os africanos que praticavam o culto aos voduns⁶.

A Mina foi difundida pelo Brasil por meio de migrantes desses dois estados para outros tais como São Paulo e Rio de Janeiro que preservaram sua forma culto e até mesmo nomenclaturas originárias.

Tambor-de-Mina, ou simplesmente Mina, é uma denominação da religião afrobrasileira surgida no Século XIX, na capital maranhense, onde continua sendo hegemônica. Além de muito difundida no Pará, é encontrada em outros Estados do Norte e do Nordeste e em grandes cidades brasileiras (como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília) para onde foi levada principalmente por migrantes do Maranhão e do Pará. Na Mina as entidades espirituais africanas são genericamente denominadas “voduns”, o que mostra a influência recebida da Casa das Minas, terreiro jeje fundado em São Luís por membros da família real do Daomé, considerado o mais antigo. (FERRETI, 2006, p.90)

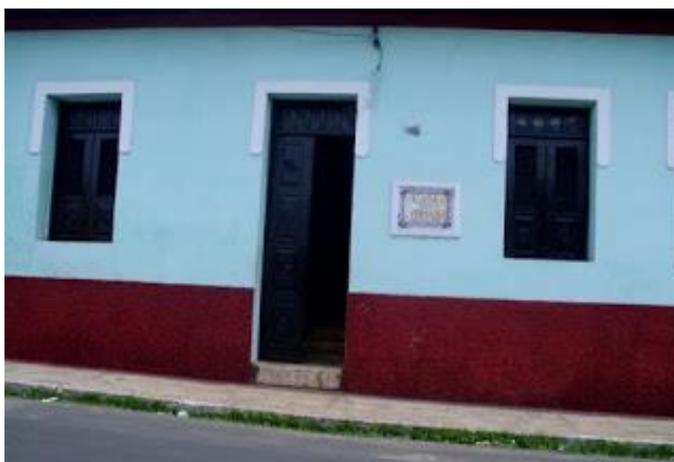
O tambor como é popularmente conhecido, recebeu esse nome, pois as negras que vieram da África eram chamadas de pretas mina e conseqüentemente o toque de tambor que essas negras faziam chamou-se Tambor de Mina, assim como explica Mãe Deni também em Documentário... ([19--]).

Conforme conta Rodrigo de Oxóssi em Retratos... (2019a), fundou-se a primeiramente a Casa das Minas, apresentada na Figura 8, e posteriormente com a chegada de outras embarcações africanas edificou-se também a Casa de Nagô. Essas casas tornaram o culto próprio do estado do Maranhão. Na Casa das Minas as

⁶ Voduns: espíritos africanos que passaram por processo de divinização e hoje se manifestam através do transe.

mulheres da nação Jeje cultuavam somente voduns da sua proveniência. Já na Casa de Nagô o rito agregou a estes voduns Jejes, espíritos não necessariamente provenientes da África, mas sim de outras partes do mundo como Itália, França, Turquia, inclusive do Brasil.

Figura 8: Fachada Cada das Minas - MR



Fonte: Luís (2015)

Rodrigo relata ainda que a priori o rito era praticado somente por mulheres, já que os homens viviam atarefados e não davam a devida importância para espiritualidade, porém quando fundou-se a Casa da Turquia exibida na Figura 9, os homens começaram a receber cobranças dos voduns em relação ao desenvolvimento mediúnico e se dispuseram ao sagrado, trazendo mais uma alteração para o Tambor de Mina (RETRATOS..., 2019a).

Figura 9: Terreiro da Turquia



Fonte: Maracá (2002)

O Tambor de Mina se diferencia de outros cultos de matriz africana devido ao agrupamento espiritual. Diferente do Candomblé ou de outros ritos em que a proximidade espiritual se dá através de orixás e entre outros, no Tambor de Mina esses ajuntamentos se dão por famílias, como explica Pai Airton Gouvêia também em Retratos... (2019a). Pode-se então, encontrar diversas famílias como Família da Turquia, da Bandeira, da Gama, do Lençol, e assim sucessivamente. Essas famílias ditam a divisão de ritos, de forma que quando o ritual é dedicado à uma determinada família, somente entidades desse aglomerado espiritual se fazem presentes.

Os espíritos encantados podem ser caboclos brasileiros, ou o que eles denominam de encantados gentis, que quando encarnados eram nobres, fidalgos, princesas e etc. Todos esses espíritos viveram encarnados, e em sua última encarnação se encantaram, ou seja, não morreram propriamente, mas fizeram sua passagem do plano físico ao espiritual por meio de algum portal de encantaria como nos elucida Pai Luiz Tayandô no documentário A descoberta...[2004?].

Nessa passagem de um plano para o outro, o espírito pode ter se transformado algum animal como peixes, sapo, cobras, pássaros, ou ainda ter assumido a forma de algum fenômeno da natureza como furacões, raio, pororoca; ou ainda pode ter admitido a forma espiritual de seres encantados ou de seres folclóricos como popularmente são conhecidos, como sereias, botos, caiporas e afins. Essas histórias são relatadas pelas próprias entidades quando incorporadas. Pouco se tem escrito, pois como diz uma das cantigas mais conhecidas dentro do Tambor de Mina:

A Mina não é pra quem quer,
É só pra quem sabe baiaar.
Quem tá dentro não queira sair
Quem tá fora não queira entrar (SANTIAGO, 2021, informação verbal)

Na hierarquia de Mina pode-se encontrar os dançantes, que são aqueles que “viram no santo”, ou seja, aqueles que emprestam seu corpo para a manifestação do encantado. As serventes, que são aquelas pessoas que ajudam a servir o encantado manifestado, auxiliando nas vestimentas, dando suporte para o desenvolver dos trabalhos e os atabaqueiros, que são homens que tocam o tambor, facilitando o transe a aproximação das energias. Todos estes são liderados pelo sacerdote do terreiro, denominado de Sacerdote Mina ou Sacerdote de Mina (RETRATOS..., 2019a).

O Tambor de Mina possui grande influência católica, como é possível notar na passagem da Festa do Divino, retratada na Figura 10 pelo Cortejo do Divino, ainda no documentário Retratos... (2019a). Reúnem-se homens, mulheres, crianças para a celebração da festividade que tradicionalmente se inicia nas casas de tambor e seguem em cortejo até a Igreja, ao som das caixeiras (mulheres que tocam caixa) que entoam cânticos em louvor ao Divino Espírito Santo e tem por destino a Igreja Católica, onde são bem recebidas pela comunidade católica e assim, juntos o Tambor de Mina e o Catolicismo celebram essa data religiosa. Ao final da missa a corte do Divino retornam à suas casas de santo, local onde agora a festividade católica ganha as homenagens no rito das Minas.

Figura 10: Cortejo da Festa do Divino



Fonte: Retratos... (2019a)

A Casa das Minas e a Casa de Nagô, juntamente com outras casas como Terreiro da Turquia, Terreiro Fé em Deus, Casa Fanti Ashanti (Figura 11) e suas subsequentes abrigaram uma religião de matriz africana de culto peculiar e lutaram para que fossem respeitadas e reconhecidas e continuam trabalhando para que a tradição do Tambor de Mina não seja abafada com o tempo e a intolerância religiosa.

Figura 11: Rito na Casa Fanti Ashanti



Fonte: Ashanti (2013)

Dentre tantas personalidades icônicas, vale ainda destacar os sacerdotes de Mina: Pai Jorge Fé em Deus (Figura 12) no Maranhão, Pai Francelino de Xapanã que trouxe o Tambor para o estado de São Paulo (DOUGLAS, 2014) que sempre tocaram seus tambores para a religião predominante do Maranhão e Pará fosse disseminada pelas terras brasileiras mostrando toda a beleza de um culto miscigenado e ao mesmo tempo tão brasileiro como é característico do Tambor de Mina.

Figura 12: Pai Jorge Fé em Deus



Fonte: Sobrinho (2012)

2.1.3 Terecô

*Vem ver caboclo, vem ver a sua aldeia
Vem ver como se dança, aqui nessa aldeia
Quebra a cabeça e espalha as sementes
Chama caboclo pra brincar com a gente
Autor desconhecido*

O Terecô também possui matriz africana, e por vezes é considerado uma derivação do Tambor de Mina, segundo o Vodunusu – Ahujai Cícero Legydokan, que esclareceu as origens da religião em um episódio da série Retratos... (2019b), dedicado ao Terecô.

O termo Terecô, de acordo com Alcantara (2015), tem imprecisão de tradução, mas, acredita-se que faz alusão ao som dos tambores que ecoavam na mata. Já o vodunusu em Retratos... (2019b) traduz com significado de celebrar, comemorar com tambores. Ambas as definições são aproximadas e corroboram para uma única tradução.

Assim como a Mina, o Terecô originou-se da chegada dos negros Jejês e Nagôs que foram levados para trabalhar nos pastos e lavouras do interior do Maranhão, logo, devido às suas origens serem as mesmas, um culto complementa o outro e vice-versa. Como esses negros eram considerados “de segunda”, foram sendo misturados com outras etnias e devido a terra sofrida, falta de água e a rigidez dos senhores e feitores, assim, se exilaram no quilombo de Santo Antonio dos Pretos, como é possível observar na Figura 13, que resiste até hoje na cidade de Codó – MA (RETRATOS..., 2019b).

Figura 13: Quilombolas de Santo Antonio dos Pretos - Codó MA



Fonte: Cunha (2015)

Essa mistura de povos deu origem a um dialeto próprio e de difícil definição como continuou Cícero em Retratos... (2019b), linguagem essa só compreensível para aqueles que vivem imersos na vivência singular do Terecô.

Na visão de Retratos... (2019b) uma das personalidades mais célebres da religião é pai Wilson Nonato de Souza, mais conhecido por Bita do Barão (Figura 14), que assim como muitos brincantes de Terecô, começou a expressar manifestações espirituais desde muito novo, com aproximadamente cinco anos, segundo suas próprias palavras em um episódio dedicado à religião.

Figura 14: Bita do Barão



Fonte: Batista Júnior (2019)

Essas manifestações espirituais normalmente se dão através dos encantados e fazem o simpatizante tornar-se brincante, ou seja, aquele que antes ia nos trabalhos para ser atendido agora permite as manifestações dos encantados em seu corpo físico. Assim como relatou a filha de santo Shirley Miranda Brito em Retratos... (2019b). De acordo com Élcio Nóbrega, também filho de santo entrevistado na mesma série, essas entidades baixam nas chamadas sessões de cura para auxiliar os simpatizantes em suas necessidades, sejam elas questões de saúde, financeira, emocionais, etc.

Os encantados são entidades sobrenaturais, protetores, curadores, guias, antepassados, ancestrais. Eles têm o dom da cura, do conhecimento, da inteligência, do conselho, da justiça, da fecundidade, da prosperidade, da força sobre a natureza, o poder de abrir caminhos, de proteger e de aplacar a fúria. (ALCANTARA, 2015, p.35).

O Terecô possui como padroeira Santa Bárbara (Figura 15). Santa que não renegou sua fé à Deus e por isso seu pai ordenou que a decapitassem, e quando o próprio cometeu o ato fatal, um raio riscou o céu e o atingiu, fazendo seu corpo cair fulminado diante de todos. O Vodunsu Cícero Legydokan explica, em Retratos... (2019b), que a santa católica se relaciona com a divindade Oyá, também pode ser denominada de lansã, que por vezes se manifestava em mães de santo de outrora. Oyá simboliza as mulheres guerreiras, aquelas que batalham por seus ideais e é a senhora dos raios e das tempestades, por isso sua associação com a santa católica.

Figura 15: Sincretismo entre Santa Bárbara e Orixá Oyá



Fonte: Silva (2018)

Cícero discorre em Retratos... (2019b) sobre as entidades que se manifestam no rito como os próprios voduns, que assim como na Mina são divindades africanas.

Porém, os que as diferencia dos voduns do Tambor é a linguagem, pois dentro do Terecô se comunicam com dialeto mais aproximado do africano. Há ainda os encantados brasileiros ou abasileirados como os caboclos gentis, marinheiros, boiadeiros que são espíritos que viveram em terras brasileiras, ou não, e hoje “baixam” nas casas para auxiliar nas sessões de cura (Figura 16).

Figura 16: Sessão de Terecô



Fonte: Retratos... (2019b)

Quanto as festividades, o calendário se aproxima muito ao calendário católico, assim como no Tambor de Mina. A exemplo disto, pode-se testemunhar a festa de Oyá (Figura 17), que acontece no mesmo dia dedicado a Santa Bárbara na Igreja Católica (04 de dezembro), exibindo mais uma vez o forte sincretismo católico presente no ritual (RETRATOS..., 2019b).

Figura 17: Festa de Santa Bárbara



Fonte: Costa (2017)

Há ainda uma festividade anual que pode ser determinada pelo encantado chefe da casa. Essa festa envolve toda a comunidade, os preparativos, tanto espirituais quanto físicos podem levar dias para que o festejo seja realizado (RETRATOS..., 2019b).

2.1.4 Jurema Sagrada

Jurema linda, princesa rainha

Dona da Cidade, mas a chave a minha

Autor desconhecido

A Jurema Sagrada, é um culto de matriz indígena, mais precisamente dos Tupinambás e Tabajaras, nativos da região nordeste brasileira. E adquiriu traços e características africanas com a chegada dos escravos no Brasil, assim como explicou o Juremeiro Leandro Nobre (Figura 18), líder da Casa do Caboclo Pena Branca, no documentário Catimbó... (2019), onde o líder pronuncia-se sobre o culto à Jurema.

Figura 18: Juremeiro Leandro Nobre



Fonte: Nobre (2018)

Leandro contextualiza a Jurema como sendo um culto de ancestralidade, uma vez que se é louvada a árvore Jurema Preta ou Jurema Brava, apresentada na figura 19, como popularmente é conhecida, assim como toda a ancestralidade indígena que a religião abriga (CATIMBÓ..., 2019).

Figura 19: Árvore de Jurema Preta



Fonte: Luiz (2014)

Acredita-se que o poder da árvore Jurema foi lhe consagrado quando a Sagrada Família, no exílio para o Egito, repousou debaixo da Jurema e Jesus Cristo a tocou, conferindo assim a sacralização da árvore (CATIMBÓ..., 2019).

Esse episódio faz alusão a passagem bíblica do nascimento de Jesus, mostrando novamente a relação fortemente estabelecida com o catolicismo.

No episódio Jurema Sagrada da série Retratos... (2019c), Mãe Biu elucida a passagem na qual os juremeiros acreditam que se tenha manifestado o poder da jurema preta. Ela relata que Rei Malunginho, entidade representada na Figura 20, um escravo africano, recebeu um pedido de ajuda de um colega de trabalho que estava muito doente.

Figura 20: Imagem de Mestre Malunginho



Fonte: Calado (2019)

E continua dizendo que, o rei então raspa do tronco, as cascas da jurema brava e coloca na boca do enfermo, que, no mesmo instante se cura, constatando-se assim o poder daquela árvore sagrada, que deu início a um culto muito característico (RETRATOS..., 2019c).

A Jurema Sagrada iniciou-se no estado da Paraíba, expandindo-se posteriormente para a região, fixando suas raízes também em Pernambuco e Ceará. Os principais polos que abrigam terreiros de Jurema são Acais e Alhandra, na Paraíba. Sendo considerados pelos juremeiros o berço do culto, onde habitam os mestres e mestras da Jurema. (SALLES, 2019).

O culto à Jurema Sagrada é popularmente conhecido por Catimbó, que em dialeto indígena pode ser tradução livre como queimar mato, segundo conta o Mestre Juremeiro apresentado na Figura 21, Lucas Souza em Retratos... (2019c).

Figura 21: Mestre Juremeiro Lucas Souza



Fonte: Lodò (2015)

A afirmação do Mestre Lucas, corrobora com as informações dadas por Leandro em *Catimbó...* (2019), que acresce explicações sobre o termo *catimbozeiro*, que pode ser traduzido como aquele que fuma, aquele que faz fumaça. Constituindo-se alusão aos matos, ervas e fumos que os *catimbozeiros* queimam em seus cachimbos, sendo o elemento principal e sagrado na liturgia juremeira como é possível observar na Figura 22. Todo mestre, juremeiro ou praticante de Jurema tem seu cachimbo feito a partir do tronco da própria árvore, e o mesmo é uma espécie de arma para os adeptos, assim como foi explicado por Leandro durante a gravação do documentário.

Figura 22: Uso ritualístico do cachimbo no culto



Fonte: Pereira (2019)

Muitos a denominam também como *Ciência de Jurema*, expressão trazida em muitas cantigas do ritual inclusive. Esse termo faz referência à sabedoria dos desencarnados que se manifestam nos cultos e manipulam elementos e ervas para

cada um dos presentes com o intuito de auxiliá-los, como elucidou Leandro Nobre (CATIMBÓ..., 2019).

Ainda em Catimbó... (2019) Leandro apresenta os instrumentos musicais do Catimbó mostrados na Figura 23, que são uma verdadeira mistura dos instrumentos indígenas, africanos e nordestinos, pois em sua musicalidade o principal instrumento é o maracá, espécie de chocalho indígena. Os negros incorporaram ao rito os Ilús, tambores africanos e por fim o nordestino agregou o triângulo, o qual seu som metálico faz a marcação de tempo.

Figura 23: Ilús de Maracás



Fonte: Jurema (2019)

Segundo Lucas no episódio dedicado a religião na série Retratos... (2019c), a Jurema Sagrada é muito procurada por seus rituais de cura, onde os encantados ministram beberagens⁷, banhos, imposição de mãos, fumaça do cachimbo e rezas sob a pessoa para que se atraia a cura.

O agrupamento espiritual é dado através dos reinados e cidades, que traduzem a forma e vibração espiritual de trabalho de cada encantado. Diferentemente dos agrupamentos que acontecem dentro do Tambor de Mina, por exemplo. Os mestres juremeiros Lucas e Leandro em Retratos... (2019c) e Catimbó... (2019)

⁷ Beberagem: bebida com infusão de ervas medicinais.

respectivamente, relatam que mediante o ritual de tombamento, ou seja, iniciação à Jurema, que o iniciado se conecta com seu mestre ou mestra espiritual e conhece as cidades e os reinados da entidade espiritual que irá lhe acompanhar na religião e quando retorna ao plano físico, deve contar suas visões espirituais ao Mestre que está realizando a cerimônia. Caso o iniciado não se lembre da sua experiência no mundo sobrenatural, o rito deve ser repetido.

A Jurema Sagrada ou Catimbó é uma religião de ancestralidade, de preservação histórica, e sobretudo de mudanças e adaptações ágeis, por isso não há livros que as ensinem e seus conhecimentos são transmitidos através da oralidade e muito desse saber só pode ser revelado para aqueles que vivem a Jurema.

“Jurema não se discute nem pra quê, nem porquê!” – Juremeiro Leandro Nobre (CATIMBÓ, 2019, informação verbal).

Assim sendo, é possível compreender que as religiões de matriz africana possuem algumas características em comum como o transcurso de branqueamento imposto pela sociedade e pelo processo escravocrata brasileiro que não podem ser deixadas de lado.

Há ainda muitas outras religiões não citadas que possuem traços africanos extremamente evidentes em suas ritualísticas e que são de suma importância para a formação histórica cultural religiosa do país. Contudo, na visão da autora, essas quatro vertentes apresentadas previamente abrangem de forma sucinta os ritos realizados na casa em que o estudo de caso desta pesquisa foi aplicado.

O candomblé traz as referências ao culto do orixá africano, a grande bagagem mitológica e muito da organização hierárquica. Por sua vez, o Tambor de Mina influi na valorização do feminino, já que o ritual era primariamente realizado somente por mulheres e também soma a vasta legião de espíritos diversificados, pois os seres encantados são o principal desígnio do rito.

Já Terecô agrega além da forte representatividade católica, o grande destaque dos festejos e comemorações do calendário litúrgico. E por fim, a Jurema Sagrada influi no reconhecimento a ciência, propriamente dita, no respeito a natureza e ao meio ambiente e principalmente no enaltecimento da sabedoria da medicina natural.

3 UMBANDA – O MITO FUNDADOR

*Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar
José Manuel Alves*

Na atualidade, as reflexões sobre a trajetória umbandista se fazem cada vez mais presentes, seja na vida de estudiosos como historiadores, antropólogos, sociólogos, teólogos e afins; ou então dos próprios adeptos, que buscam conhecer e compreender o processo de constituição histórico de sua religião. Por esse motivo, há diversos estudos sobre essa religião tão circunvalada de memórias e histórias.

A narrativa mais conhecida sobre sua constituição é a passagem protagonizada por Zélio Fernandino de Moraes (Figura 24), que ficou conhecida pelos intelectuais como “o mito da fundação da Umbanda”, como denomina Sá Júnior (2012).

Figura 24: Zélio Fernandino de Moraes



Fonte: Barbosa Júnior (2011)

Esse *mito* acontece em um período de grandes mudanças estruturais no Brasil. O fim da escravidão e Proclamação da República marcam a época de introdução do negro na sociedade e conseqüentemente seu branqueamento.

São essas transformações que propiciam no Rio de Janeiro, inicialmente nas camadas mais pobres da população e depois alcançando a classe média, um contato entre os elementos rituais dos cultos sincréticos reunidos sobre o termo macumba com o espiritismo kardecista, que havia chegado ao Brasil na segunda metade do século XIX e já gozava de certa expansão. Dessa síntese principal teria nascido a umbanda. E é também esse contexto que dá origem ao que se tem chamado (entre os escritores acadêmicos) de mito de fundação da religião, ou então de anunciação da umbanda (entre os adeptos), datado de 15 de novembro de 1908 (ORTIZ, 1999 *apud* ROHDE, 2009 p.79).

A data marca o dia em que Zélio de Moraes, com seus 17 anos de idade, foi a primeira vez à recém fundada Federação Kardecista de Niterói, cidade onde residia, para tentar encontrar uma solução para os ataques que vinha sofrendo.

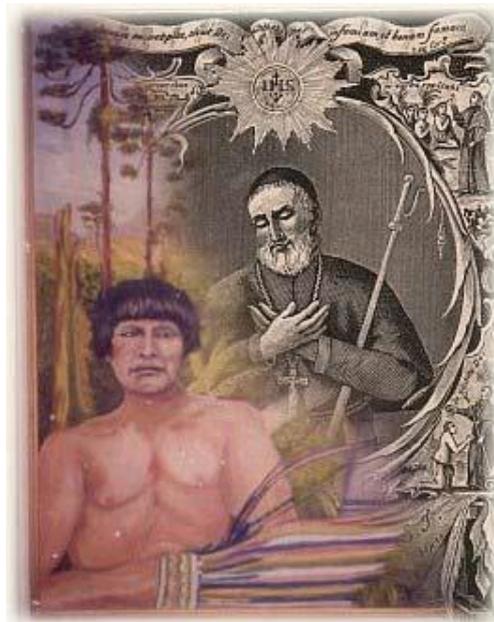
Acontecimentos esses que fizeram o jovem ser levado aos médicos, pois se pareciam com crises de epilepsia. Entretanto sem diagnóstico para tal, um tio do menino, que era padre, o levou para algumas sessões de exorcismo católico, estas também não surtiram efeito. E, como último recurso, o levaram a Federação como descreve Sá Júnior (2012).

“Lá os ‘ataques’ aconteceram e houve um entabular de conversação entre um membro da federação, Sr. José de Souza, e as manifestações de Zélio. Médiun vidente, ou seja, capaz de ver os espíritos desencarnados [...]” (SÁ JÚNIOR, 2012, p.5).

De acordo com Rohde (2009), espíritos de negros escravizados e índios nativos começaram a se manifestar na sessão e prontamente foram escorraçados do trabalho espiritual, pois eram espíritos ‘atrasados’, ou seja, de nível inferior tanto culturalmente quanto moralmente, não podendo permanecer incorporados nos médiuns que estavam à mesa, esse conceito ainda é comum entre os kardecistas.

O espírito incorporado em Zélio que defendia aqueles outros espíritos que eram escorraçados do rito, é questionado pelo médium vidente, já que se dizia indígena, porém sua aparência era de um padre. O espírito então responde que em uma encarnação anterior teria sido padre, Dom Gabriel de Malagrida (Figura 25), e fora morto na fogueira da inquisição. E continua dizendo que, em sua última encarnação, Deus, permitiu-lhe reencarnar em solo brasileiro como índio.

Figura 25: Dom Gabriel de Malagrida e Caboclo das Sete Encruzilhadas



Fonte: Passos (2019)

As interpelações continuam e o vidente pergunta qual o nome daquele espírito, que prontamente responde:

Se é preciso que eu tenha um nome, digam que sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, **pois para mim não existirão caminhos fechados**. Venho trazer a Umbanda, uma **religião que** harmonizará as famílias e **que há de perdurar até o final dos séculos**" (SARACENI, 2003 *apud* SÁ JÚNIOR 2012 p.05, grifos nossos).

Rohde (2009) descreve que o Caboclo das Sete Encruzilhadas diz ainda, que, se não há espaços para índios e negros, que também são filhos de Deus, mas são considerados por aquela Federação como atrasados, ele mesmo fundaria um culto, na noite seguinte na casa de seu médium, onde aqueles espíritos seriam bem recebidos.

Então como esperado, na noite do dia 16 de novembro na casa da família Moraes, as 20h em ponto manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que anunciou o novo culto e ditou as regras para seu desenvolvimento. O caboclo definiu ainda a Umbanda como manifestação do espírito para caridade (JARDIM, 2017).

Em meio à multidão que se fazia presente o espírito diz ainda:

[...] qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, **independente daquilo que haja sido em vida**, todos serão ouvidos e nós aprenderemos

com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e **a nenhum viraremos as costas e nem diremos não**, pois esta é a vontade do Pai (SARACENI, 2003 *apud* SÁ JÚNIOR, 2012 p.06, grifos nossos).

O espírito se retira do corpo do jovem e permite a manifestação de mais duas entidades que se identificaram como Pai Antonio, espírito caracterizado pelo que denomina-se de Preto Velho e o Orixá Malet (poucas informações descritivas foram encontradas pela autora).

A matriz de culto originária foi ditada conforme os moldes do kardecismo como a reprovação do uso de atabaques e outros instrumentos religiosos, palmas, danças, entre outras questões. Essas fundamentações foram mantidas ao longo dos anos e permanecem atualmente no regulamento da casa (TENSP, [201-?a]).

Portanto, estava oficialmente fundada a primeira tenda de Umbanda, a qual recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pois assim como a mãe de Jesus recebeu a todos de braços abertos, os que ali frequentassem fariam o mesmo. (Figura 26).

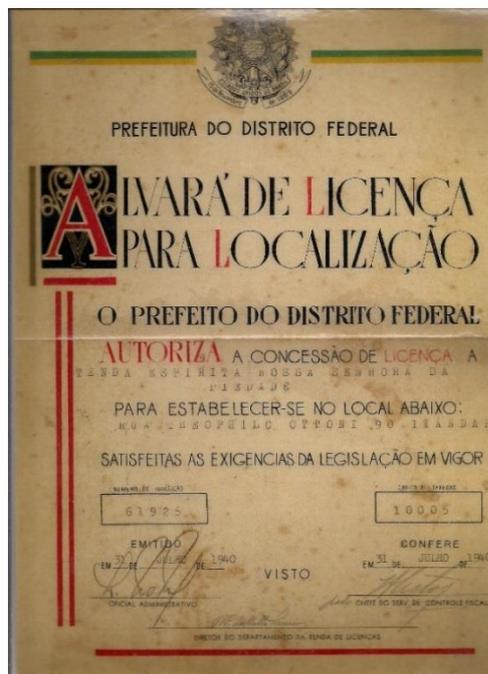
Figura 26: Casa de Zélio que abrigou a TENSP



Fonte: Monteagudo (2011)

Localizada na Rua Floriano Peixoto, nº30 (Neves, São Gonçalo), onde Zélio residia, a TENSP foi autorizada a funcionar legalmente através de um alvará emitido pela Prefeitura do Rio de Janeiro como mostrado na Figura 27, sendo atuante espiritualmente e socialmente até os dias atuais, mantendo as regras ditadas pelo Chefe, como os participantes da casa chamam, carinhosamente, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (TENSP, [201-?a]).

Figura 27: Alvará de funcionamento da Tenda



Fonte: TENSF ([201-?b])

Ainda de acordo com TENSF ([201-?a]), após a estruturação inicial da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou a constituição de mais sete casas espirituais, a partir do corpo espiritual da Tenda, afim de difundir aquele culto. Sendo elas:

- Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, 1918;
- Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, 1927;
- Tenda Espírita Santa Bárbara, 1933;
- Tenda Espírita São Pedro, 1935;
- Tenda Espírita São Jorge, 1935;
- Tenda Espírita São Jerônimo 1935;
- Tenda Espírita Oxalá, 1939.

Zélio de Moares, o fundador, mantinha reuniões constantes com os membros corpo diretivo para que a tão novata religião fosse estruturada e se desenvolvesse de forma igualitária dentre as tendas filiadas. (Figura 28).

Figura 28: Reunião com os dirigentes das tendas presidida por Zélio



Fonte: Barbosa Júnior (2011).

A partir da década de 1940, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade passou por diversos endereços, todos no Rio de Janeiro e curiosamente todas as suas sedes foram demolidas, inclusive a antiga residência do jovem, (Figura 29),

Figura 29: TENSPP em fase de demolição



Fonte: Dias (2015)

Atualmente, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade se aloja na Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu – RJ. O prédio foi fundado em 1950, também por Zélio, e abrigava a Cabana de Pai Antonio, local onde eram realizadas celebrações especiais da Tenda. A edificação possui estrutura muito diferente da casa onde se iniciou a religião como observado na Figura 30 (TENSPP, [201-?a]).

Figura 30: Atual sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade - RJ



Fonte: Guimarães (2009)

A continuidade dos trabalhos após o afastamento e posterior falecimento de Zélio de Moraes em 3 de outubro de 1975, aos 81 anos de idade, se deu através de seus descendentes diretos. Primeiramente sua filha mais velha Zélia de Moraes Lacerda, subsequente de sua outra filha Zilméia Moraes da Cunha, que foi seguida de sua filha Lygia. Na atualidade a casa é dirigida por Leonardo Cunha, filho de Lygia, bisneto de Zélio. Leonardo conta com o apoio de seu irmão Marcelo e dos integrantes da casa para manter as tradições vivas (TENSP, [201-?a]).

De acordo com TENSP ([201-?a]), a atual sede recebe visitantes previamente agendados pelo site⁸ da Tenda, nos dias de sessão. As visitas estão temporariamente suspensas desde o ano de 2020, devido a pandemia de Covid-19, sem previsão de retorno.

3.1 Contrariando o mito

Como vimos no capítulo precedente, a passagem de Zélio de Moraes como fundador da Umbanda é a mais difundida entre umbandistas e teólogos. Contudo, não é a única interpretação verossímil.

⁸ Endereço eletrônico TENSP: <https://www.tensp.org/>

No artigo “A Invenção do Brasil no Mito Fundador da Umbanda” de Sá Júnior, deixa lacunas de interpretação como podemos observar quando o autor diz:

A seguir, o mito de fundação realiza uma primeira aproximação entre a Umbanda que está sendo inventada e o seu passado associado à Macumba. Os “fatos estranhos” que acontecem com Zélio, se remetem a arquétipos de manifestações de espíritos da Macumba (SÁ JÚNIOR, 2012, p.7).

Sá Júnior traduz o termo macumba como:

Defino Macumba como a forma de expressão religiosa de base dos grupos africanos banto que, incorporando através de ressignificações elementos das religiosidades indígenas, africanas - dos grupos sudaneses - e européias, se desenvolveu no Brasil, sendo chamada no século XX em locais como o Rio de Janeiro de Umbanda (SÁ JÚNIOR, 2012, p.7).

Essa afirmação da proximidade da Umbanda com a Macumba nos faz refletir sobre a veracidade com que tratam o *mito fundador* como a única verdade, permitindo assim que a Umbanda fosse mais uma interpretação embranquecida dos cultos africanos, então marginalizados pela sociedade da época assim como diz Jardim, (2017, p.70): “[...] a religião teve que aderir a diversas táticas de desvinculação da nova religião às seitas afro-brasileiras, isto é, a Umbanda passou por um processo de embranquecimento com o auxílio do contato com o espiritismo kardecista⁹.”

Segundo Molina (2021), Zélio contribui para o branqueamento do culto, através de atitudes como a exigência de trajes claros, por exemplo. Já que naqueles tempos tecidos brancos como algodão e seda eram caros, culminando assim numa segregação social do rito. Além do posicionamento ocultista para com algumas categorias de espíritos à exemplo das crianças (denominados no rito umbandista de Erês) ou mesmo em relação a omissão de informações referentes a entidade denominada de Orixá Malet.

Ainda de acordo com Molina (2021), essa categoria de entidades é considerada um dos três pilares umbandistas, que são compostos por Caboclo, Preto Velho e Criança. Porém ela não estava relacionada com o pressuposto início da religião, não havendo de fato, nenhuma menção sobre essa linha por Zélio de Moraes.

⁹ Espiritismo Kardecista é uma doutrina científica, filosófica e mediúnica iniciada pelo estudioso Denizard Hippolyte Leon Rivail, conhecido como Allan Kardec, na França no ano de 1857, quando codificou o “Livro dos Espíritos”, livro que marca o início do espiritismo.

Esses ‘três pilares’ juntos formam o que é denominada pelos adeptos de tríade ou trindade de Umbanda. Formada então pelos Pretos Velhos que representam a sabedoria e a elevação espiritual. Pelos caboclos, que são os indígenas e simbolizam o braço forte, a coragem e a resistência e por último as crianças ou erês, que caracterizam doçura, inocência e ingenuidade (CACO, 2018).

Por esta razão alguns atribuem à Zélio e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas o título de apresentadores ou codificadores da religião, já que de alguma forma, em outras localidades aquela manifestação dessa categoria de espíritos já existia como disse Molina (2021).

O termo apresentador, não deve de forma alguma, transparecer inferioridade a ambos, pois se não existisse um médium que permitisse a incorporação do espírito indígena em um rito onde ele não possuía seu espaço, e nem esta entidade para desvelar a real importância dos espíritos, então escorraçados daquele culto, para a prática do bem e da caridade, muito provavelmente não haveria um rito com o nome de Umbanda na atualidade.

A autora, apesar de compatibilizar com a visão da existência do rito antes da ‘fundação’ protagonizada por Zélio de Moraes, adotará neste trabalho uma cronologia a partir do ano de 1908, pois independentemente de quando ou com qual nome se iniciou a religião, faz-se necessário um ponto de partida para que seja possível assimilar as transformações sofridas pela mesma durante o decorrer dos anos.

3.2 As vertentes umbandistas

Sete Linhas de Umbanda

Sete Linhas pra vencer...

Autor desconhecido

As mudanças são inevitáveis em vários aspectos da vida, principalmente quando trata-se de tempo transcorrido. A evolução é algo de extrema importância para os umbandistas, pois aprende-se constantemente com os erros, buscando através destes ensinamentos necessários para o progresso espiritual.

Essa evolução devido a passagem dos anos e o amadurecimento da doutrina que viera à tona, resultou no desmembramento de uma “única” Umbanda em algumas vertentes que ainda são conhecidas e praticadas por seus dirigentes e filhos de santo. Entretanto essas diferentes variações não implicam em ritos completamente opostos ou irreconhecíveis, apenas alguns pontos da liturgia, pontos cantados (como é chamada a musicalidade umbandista), vestimenta e até mesmo do layout físico da casa acabam destoando entre si, mas sempre mantendo o propósito ditado pelo Caboclo das Sete Encruzilhada: “ a manifestação do espírito para a prática da caridade. ” (TENSP, ([201-?b]), p.01).

De acordo com alguns umbandistas, a Umbanda pode se subdividir entre cinco a sete vertentes, porém como a liturgia é passada de forma oral durante gerações e não está baseada em um livro sagrado, assim como acontecem nas religiões pautadas na Bíblia Sagrada, podem haver inúmeras interpretações sobre vertentes. A presente pesquisa expõe seis dessas variações.

3.2.1 Umbanda Branca

Essa vertente da religião é a apresentada por Zélio Fernandino de Moraes e segue os dogmas do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Pode também ser chamada de Umbanda Tradicional, o que segundo Rainho (2018), pode ser um nome questionável, já que toda religião segue uma tradição. O autor garante ainda, que a primeira denominação que a Umbanda Branca recebeu foi Alabanda ou Allabhandanda.

Porém, outro título utilizado para designar esta linhagem é Umbanda de Mesa Branca ou Linha Branca de Umbanda, como explica Gregório (2018). Termos estes que nos remetem a forma como se deu a anunciação do culto: em uma sessão de mesa branca¹⁰.

Para ambos os autores existe uma forte ligação entre os santos católicos e a representação dos orixás que assumem as linhas de trabalho. Estas que para Rainho (2018), dividem-se em sete sendo: Linha de Oxalá, Linha de Ogum, Linha de Euxosse,

¹⁰ Mesa Branca é o nome popular das sessões espíritas, ligadas ao Kardecismo.

Linha de Xangô, Linha de Nhã Shan, Linha de Almanjar e Linha das Almas. As entidades que mais se manifestam são caboclos e pretos-velhos.

Já Gregório (2018) assume os caboclos e pretos velhos como linhas de trabalho e conseqüentemente sua divisão assume nove fragmentações.

Nas casas onde se pratica a Umbanda Branca não há toques de atabaque¹¹ e não é permitido bater palmas para acompanhar a musicalidade. A vestimenta é padronizada e as roupas são brancas em todas as sessões. Utilizam elementos como: colares de proteção, bebida, fumo, velas, imagens, etc.

3.2.2 Aumbandã

Também conhecida por Umbanda Esotérica ou Umbanda Mirim, foi iniciada por Benjamim Gonçalves Figueiredo, médium que foi preparado por Zélio e seu Caboclo, que em um ritual, o levava para o mar de onde Benjamim teria saído incorporado com Caboclo Mirim. O nome da entidade foi utilizado para designar essa vertente umbandista (RAINHO, 2018).

Em 1924 quando ocorreu a manifestação do Caboclo Mirim, além de uma nova forma de culto, a entidade instituiu uma nova casa no Rio de Janeiro, denominada de Tenda Espírita Mirim, que na atualidade conta com doze filiais, sendo onze espalhadas pelo Brasil e uma unidade instalada na Califórnia, Estados Unidos (GREGÓRIO, 2018).

Os autores anteriormente citados corroboram na ideia de divisão de linhagem de trabalho, sendo os orixás: Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Obaluaiê, Iemanjá, Oxum, Iansã e Nanã. E as linhas de trabalho são constituídas por sete divisões: Oxalá, Iemanjá (onde agregam-se Oxum, Iansã e Nanã), Ogum, Oxóssi, Xangô, Oriente (entidades orientais, essa linha comumente é conhecida por abrigar espíritos de outras etnias como ciganos, árabes, indianos, espanhóis, etc além é claro, dos orientais propriamente ditos) e Yofá, que engloba os pretos e pretas velhas, espíritos de pessoas negras escravizadas.

¹¹ Atabaque: instrumento de percussão feito em madeira e couro. Acompanha os pontos cantados fazendo a melodia.

Nesta variação da Umbanda diferente da Umbanda Branca os únicos elementos ritualísticos permitidos são o fumo e o defumador. As vestimentas assim como na vertente anterior são sempre brancas.

3.2.3 Aumbhandã

O termo aproximado do anterior, que também pode ser conhecido como Umbanda Esotérica de Guiné, ou Umbanda de Pai Guiné, tem por precursor Woodrow Wilson da Matta e Silva, como elucida Rainho (2018). Essa vertente cultua uma perspectiva mais esotérica de fato como o indianismo e acredita-se que a Umbanda é um conhecimento milenar que está disposto ao conhecimento de toda humanidade.

Também não possui imagens católicas ou ligação com orixás africanos e suas divisões se dão entre: Orixalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yemanjá, Yori e Yorimá que são identificados por pontos riscados como continua o autor. As entidades que se manifestam são primordialmente caboclos, pretos velhos e crianças.

3.2.4 Umbanda Omolocô

Essa variação foi instituída através de Tancredo da Silva Pinto, mais conhecido como Tatá Tancredo, também no Rio de Janeiro próximo a década de 1950 (GREGÓRIO, 2018).

Rainho (2018) destaca que essa vertente também pode ser conhecida como Umbanda Traçada, pois possui grande influência africana, principalmente do culto Omolokô, rito que se relaciona diretamente com o Candomblé.

De acordo com as informações expostas por Gregório (2018), o sincretismo católico é muito presente, logo não é incomum encontrar altares formados por imagens de santos católicos que representam as nove linhagens dessa vertente, que são semelhantes aos orixás da Aumbandã.

Quanto as entidades que incorporam para atendimento, estas são divididas entre caboclos, pretos velhos, crianças, ciganos, exus e assim conseqüentemente, excluindo a premissa de que somente a tríade de Umbanda (caboclos, pretos velhos

e erês) sejam evoluídos e possam aconselhar aqueles que buscam aconselhamento espiritual nos terreiros de Umbanda.

3.2.5 Umbanda das Almas

Também denominada de Umbanda de Angola, é outra derivação que agrega conteúdo do Candomblé, entretanto agora, da nação Angola, ou o que popularmente é conhecido por Candomblé de Caboclo. Rainho (2018) explica que essa variante possui em seu culto diversos orixás e entidades, não se retendo apenas aos que já fora demonstrado anteriormente, abrigando assim orixás africanos e entidades de diversas linhas de trabalho.

Pode-se dizer que esta seja uma das vertentes com mais possibilidades de interpretação e também com maior dificuldade de identificação, já que abriga em seu culto uma amplitude de espíritos.

3.2.6 Umbanda Sagrada

A variante mais recente apresentada ao plano físico, tem aproximadamente vinte e cinco anos. Tem como codificador Pai Rubens Saraceni (Figura 31), natural de Osvaldo Cruz, São Paulo, trouxe a doutrina à tona por volta de 1996, também na capital paulista, através da incorporação do seu Preto Velho Pai Benedito de Aruanda, que dá nome ao Colégio Umbandista posteriormente fundado, e de seu caboclo Sr. Ogum Sete Espadas, entidade correspondente a linha de Ogum. (GREGÓRIO, 2018).

Figura 31: Rubens Saraceni



Fonte: Celete (2018)

Rainho (2018) enfatiza a readequação das sete linhas de trabalho, que Rubens denominou de tronos divinos. Esses tronos são formados por dois orixás, sendo sempre um feminino e um masculino, logo, faz-se presente o culto a catorze orixás que são segmentados conforme a Figura 32.

Figura 32: Quadro de Organização de Tronos da Umbanda Sagrada

Nome do Trono	Orixá Masculino	Orixá Feminino
Fé	Oxalá	Oiá
Amor	Oxumarê	Oxum
Conhecimento	Oxóssi	Obá
Justiça	Xangô	Egunitá
Lei	Ogum	Iansã
Evolução	Obaluaiê	Naná
Geração	Omolu	Iemanjá

Fonte: Autora (2020)

A proximidade da autora, durante aproximadamente treze anos com essa doutrina, a permite acervar que, dentro dos ensinamentos essa forma de segmentação dos orixás traduz, segundo os conceitos de Pai Rubens, os sete sentidos da vida (nomes dos tronos) que o indivíduo possui e precisa evoluir.

A Umbanda Sagrada segue uma doutrina muito particular, que foi difundida através de literatura e cursos presenciais ministrados pelo precursor. Nela pode-se encontrar diversas linhas que prestam atendimento aos consulentes como: baianos, boiadeiros, marinheiros, ciganos entre outros, além é claro, da tríade Umbandista.

Pode-se dizer que a Umbanda Sagrada seja a vertente que possui maior possibilidade de transmissão devido a vasta gama de livros publicados tanto por Saraceni, quanto por seus seguidores: Alexandre Cumino, Rodrigo Queiroz, Adriano Camargo e outros. Além de ter se apresentado ao mundo terreno em uma época de maior tecnologia, contando com a divulgação pelos meios virtuais, como as redes sociais e as plataformas de estudo em casa, por exemplo.

De acordo com Santiago (2021), o saber codificado por Mestre Rubens veio para suprir o umbandista que necessitava de conhecimentos palpáveis e explicações que antigamente eram restritas aos Pais e Mães já consagrados dentro da religião. Rubens contribuiu tanto religiosamente, quanto magisticamente, abrindo uma nova 'ciência' dentro da religião, a Magia Divina.

Pai Rubens Saraceni deixou o plano físico no dia 09 de março de 2015, aos 63 anos, deixando além de muitas obras literárias reconhecidas como: O Cavaleiro da Estrela Guia, O guardião da Meia Noite, Código de Umbanda e Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada – A Religião dos Mistérios, entre tantos outros títulos (CELETE, 2018). Saraceni, deixou muito o saber humilde, a tradução do conhecimento e o incentivo ao estudo dentro da religião

3.3 A única banda

*De lá vem vindo, de lá vem só
De lá vem vindo a força maior
De lá vindo, de lá bem só
De lá trazendo a força maior
Autor desconhecido*

Apesar das diferentes ramificações e dos mais diversos nomes que possam receber, as vertentes de Umbanda mantêm seu propósito inicial da manifestação do espírito para caridade assim como disse o Caboclo das Sete Encruzilhadas há mais de um século. O acolhimento a todos os espíritos, também se manteve e continua-se ensinando aos que souberem menos e aprendendo com os que sabem mais.

Em vivência no meio religioso a autora assegura que a estrutura física dos terreiros de Umbanda também se organizam de forma hierárquica, sendo o cargo de maior autoridade o Pai ou Mãe de Santo, também denominados de dirigentes espirituais, logo abaixo estão os Pais ou Mães Pequenos, os atabaqueiros, que são aqueles que tocam os atabaques nos cultos, podendo ser homens e/ou mulheres, o que difere do Candomblé, onde só homens podem tocar.

Por último, há os outros médiuns podem se dividir entre assistas e cambones, sendo o primeiro grupo aqueles que sedem seus corpos físicos para as manifestações das entidades que darão passe (consulta espiritual) e o segundo são os médiuns que auxiliam as entidades incorporadas tanto física quanto espiritualmente, porém não entram em transe, ou ainda estão no processo de desenvolvimento mediúnico, ou seja, aprendendo a lidar com a sua mediunidade.

Essas estruturas hierárquicas podem ser distinguidas através de guias (fios de conta), vestimentas e até pelo modo com que se cumprimentam, assim como acontece nos outros cultos de matrizes africanas que já foram apresentados, assegurando mais uma vez a influência que estes exercem na base umbandista.

As casas que preservam seus alicerces nos ensinamentos longínquos realizam suas giras (como é denominado o culto umbandista) com periodicidade, e podem acontecer a cada quinze dias, até duas vezes na semana, o dia é designado pela entidade chefe da casa, mantendo-se sempre neste dia da semana.

Os atendimentos espirituais são sempre realizados afim de orientar aqueles que buscam ajuda sempre pelo caminho do bem e da retidão em busca da evolução espiritual de forma gratuita. Essas instituições religiosas sobrevivem através de doações e de uma colaboração financeira simbólica daqueles que integram a corrente mediúnica com a finalidade de custear gastos como aluguel, energia, água, descartáveis, entre outros materiais necessários para as giras.

4 AS CICATRIZES

Ninguém ouviu

Um soluçar de dor

No canto do Brasil

Paulo César Pinheiro

Como já enfatizado, os negros, não cristãos, sofreram com chibatadas, açoites, e as mais diversas torturas e atrocidades. Atitudes inadmissíveis. Porém muito se engana quem acredita que com a abolição da escravatura em 1888 e com o passar dos séculos esse tipo de prática absurda se findou. Tanto continuou que atualmente os adeptos de matrizes africanas, sofrem com preconceito e racismo religioso.

De acordo com Araujo (2012), a Constituição Brasileira, através de seu art. 5º, VI, dos direitos e garantias, garante o Estado Laico, ou seja, assegura que todos tenham liberdade religiosa para optarem qual doutrina, crença, credo queiram professar.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a **liberdade** de consciência e **de crença**, sendo assegurado o **livre exercício dos cultos religiosos** e garantida, na forma da lei, a **proteção aos locais de culto e a suas liturgias**; (BRASIL, 1988a, p.1, grifos nossos).

Os artigos 215 e 216 também contribuem para preservação e perenidade da cultura afro brasileira.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1998b, p.1).

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem.

§4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1998c, p.1)

Conforme Campos e Rubert (2014), O Código Penal Brasileiro de 1940 também contribui para a criminalização de atos de intolerância religiosa, mediante a Lei nº 9.459/1997 no art. 20 que salienta que praticar, induzir ou incitar a discriminação seja ela qual for, inclusive religiosa, acarreta pena de reclusão que pode ser de um a três anos, mais multa. E acrescentam ainda que também se encontra no código penal, no art. 208, Decreto Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940 as garantias abaixo.

Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipêndiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena - detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano, ou multa.

Parágrafo único – Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência. (BRASIL, 1940, *apud* CAMPOS E RUBERT, p.298).

Contudo, lastimavelmente, as Leis não são cumpridas pela sociedade civil e muitas vezes, inclusive, pelo poder público e forças de segurança com equidade entre as religiões, principalmente quando se trata de religiões afros.

Os atos de racismo e perseguição religiosa são recorrentes e acontecem diariamente partindo desde comentários ignorantes e piadas funestas até depredação de patrimônio e agressões físicas.

Um exemplo claro atitude preconceituosa relatada pelo irmão Heberon (Figura 33). Homem negro, ex cabo do Exército Brasileiro, atualmente radiologista, candomblecista, filho do Ilê Asé Omo Odé Onipapo (Asé Lowow) de Campo Limpo Paulista-SP, dirigido pelo Babalorixá Anderson Ty Onipapo, em depoimento concedido para realização deste trabalho.

Figura 33: Heberon Hagaga



Fonte: Acervo Pessoal de Heberon (2020)

Heberon narra que certa vez o barracão do qual faz parte estava em função (nome dado ao dia de ritos internos da casa), e houve a necessidade da aquisição de mais um frango para a sacralização do ritual. Então alguns filhos se dispuseram a ir até uma agropecuária que vendia animais, porém como estavam em atividades no Ilê, foram vestidos com suas roupas e indumentárias tradicionais de culto (SILVA, 2021).

Chegando no local eles realizaram o pedido e logo foram questionados pela atendente sobre qual a finalidade da compra do animal e quando revelaram que seria para sacrifício e sacralização dentro do Candomblé a atendente se negou a realizar a venda. Por sua vez, Pai Anderson instruído de seus direitos informou à moça que o ato dela poderia ser enquadrado como preconceito religioso previsto em lei. A Mãe Ekedji da casa também questionou a vendedora sobre a venda de animais em supermercados para datas festivas de outras religiões, mostrando que a única diferença é que o animal seria abatido dentro de um rito e já a carne disponível no mercado fora abatida em um frigorífico. Por fim o ato intolerante só se findou quando o gerente da loja interveio e permitiu a venda (SILVA, 2021).

Neste relato pode-se notar o desconhecimento e a preconceção por parte da vendedora que, claramente, não tinha conhecimento ou apenas ignorava as leis que criminalizam suas atitudes, bem como a reprodução de um pré-conceito imposto pela sociedade cristã que coíbe o sacrifício animal afro religioso, mas que revalida o consumo de bacalhau na páscoa, por exemplo. Sendo que a única diferença é a forma como o animal é adquirido e não a sua finalidade, reforçando o fato de que o

Outra postura religiosamente racista foi exposta por Leonardo Molina (Figura 34), homem branco, de 33 anos, morador da capital paulista, professor de música afro religiosa, durante sua entrevista.

Figura 34: Leonardo Molina



Fonte: Acervo Pessoal de Leonardo Molina (2020)

Segundo Molina (2021), há pouco tempo os dirigentes da casa que frequenta estavam em busca de um novo local na cidade de São Paulo para abrigar o terreiro e acabaram encontrando um galpão grande e com preço acessível.

Na visita ao local foram questionados sobre a finalidade da locação e ao revelarem que seria para abrigar um terreiro de Umbanda, o locatário negou sob alegação de que o pastor de sua igreja desaprovava essa relação e ele preferia não se opor. Contudo após aproximadamente três meses, o locatário os procurou para uma possível negociação para que o negócio fosse realizado, mas obviamente o Pai de Santo já havia arrumado outro lugar, e mesmo se não tivesse encontrado, não locaria o galpão depois do ato de racismo (MOLINA, 2021).

Em ambas as situações, pode-se evidenciar as razões pelas quais o preconceito e o racismo religioso ainda estão excessivamente presentes no cotidiano: a ignorância e a manipulação doutrinária de religiões distintas às de matrizes africanas, e o preconceito racial existente em diversos aspectos da sociedade deixaram claro que os atos de intolerância são manifestados contra seus adeptos indiscriminadamente.

Os atos de violência e perseguição independem de classe social, cor de pele, nível de escolaridade ou localização geográfica, já que as situações semelhantes ocorreram em cidades diferentes e com pessoas de cor de pele distintas.

Esses exemplos retratam situações diárias que as comunidades de santo enfrentam e que muitas vezes acabam sendo veladas, seja por desconhecimento da vítima de seus direitos e leis a seu favor, ou ainda pelo simples fato de acreditar ser somente um comentário sem importância e não querer estender a discussão. Guerrear diariamente contra atitudes racistas, por vezes, deixa o adepto de matriz africana exausto, fazendo com que esses atos tenham seus impactos diminuídos e porque não dizer desprezados.

Entretanto são a partir dessas 'pequenas, insignificantes' e recorrentes ações e falas que nascem histórias insensatas e inimagináveis de preconceito e agressões como observado no próximo capítulo que se desdobrará a apresentar o estudo de caso desta pesquisa.

5 TEMPLO DE UMBANDA CABOCLO FLECHA DE OURO

*Flecha de Ouro lá na mata ele é o rei
Flecha de Ouro na Umbanda é o Tata
Lá na mata sua flecha zoa
Zoa quando sobe, quando desce ela mata
Ele é o rei, ele é o Tata*

Autor desconhecido

O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro está alocado na Rua Silva Jardim, 503 – Vianelo, área central do município de Jundiaí, interior de São Paulo. A casa inaugurou-se em 29 de maio de 1991 com uma gira de Pretos Velhos. Este ano o templo completa suas Bodas de Nácar, comemoração aos seus 31 anos de fundação (Figura 35).

Figura 35: Fachada do Templo



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

O Templo, atualmente, conta com um corpo mediúnico aproximado de 60 médiuns atuantes, dentre eles homens, mulheres, idosos e jovens, de diversas classes sociais, formações, profissões e etc. atendendo, espiritualmente, todas as semanas em torno de 180 a 200 pessoas gratuitamente (FLECHA DE OURO, 2021).

A casa é uma das maiores incentivadoras do estudo umbandista na região, abrigando durante alguns anos a sede do Colégio de Tradição de Magia Divina, de

Pai Rubens Saraceni em Jundiáí. Esse estímulo a aprendizagem não se restringe estritamente a assuntos práticos e religiosos, mas também acadêmicos.

De acordo com Santiago (2021), o templo teve seu momento dentro dos ensinamentos da Umbanda Sagrada, porém sempre preservou suas raízes na Umbanda ditada pelas próprias entidades chefas da casa e em sua existência o Tambor de Mina agregou-se nas linhagens de trabalho sendo instaurado na casa pelas próprias entidades encantadas.

A que chefia a linha de Encantaria no Flecha de Ouro é conhecida como Princesa ou Cabocla Herundina. É a irmã mais velha das três filhas do Rei da Turquia (MARTINS, 2011). As princesas Herundina, Mariana e Jarina vieram em seus navios fugindo das guerras e se encantaram, ou seja, assumiram a forma de invisíveis (A DESCOBERTA...[2004?]).

Martins (2011) comenta ainda que a relação entre médium e encantada se dá através do senso de responsabilidade e coragem; por sempre buscarem ajudar seu semelhante. Os atos de bravura de Mãe Luciana atraíram a encantada para trabalharem espiritualmente juntas.

Essa linha de trabalho foi tema de diversas pesquisas acadêmicas. A mais conhecida delas foi a dissertação de mestrado: Encantaria na Umbanda, realizada pela pesquisadora citada a cima, Júlia Ritez Martins apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, em 2011.

Retomando sobre o templo, suas giras ocorrem sempre as quartas-feiras, contudo com a chegada da pandemia de Covid-19 as atividades foram suspensas em março de 2020, mantendo-se suspensas até que seja seguro para retomar os trabalhos espirituais. (FLECHA DE OURO, 2020).

Durante a pandemia as atividades abertas ao público foram remodeladas para atender as exigências sanitárias e preservar a saúde e o bem-estar de todos. Flecha de Ouro, 2020 diz que o corpo diretivo da casa manteve as funções presenciais totalmente suspensas de março até setembro de 2020, quando de acordo com o Plano São Paulo foi permitido a retomada das atividades religiosas desde de cumprissem os protocolos de distanciamento e combate ao Corona Vírus.

Em setembro de 2020, o Flecha de Ouro readequou uma das suas maiores festividades, a Festa de São Cosme e Damião, e realizou assim uma cúpula (trabalho espiritual onde os consulentes¹² transitam por dentro de um corredor formado pelos médiuns da casa para receber as energias e o axé emanado pelas entidades espirituais). Neste dia passaram pela casa aproximadamente 250 pessoas durante as 3 horas de festividade (FLECHA DE OURO, 2020).

Como não era permitida a permanência de pessoas no local, essas passavam pelo corredor, faziam suas preces diante do altar e na saída recebiam a tradicional sacolinha de doces, que este ano contou com um bilhete escrito à mão pelos filhos da casa, uma forma de levar acalento e conforto a todos num momento tão difícil.

O acesso a casa só foi permitido para aqueles que trajavam máscaras e tiveram suas mãos previamente higienizadas na entrada do templo. Também foram disponibilizados frascos de álcool em gel durante todo o percurso da cúpula. Médiuns também usaram máscaras faciais durante todo o rito. E, todos, presentes mantiveram o distanciamento social aconselhado de 1,5m, como é possível observar na Figura 36.

*Eles eram dois, eles eram dois
Eles me curaram, numa brincadeira
Que eles fizeram, eles me curaram...
Autor desconhecido*

Figura 36: Cúpula de São Cosme e Damião



Fonte: Flecha de Ouro (2020)

¹² Consulentes: pessoas que frequentam terreiros para se consultar. Denominadas também de assistência.

Porém com o novo agravamento da pandemia as atividades foram novamente interrompidas e retomadas as transmissões ao vivo pelas redes sociais da casa, além de publicarem semanalmente rituais simples que todos interessados podem realizar para manter a conexão espiritual seguindo o calendário de atividades da casa.

5.1 A Dirigente e Sua Casa

*No amanhecer é que essa estrela brilha
No amanhecer é que ela se ilumina
[...]
É santa guerreira, se preciso for
Pra acabar com a guerra e espantar a dor
Autor desconhecido*

Possibilitando melhor compreensão da trajetória dos eventos realizados pelo Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, serão apresentadas e contextualizadas algumas passagens da vida da dirigente espiritual, Luciana Santiago (Figura 37) e da própria estruturação física e legal da casa.

Figura 37: Luciana Santiago



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Empresária e comerciante no ramo de artigos religiosos na cidade de Jundiaí-SP, atualmente tem 44 anos, casada e mãe carnal da autora desta pesquisa.

De acordo com a própria empresária, Santiago (2021) conta que sua história começa com um interesse demasiado em descobrir diversas religiões. Nascida em família católica e kardecista, ainda adolescente, frequentou várias Igrejas, de diversas doutrinas e os episódios sobrenaturais se iniciam no período em que frequentava a Igreja Metodista. Luciana relata em entrevista concedida para a realização deste trabalho, que ao ir à Igreja, ouvia durante as orações, vozes que rezavam em outras línguas, causando assim um estranhamento.

A dirigente conhece a Umbanda através de sua mãe e seu tio, que a encontraram um dia na rua e a convidaram para ir no centro ao qual estavam frequentando devido a problemas da família. E foi então, que, aos catorze anos de idade, Luciana tem o primeiro contato com a Umbanda e ao ouvir os atabaques tocarem teve certeza que havia encontrado seu lugar (SANTIAGO, 2021).

A jovem começa a frequentar e se desenvolver espiritualmente neste terreiro de Umbanda e também passa a integrar os trabalhos espirituais realizados pela avó, Dona Maria Brandoni, que era Presidente de Mesa Branca, em sua residência.

Em um desses trabalhos uma entidade, que nunca havia se apresentado antes, se manifesta através de Luciana e solicita:

Eu quero uma casa pra trabalhar!
Falaram: Ah, seja bem-vindo!
Vocês não estão entendendo. Eu vim para chefiar uma casa. Eu preciso de um espaço pra eu trabalhar. (SANTIAGO, 2021, informação verbal)

O tio assentiu o pedido daquela entidade que se identificou com o nome de Zé, e assim foi feito. Um quartinho de aproximadamente 8m² foi fechado no terreno da casa dos pais de Luciana, e, com uma mesa sendo seu altar, a menina se torna dirigente de uma casa espiritual, que precisaria ser registrada em federação¹³.

Entretanto, devido a sua pouca idade, a casa não poderia ser registrada legalmente em seu nome, e mais uma vez, seu tio se oferece para ajudar registrando assim a casa em seu nome, tornando-se assim presidente legal da instituição e Luciana a Mãe de santo da tenda respectivamente, como mostrado pela Figura 38.

¹³ Federações Umbandistas: instituições que regulamentam os templos, tendas, casas e terreiros de religiões de matriz africanas como Umbanda e Candomblé.

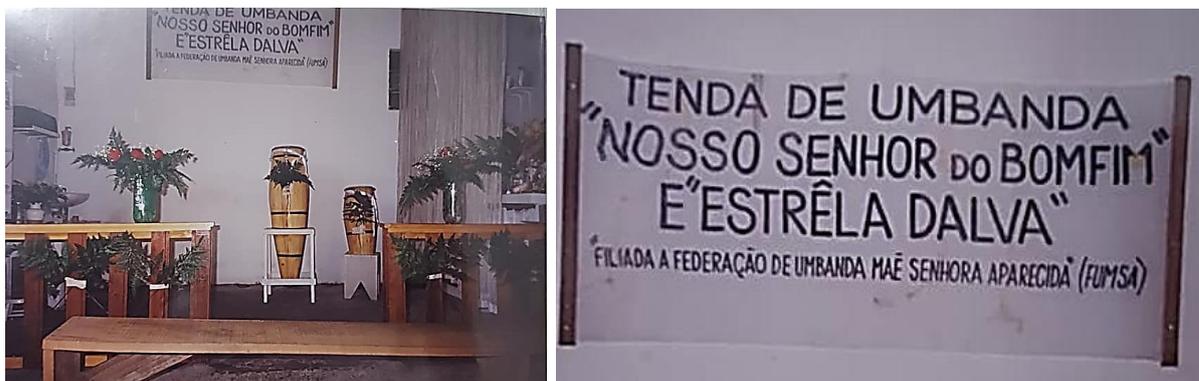
Figura 38: Luciana e seu tio



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Assim fundou-se a Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bonfim e Estrêla Dalva. O nome fazia referência ao santo padroeiro da Bahia, já que a entidade que se manifestou e pediu uma casa era um homem que se apresentara em uma roupagem espiritual de um baiano (SANTIAGO, 2021).

Figura 39: Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bomfim e Estrêla Dalva



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Os trabalhos transcorreram, e na realização da primeira festa de São Cosme e Damião, haviam sessenta pessoas neste pequeno quarto. Essa festividade ainda continua e com grande número de participantes como foi possível contemplar previamente, esse crescimento foi revelado de antemão pela mesma entidade: “Vai chegar um dia que o terreiro vai tomar todo esse terreno físico.” (SANTIAGO, 2021, informação verbal).

5.2 A Barbárie

*Estão querendo calar nosso tambor
Não querem mais que eu
Saúde o meu protetor
Mas meu tambor é Congo, Jêje e Nagô
Nem na chibata ele nunca calou...
Benedito Aparecido de Souza*

Assim como relatou Silva (2021) e Molina (2021) sobre a recorrência de atos preconceituosos, o T. U. Caboclo Flecha de Ouro e seus precursores não ficou isento de condutas intolerantes e bárbaras.

Segundo Santiago (2021), as demonstrações de racismo religioso se iniciaram ainda contra a Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bonfim e Estrela D'Alva, quando a mesma tinha dezoito anos. Essas atitudes partiram de uma determinada moradora da rua que sedia o terreiro e eram incentivadas, de forma velada, por alguns outros moradores que não eram adeptos e não respeitavam as religiões de matrizes africanas.

As denúncias se iniciam com a justificativa de barulho, porém o próprio denunciante alega que o barulho acontecia das oito as nove horas da noite. E de acordo os com fiscais da prefeitura, se há denúncia, eles têm obrigação de averiguar a ocorrência. Uma possível solução para esse impedimento era a obtenção de um alvará de funcionamento junto a prefeitura, emitido pela fiscalização do comércio. Entretanto o quartinho de madeira no grande terreno da casa, não era adequado para a emissão do documento. (SANTIAGO, 2021).

Santiago (2021) conta ainda que se informou de todas as exigências necessárias para que o alvará fosse expedido. Entre essas informações estavam características da construção como: ter no mínimo quatro metros de pé direito, tamanho específico de portas de aço com abertura para fora, banheiros em área externa, etc. Essas reformas custariam muito para uma instituição que vivia de doações e foi quando pensou em desistir.

A gente trabalhava num quartinho de madeira e aí eu me ajoelhei diante do altar e falei pros guias que eu ia fechar a casa e que a gente não ia ter condições, era uma coisa que custava muito dinheiro e eu não tinha. (SANTIAGO, 2021, informação verbal).

Mas a fé e a confiança nas entidades sempre foram seu alicerce.

Então a entidade falou pra mim assim: Olha minha filha, você confia em Deus?
 Eu disse: Confio!
 E em mim, você confia?
 Eu falei: “ Claro que confio! ”
 Ele falou: Então derruba tudo isso, põe tudo abaixo que nós vamos erguer outro!
 E assim eu fiz. (SANTIAGO, 2021, informação verbal).

A construção foi realizada de acordo com os requisitos necessários. Para isso o templo realizava ações de arrecadação e contavam ainda com doações. Além dos obstáculos da construção, as agressões verbais, ameaças e até agressões físicas eram habituais. Após dois anos, de construção e ameaças, em 1997 a casa estava quase pronta para ser reinaugurada. Todavia, devido a perseguição constante, e agora já maior de idade, a dirigente assume legalmente a casa, mas para que o ciclo fosse realmente encerrado, se fez necessário findar o registro da então Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bonfim e Estrela D'alva. (SANTIAGO, 2021)

Santiago (2021) diz ainda que o novo nome da casa foi dado por seu padrinho dentro da Umbanda, Pai Aguirre. Que ao registrar sua casa perguntou o nome de seu caboclo, e ela timidamente respondeu que sua entidade se apresentava com o nome de Caboclo Flecha de Ouro. Aguirre também indagou para qual orixá sua casa seria assentada e ela respondeu que não sabia. Ele então, tendo ciência das batalhas travadas para a edificação daquele terreiro respondeu:

Então, vamos fazer o seguinte: essa casa vai ser assentada pra Ogum! Porque com Ogum na frente, Ogum é general... [...] Com Ogum na frente ninguém vai parar sua casa! A sua casa jamais vai ser derrubada. E esse caboclo é um caboclo de brilho de sucesso ele é uma entidade que traz muito sucesso pra casa que ele chefia. A sua casa vai ser conhecida em todo lugar. A sua casa vai ser uma casa muito grande. Eu vou ver essa casa ficar grande. (SANTIAGO, 2021, informação verbal.)

Santiago (2021) relata ainda que naquele momento, agora como dirigente espiritual e presidente do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, voltaria para seu terreiro sem saber ao certo quais atitudes e os próximos passos a serem tomados,

já que era somente o início de uma nova jornada, mas que seguiria em seu propósito e não desistiria de legalizar e manter sua casa aberta.

E assim com planta aprovada (disponível no apêndice D – Documentos T. U. Caboclo Flecha de Ouro) e toda documentação necessária já concedida pela prefeitura, seguiram os trabalhos, entretanto as denúncias não pararam e as notificações como as da Figura 38 se acumulavam. (SANTIAGO, 2021).

Figura 40: Notificação emitida ao T. U. Caboclo Flecha de Ouro

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ
SECRETARIA DE FINANÇAS
SEÇÃO DE FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO

SÉRIE: **D I**
Nº: 28
REF: 20-0/199

AUTO DE INFRAÇÃO E IMPOSIÇÃO DE MULTA

INFRATOR:
NOME: LUCIANA SANTILÃO TAVARI
ENDEREÇO COMERCIAL:
RUA: SILVA JARDIM 503
BAIRRO: VIARSO

CFM: _____ CGC: _____
ATIVIDADE: CULTO RELIGIOSO

QUALIFICAÇÃO DO REPRESENTANTE LEGAL:
NOME: _____ RG: _____
CPF: _____
ENDEREÇO RESIDENCIAL: _____

LAVRADO EM 24/11/1999 HORAS: 20:25

MULTA IMPOSTA R\$ 74,00 (SETENTA E QUATRO REAIS)
LOCAL: O MUNICÍPIO

DESCRIÇÃO DA INFRAÇÃO:
PRATICAÇÃO DO BEM ESTAR R O SOSSOZO DA
VITIMARCA

Infringindo assim o disposto no(s) artigo(s) 10 da Lei Complementar

Fica o infrator intimado a pagar o valor decorrente da multa, ora imposta, que deverá ser recolhido aos cofres públicos municipais, dentro do prazo de 30 (trinta) dias contados da data da lavratura deste auto, fica estabelecido idêntico prazo, para apresentação de defesa, por escrito, perante ao Secretário Municipal de Finanças, juntando provas de suas alegações, conforme disposição contida no Artigo 204 da Lei Complementar 14/90 e ~~estabelecimento de multa no prazo antes referido, impostará a incidência de desconto percentual da ordem de 50% sobre o valor da multa.~~

Recebi a 1ª Via em 24/11/1999

O Agente Fiscal
Em 24/11/1999

Assinatura do infrator ou de seu representante legal
NOME: RECUSOU ASSINAR
RG: RECEBERU 1ª VIA
CPF: AVANÇANDO DIRETA DO AZUO 2926

Testemunhas:
Vide Verso

PREFEITURA DE JUNDIAÍ
Fiscal do Comércio
PAULO SÉRGIO TÊDDE BAZILLO
RG 811.446-4

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2021)

Sem mencionar as ameaças, agressões verbais, morais e físicas que fizeram com que a vítima buscasse amparo nos órgãos de Segurança do município, mais precisamente na Guarda Municipal, solicitando rondas na região nos dias de gira. Outros documentos relevantes encontram-se no Apêndice D desta monografia.

No total foram cinco agressões físicas contra uma mesma pessoa, o pai da dirigente, e inúmeras ameaças das mais diversas formas contra Mãe Luciana, que sempre após um ato intolerante se valia de seus direitos registrando boletins de ocorrência junto à Polícia Militar e tomando as providências cabíveis para o momento.

O principal e mais monstruoso dos atos, aconteceu no dia 15 de novembro de 2000, quando ao retornar para o templo após uma ação solidária para outro vizinho, todos são surpreendidos com gritos vindos da rua. Quando Luciana reconhece a voz de seu pai e o vê totalmente ensanguentado, após ser agredido covardemente e violentamente por cinco pessoas da mesma família incluindo um menor de idade que era usado como subterfúgio (SANTIAGO, 2021).

eu comecei **ouvir meu pai gritar na rua** e quando eu saí **ele tava todinho ensanguentado**, porque cinco pessoas agrediram violentamente ele. **Quebraram todo rosto dele** e a polícia não fez nada. Eu liguei na polícia e a polícia disse assim pra mim: Olha, briga de lavadeira a gente não socorre. (SANTIAGO, 2021, informações verbais, grifos nossos).

Seu pai teve o rosto todo fraturado necessitando de hospitalização. E a ação criminosa foi totalmente menosprezada e ignorada pela Polícia Militar do município.

A família vizinha descumpriu os artigos 5º, 215 e 216 da Constituição Brasileira, tão pouco o os artigos 20 e 208 do Código Penal Brasileiro. Se as forças de segurança fizessem valer o cumprimento dessas Leis, os agressores deveriam ser reclusos por seus atos desumanos.

Acredita-se que a omissão por parte dos poderes públicos é oriunda de influências do denunciante dentro da prefeitura municipal e da polícia, como fora constatado pela vítima no setor responsável pela fiscalização onde a fiscal que sempre fazia a averiguações das denúncias destinadas ao terreiro, relatava que se fosse ela no lugar na denunciante também faria o mesmo, pois detestava essa religião, Umbanda (SANTIAGO, 2021).

Santiago (2021) comenta que as agressões físicas cessaram, porém, as denúncias em relação a barulho ainda persistiram. A última ocorreu por volta de quatro anos atrás, e a presidente teve que se deslocar novamente à Prefeitura de Jundiá para prestar esclarecimentos, contudo, precavida e ciente de seus direitos, a mesma foi acompanhada de um delegado da cidade e de um jornalista que também são umbandistas.

5.3 Da Promessa ao Show

*Abre a estrada Ogum
Deixa seu filho passar...
Autor desconhecido*

Um dos festejos mais esperados pela comunidade do Flecha de Ouro e também por inúmeros terreiros da região e simpatizantes da Umbanda, é a tradicional Festa de São Jorge do templo realizada há 21 anos todo mês de abril para comemorar o dia do santo guerreiro, dono da casa.

De acordo BBC News (2019), 23 de abril é o dia em que celebra-se o padroeiro dos militares, na Igreja Católica seu dia é comemorado com missas dedicadas a comemorar sua vitória sobre o mal representado pelo dragão em sua imagem. Já no sincretismo existente dentro da Umbanda, São Jorge é denominado de Ogum. O orixá guerreiro, agricultor, batalhador, vitorioso. E foi por conta desse simbolismo de triunfo e resistência que Ogum foi designado para ser o orixá para a qual o templo seria assentado¹⁴ (SANTIAGO, 2021).

Quando os atos de repressão se iniciaram Santiago (2021) fez uma promessa a esse orixá que amparava espiritualmente sua casa: se as batalhas fossem vencidas, todos os anos a partir da inauguração da casa e enquanto a casa existir, seria realizada uma homenagem ao patrono no templo.

De acordo com Santiago (2021), a inauguração aberta ao público aconteceu no dia 14 de abril de 1997, uma quarta feira, com uma gira de Preto Velho. Entretanto na semana seguinte, estaria faltando apenas dois dias para a celebração do dia de São Jorge e a promessa estava feita, precisava ser realizada.

Então, precariamente um andor foi improvisado para colocar a imagem do santo e algumas flores para decorar e, para a entrada do andor no templo decidiram convidar o amigo da família e Guarda Municipal, Michel Zillo, que informou que deveria

¹⁴ Orixá assentado: orixá qual a casa é dedicada, patrono do terreiro, geralmente a maior festa de um templo umbandista.

pedir permissão ao comando da GM para trajar farda fora do horário de serviço. E através de um ofício feito por Luciana, o então Coronel Benevides autoriza que o GM compareça ao festejo fardado (SANTIAGO, 2021).

Figura 41: Primeiro Andor da Festa de São Jorge



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Desde então, a festa ocorreu em todos os meses de abril. A cada ano aglomeravam-se mais participantes, dentro e fora do terreiro. As pessoas amontoavam-se para assistir a festividade e seus acontecimentos emblemáticos como a tradicional entrada do andor escoltado pelos GMs e a benção das fardas e dos atabaqueiros da casa realizada por Sr. Ogum 7 Espadas. Além, é claro, de receber o axé das entidades incorporadas através da cúpula (Figura 42).

Figura 42: Entrada da Imagem e Cúpula



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Já na Figura 43, em sentido horário pode-se contemplar: Sr. Ogum 7 Espadas se preparando para benção. O guia chefe da casa abençoando os Guardas Municipais. Na parte inferior a esquerda a benção ao Capitão da Polícia Militar e, por fim, a benção aos atabaqueiros da casa.

Figura 43: Benção das Fardas e Atabaqueiros



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

*Eu tenho 7 Espadas pra me defender
Eu tenho Ogum em minha companhia
Ogum é meu pai, Ogum é meu guia...
Autor desconhecido*

A última edição realizada na sede do templo foi no ano de 2011, quando a festa completou 15 anos. Nesse ano reuniram-se aproximadamente trezentas entre médiuns no interior do templo e pessoas que tomaram as calçadas e uma parte da rua. No final da festa, manifestou-se o guia chefe que comanda a linha de Exus da casa, Sr. Exu Veludo e se direcionou a um participante da festa, Nelsinho Jamaica, pedindo-lhe ajuda, pois precisava de um lugar maior para realizar a comemoração e receber com um pouco mais de conforto todas aquelas pessoas que se reuniam pela benção do padroeiro do Flecha de Ouro (SANTIAGO, 2021).

Santiago (2021) conta ainda que através das informações dadas pelo Jamaica, o corpo diretivo da casa se reuniu e encaminhou um ofício solicitando alguma das três instalações públicas da cidade: a escola Siqueira de Moraes, devido a sua localização

próxima. Ou CECE Dr. Nicolino de Lucca (Bolão), por ser um espaço amplo. E por fim, o CECE Dr. Romão de Souza, por sua localização próxima a um terminal de transporte público, facilitando o acesso do público. Entretanto os três espaços tiveram sua utilização negada. O primeiro por ser uma escola estadual o pedido deveria ser encaminhado ao Governo do Estado. O segundo devido a sua acústica mal planejada e o último por estar com problemas no teto que causam o alagamento da quadra.

Então, por sugestão pública foi direcionado ao CECE Francisco Dal Santo, localizado na Vila Rami, bairro próximo ao do templo e bem próximo ao Terminal Rami, o que facilitava o acesso ao equipamento público. A priori o requerimento foi escrito a mão mesmo, sendo liberado diretamente pelo prefeito em exercício Miguel Haddad (Figura 44), que sempre recebeu a comunidade do Flecha de Ouro, tanto para mediar as questões de perseguição religiosa, quanto para auxiliar na realização da festividade sem que houvessem impedimentos (SANTIAGO, 2021).

Figura 44: Miguel Haddad



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Em abril de 2012 aconteceu a primeira edição da Festa de São Jorge do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro em um equipamento esportivo cultural público, sem verbas públicas, somente por meio de doações e verbas arrecadadas através de ações realizadas dentro do terreiro como venda de camisetas, rifas, sorteios, etc.

Em condições dificultosas o festejo aconteceu contando com equipamento de som emprestado, sem auxílio profissional em nenhum setor, sem patrocinadores ou apoiadores. No mesmo ano nasce também o Núcleo de Arte Umbandista Flecha de Ouro (Figura 45), grupo dedicado a apresentações afro religiosas. Neste ano a

apresentação foi realizada por duas jovens filhas da casa, que ensaiaram por pouco tempo e providenciaram suas roupas às pressas afim de levar mais conhecimento sobre a história dos orixás aos participantes (SANTIAGO, 2021).

Figura 45: Núcleo de Arte Umbandista Flecha de Ouro



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Santiago (2021) conta que no ano seguinte, supondo que o público não estaria interessado em apresentações culturais, não houve nenhum tipo de encenação, mas, ao final da festa, os integrantes da casa foram questionados os motivos que levaram a excluir esse momento da festividade, já que todos tinham gostado no ano anterior. A partir de então, o grupo não parou mais e todos os anos ensaiam apresentações diferentes, que contam desde a história de um determinado orixá ou entidade, até mesmo a travessia do povo negro da África ao Brasil.

O grupo conta, atualmente, com aproximadamente, 25 integrantes fixos, todos amadores, e de núcleo sociocultural diversificado, dentre eles: homens, mulheres, adolescente, idosos, pessoas LGBTQIA+, negros, entre outras pessoas que se revezam entre os personagens (SANTIAGO, 2021).

A turma da dança do Flecha de Ouro como carinhosamente são conhecidos, trabalham para levar para a sociedade conhecimento sobre cultura afro religiosa através de seus espetáculos, sem cobrar financeiramente por suas apresentações.

O Núcleo de Arte Umbandista, além de se apresentar em todas as edições da Festa de São Jorge do tempo, também realiza apresentações esporádicas. Tendo se apresentado na semana da Consciência Negra na cidade de Campo Limpo Paulista

(Figura 46) e no evento Batuque do Bem, que teve sua primeira edição em 2019 na Sala Jundiáí no Complexo Fepasa.

Figura 46: Apresentação realizada em Campo Limpo Paulista



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

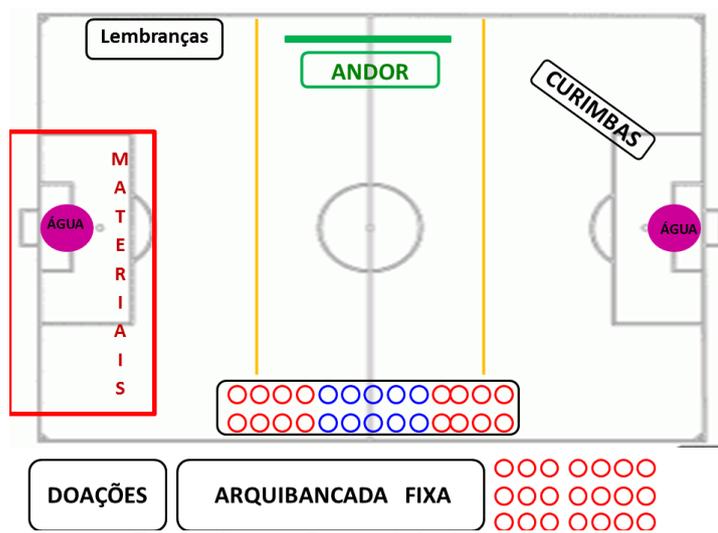
Retomando a cronologia da Festa de São Jorge, após a mudança do local da Festa de São Jorge para um espaço público, algumas alterações tiveram que ser realizadas, desde o planejamento, até a execução e o pós-evento. Atualmente, a festa não conta com nenhuma ajuda de custo governamental, porém possui, aproximadamente, 15 empresas de diversos ramos da cidade e região que se dividem entre apoiadores e patrocinadores.

Segundo Santiago (2021) as adversidades e o preconceito com as festividades Umbandistas não pararam e o templo enfrenta, até hoje, obstáculos para a realização do evento, tendo que, por vezes, serem acompanhados por jornalistas e delegados para que o processo, de aproximadamente 30 páginas, seja aprovado. Santiago (2021) relata ainda, que a organização envolve entre 100 e 120 pessoas dentre filhos da casa e terceirizados que se divide em equipes, onde cada uma tem sua função específica como: *marketing* e mídias sociais, limpeza, decoração, espetáculo, recepção, etc.

A autora teve a oportunidade de vivenciar esse processo de planejamento da Festa de São Jorge no ano de 2019, através do seu estágio supervisionado e pode presenciar diversas reuniões como as de pré evento onde são acertados com equipes técnicas *layout* de montagem do espaço (Figura 47), acordados meios de divulgação,

aprovação de arte para cartazes e convites, definição de decoração e contratações necessárias, cronograma da festa, entre outros.

Figura 47: *Layout de Montagem*



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Além do material de apoio as equipes que trabalham durante o evento, são impressos materiais de divulgação distribuídos nos terreiros de Umbanda da região e em comércios parceiros.

Figura 48: *Material de Divulgação*



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Também são realizadas reuniões de pós evento, onde a equipe de *marketing* disponibiliza registros fotográficos da festa, a equipe financeira apresenta os balanços de arrecadação e gastos, e também já é realiza uma prévia da próxima edição.

Alguns acontecimentos podem ser observados nas Figuras 49, 50, 51 e 52. Estes geram aos participantes uma experiência única e boas lembranças e resultando em sensações ímpares, atingindo uma das premissas dos grandes eventos.

Na Canjira de Umbanda

Orixá que comanda é Ogum

Ele é rei do terreiro, segura o terreiro Ogum

Autor desconhecido

Figura 49: Entrada e Escolta de São Jorge pela GM



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Figura 50: Toque de Clarim e Cúpula ao Público



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

*Penso no dia que logo vai nascer
E o meu peito se enche de emoção
A esperança invade o meu ser
Eu sou feliz e gosto de viver
Grupo Musical Aruanã*

Figura 51: Representações de Ogum, Iansã e Oxóssi



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Figura 52: Representação de Zé Pilintra e Exu; Benção da Farda



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

Por anos estamparam capas de jornais físicos da região, e agora na era digital, diversas páginas e mídias sociais e inclusive de jornais e revistas eletrônicos e páginas relacionadas a religião divulgam não só a Festa de São Jorge, mas como outras ações sociais realizadas pelo templo e também procuram Mãe Luciana para realização de estudos e entrevistas (Figura 53).

Figura 53: Reportagens relativas as Festas e Entrevista concedida pela Dirigente



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

5.4 Outros Palcos

*Oh Boa noite, a hora é essa
Exu Veludo já chegou, agora é festa!
Autor desconhecido*

Exu é a boca do mundo, a comunicação, e como foi possível contemplar nos capítulos anteriores, foi através de uma entidade dessa linhagem que a Festa de São Jorge do T. U. Caboclo Flecha de Ouro, ganhou os palcos da cidade. A Umbanda, assim como as outras religiões traz consigo uma bagagem muito além das doutrinas religiosas. Datas comemorativas, comidas, cantigas, roupas e indumentárias, lendas, festas. Todas essas peças formam um grande quebra-cabeça que retrata a cultura afro religiosa estruturada em solo Brasileiro.

Com o grande desenvolvimento da tecnologia e a facilidade de acesso a informação e direitos. A comunidade umbandista expandiu seus festejos para além dos muros físicos de suas casas. Ocupando ginásios, praças, centros de convenções e exposições. Esse avanço de acordo com Silva (2021) e Santiago (2021) contribuem de forma significativa para a comunidade afro religiosa, exibindo de forma positiva a beleza das raízes afro-brasileiras.

Já para Molina (2021) alguns tipos de eventos como os festivais, que são eventos que os participantes se organizam em equipes e se apresentam a título de competição, sem o intuito de evocar a presença de guias e orixás; podem ser extremamente prejudiciais para a comunidade, uma vez que cria uma concorrência desnecessária entre os umbandistas que deveriam se unir para propagar a religião e não disputar entre si.

Na visão de Santiago (2021) o crescimento dos eventos gera uma profissionalização. O que era feito dentro dos terreiros somente com o intuito de agregar a comunidade mais próxima e louvar o sagrado, torna-se um espetáculo sem perder o sentido de fé e passa a ocupar diversos palcos de exposição a sociedade, demandando de profissionais capacitados na área.

Quanto uma possível virtualização desses eventos, é comum entre os entrevistados desta pesquisa a ideia de que não é possível a realização neste formato, já que para Molina (2021) o meio virtual pode não transmitir verdade. Por sua vez Santiago (2021) argumenta que a beleza desses eventos parte da necessidade da vibração do conjunto de pessoas que estão presentes no local, afinal cada pessoa emana uma energia que afeta nas apresentações e na manifestação das entidades e orixás. Por último, Silva (2021) justifica que caso os eventos sejam estritamente culturais, sem manifestação de entidades, até podem ser realizados virtualmente, entretanto, se houver a incorporação e presença dos orixás e guias espirituais, esse meio se torna inviável, pois há uma exposição que pode ser facilmente deturpada, causando mais danos e incompreensão do que auxiliando no esclarecimento.

Essa revelação social da Umbanda e das religiões de matriz africana como um todo são de extrema importância, pois é através desses eventos que podem se agregar inclusive pessoas de fé díspar como contou Santiago (2021), que em diversos eventos do Flecha de Ouro houveram espectadores de outras crenças, como evangélicos e católicos que mudaram sua visão para com a Umbanda.

Para Molina (2021) o crescimento da Umbanda se deve a renovação das gerações, e com a integração dessas massas mais jovens que já tem a luta contra o preconceito intrínseca no cotidiano, não há mais motivos para esconder sua fé, negra, marginalizada, discriminada. Molina (2021) diz que para que essa nova geração umbandista não fuja do seu propósito, que entenda o discurso que existe para além das linhas.

A fala de Molina (2021) corrobora com a fala de Santiago (2021) que pede para esses jovens ingressantes que não deixem de escutar suas entidades, de respeitar seu sagrado, de agir com seu coração limpo, com fé. Que não se deixem deslumbrar com a beleza dos espetáculos umbandistas, que saibam separar as alegorias culturais das necessidades da sua entidade.

Logo é possível sintetizar que, mesmo com realidades diferentes encontradas no interior de São Paulo e na capital paulista, os eventos afro religiosos estão em sua ascendência e tem por de trás deles, além de uma movimentação fé, uma faceta cultural atrelada, principalmente, a exposição da trajetória negro religiosa. Lutando contra atos intolerantes, racistas, discriminatórios, agressivos, opressores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa em compreender, contextualizar e assimilar a trajetória afro religiosa aos acontecimentos da contemporaneidade da religião foram traçados em ordem cronológica, para que o entendimento fosse sendo realizado de forma clara e categórica.

Assim sendo testemunhou-se ao longo desta monografia, primeiramente, a dificuldade da exposição da Umbanda enquanto religião. Posteriormente, com o estudo de caso, a história do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro que enfrentou atos de discriminação e perseguição religiosa, que por mais bárbaros que pudessem ter sido, serviram como escada para que esta comunidade alcançasse o palco mais alto, levando a sua festa a números e reconhecimentos inimagináveis no passado.

Também se considerou no decorrer do trabalho o quanto os eventos fora das casas de axé são significativos para a comunidade afro religiosa em sua totalidade, pois mostra a resistência de um povo, a beleza de sua cultura, sua hospitalidade e respeito por outras religiões, confirmando um dos questionamentos iniciais da autora: a indispensabilidade desse tipo de evento para seus adeptos.

Outra indagação levantada como norte deste trabalho foi a influência dos atos preconceituosos e do contexto histórico nos eventos realizados na atualidade. Quanto a isto, pode-se determinar que a maior interferência exercida são os manifestos antirracistas e atos de resistência inclusos nas entre linhas dessa categoria de festejos, pois cada umbandista traz consigo a triste história de represália, de discriminação, de preconceito. Mas, também traz o gosto doce da liberdade de expressão, da alforria, da fé, do amor ao seu sagrado africanizado.

Compreende-se também, que o advento desses eventos demanda de mão de obra especializada no setor e livre de preconceitos. Auxiliando desta forma na expansão e profissionalização de um nicho dos eventos religiosos que até pouco tempo estavam nos porões dos navios negreiros misturados aos ratos, nas pontas das chibatas dos feitores e nas mãos violentas da sociedade, e hoje, assumem o centro dos grandes palcos, em frente aos holofotes, para mostrar o brilho e a

majestade da cultura negra, que, ao contrário do consenso social, não se trata de uma cultura de escravos, mas sim de uma cultura de reis e rainhas, que tiveram suas histórias dizimadas para que a sociedade embranquecida pudesse escrever a sua.

Entretanto esta monografia trata-se de uma gota no oceano tão misterioso que é o setor de eventos, principalmente quando se fala em eventos afro religiosos, área de mudanças e adaptações constantes e porque não dizer diárias em meio a uma pandemia. principalmente quando se fala em eventos afro religiosos

Como disseram Santiago (2021) e Silva (2021) a intolerância religiosa é babaquice e crueldade. E a religião de matriz africana é amor, é vida.

A comunidade umbandista segue resistindo, persistindo, derrubando muralhas, vencendo guerras, disseminando fé e esperança, assim como diz o hino da Umbanda.

*Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz
Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.*

José Manuel Alves

Permito-me ainda alguns questionamentos: será que com o decorrer dos anos os eventos umbandistas ganharão proporções ainda mais grandiosas, a exemplo do Círio de Nazaré, realizado em Belém? Existirão ainda ataques brutais contra os adeptos de matrizes africanas? E os profissionais de eventos, se abrirão para as novas possibilidades que este mercado religioso oferece?

Esta pesquisa não pretende esgotar todas essas indagações, mas apenas levantar alguns questionamentos que permitam diálogos a respeito afim de construir novos horizontes para os provenientes dos navios negreiros.

REFERÊNCIAS

A DESCOBERTA da Amazônia pelos Turcos Encantados. Direção de Luiz Arnaldo Campos. Realização de Doctv. Roteiro: Luiz Arnaldo Campos. S.I., [2004?] . (54 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kATYZK5Zp7M>. Acesso em: 08 nov. 2020.

ALCANTARA, Giseuda do Carmo Ananias de. **Terecô: uma tradição negro-brasileira**, 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Políticas Públicas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://ppfh.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Dissert_Giseuda-do-Carmo-Ananias-de-Alcantara-OK.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.

ALVES, Marroni. **Caxias mobiliza ato em defesa do terreiro de Joãozinho da Gomeia**, 2020. Disponível em: <https://diariodorio.com/caxias-mobiliza-ato-em-defesa-do-terreiro-de-joaozinho-da-gomeia/>. Acesso em: 09 jun. 2021.
 ARAUJO, Eloí Ferreira de. **Combater a intolerância é dever de todos**. 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=33171>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ASHANTI, Casa Fanti. **S.I. São Luís**, 23 jan. 2013. **Facebook: Casa Fanti Ashanti**. Disponível em: https://www.facebook.com/Casa-Fanti-Ashanti-207058309332529/about/?ref=page_internal. Acesso em: 07 nov. 2020.

BARBOSA, Elson. **Sincretismo e religiões afro-brasileiras**, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/sincretismo-e-religioes-afro-brasileiras>. Acesso em: 06 nov. 2020.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **História da Umbanda**, 2011. Disponível em: <https://www.aecurubatan.org.br/historia-da-umbanda/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BATISTA JUNIOR, João. **O último desejo de Bitá do Barão, o pai de santo da família Sarney**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/o-ultimo-desejo-de-bitá-do-barão-o-pai-de-santo-da-familia-sarney/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

BBC NEWS. **Dia de São Jorge: quem foi o herói que hoje é padroeiro do Rio de Janeiro e da Inglaterra**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48028680>. Acesso em: 28 maio 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil - Art. 5º**: título ii dos direitos e garantias fundamentais capítulo i dos direitos e deveres individuais e coletivos. Título II Dos Direitos e Garantias Fundamentais Capítulo I Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, 1988a. Senado Federal. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp. Acesso em: 09 jun. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil - Art. 215:** título viii da ordem social capítulo iii da educação, da cultura e do desporto seção ii da cultura. Título VIII Da Ordem Social Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto Seção II Da Cultura, 1988b. Senado Federal. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.03.2021/art_215_.asp. Acesso em: 09 jun. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil - Art. 216:** título viii da ordem social capítulo iii da educação, da cultura e do desporto seção ii da cultura. Título VIII Da Ordem Social Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto Seção II Da Cultura. 1988c Senado Federal. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp. Acesso em: 09 jun. 2021.

CACO, Pai. **As forças da Umbanda**, 2018. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2018/04/06/as-forcas-da-umbanda/>. Acesso em: 12 maio 2021.

CALADO, Samuel. **Kipupa Malunguinho leva a força da Jurema Sagrada à Mata do Catucá, neste domingo**, 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/09/kipupa-malunguinho-leva-a-forca-da-jurema-sagrada-a-mata-do-catuca-ne.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

CAMPOS, Isabel Soares; RUBERT, Rosane Aparecida. **Religiões de matriz africana e a intolerância religiosa**. Cadernos do Lepaarq, Pelotas, v. 11, n. 22, p. 293-307, 03 out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/3390/3424>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CANDOMBLÉ, 2017. Direção de Thiago Lourenço e Rodrigo dos Santos. Produção de Thiago Lourenço, Shirley Lourenço e Rodrigo dos Santos. Roteiro: Thiago Lourenço, Rosana Silva e Rodrigo dos Santos. S.l.: Documenta, 2017. (45 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Po0BXEh_tJU. Acesso em: 06 nov. 2020.

CATIMBÓ - Um Culto à Jurema Sagrada, 2019. (33 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYwtNEIXiag>. Acesso em: 07 nov. 2020.

CELETE, Lucila. **Quem foi Rubens Saraceni**, 2018. Disponível em: <https://saltoparaonovo.com.br/quem-foi-rubens-saraceni/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

COSTA, Fernando. **O misterioso pai de santo Bita do Barão**, 2017. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2017/10/o-misterioso-pai-de-santo-bitado-barao/>. Acesso em: 09 nov. 2020.

CUNHA, Ana Stela Almeida. **Santo Antonio dos Pretos, Codó, Maranhão**, 2015. Disponível em: <https://sobola.hypotheses.org/654>. Acesso em: 08 nov. 2020.

DIAS, Thamyres. **Casa onde foi fundada a umbanda, em São Gonçalo, será demolida esta semana**, 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/casa-onde-foi-fundada-umbanda-em-sao-goncalo-sera-demolida-esta-semana-2682118.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DICIO, 2020. **AÇOITE**. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acoite/>. Acesso em: 05/11/2020.

DOCUMENTÁRIO Tambor de Mina do Maranhão. São Luís: S.I., [19--]. (20 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9KZ_ieXZxFE. Acesso em: 06 nov. 2020.

DOUGLAS, Oni Sango. **Francelino de Xapanã**, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/234308679/Francelino-de-Xapana>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FILHO, Mário. **Jogo de búzios se ensina em curso?**, 2017. Disponível em: <https://cefeco.wordpress.com/2017/06/29/jogo-de-buzios-se-ensina-em-curso/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. **A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana**. Revista Calundu, S.I., p. 117-136, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/issue/download/702/Gira%20Epistemo%C3%B3gica#page=124>. Acesso em: 05 nov. 2020.

FERRETI, Mundicarmo. **Tambor-De-Mina em São Luís: dos registros da missão de pesquisas folclóricas aos nossos dias**. Revista Pós Ciências Sociais, São Luís, v. 3, n. 6, p. 89-105, dez. 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233146218.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FLECHA DE OURO, T. U. Caboclo. **Cúpula de Cosme e Damião**. Jundiaí, 20 set. 2020. Instagram: @flecha.de.ouro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFo3QUGpi3f/>. Acesso em: 20 maio 2021.

FLECHA DE OURO, T. U. Caboclo. **T. U. Caboclo Flecha de Ouro**. Jundiaí, 2021. Facebook: @CabocloFlechadeOuro. Disponível em: <https://www.facebook.com/CabocloFlechadeOuro>. Acesso em: 18 maio 2021.

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GREGÓRIO, Vinícius. **As Umbandas dentro da Umbanda: conheça algumas vertentes da religião**, 2018. Disponível em: <https://noticiasdeterreiro.com.br/2018/07/13/as-umbandas-dentro-da-umbanda-conheca-algumas-vertentes-da-religiao/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GUIMARÃES, Renato. **Visita rápida à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade**, 2009. Disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2009/10/12/279/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

HISTORIANDO: O Candomblé. Realização de Qg do Enem. Rio de Janeiro: S.I., 2018. (43 min.), son., color. Série Historiando. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7enrB65eve4&t=151s>. Acesso em: 05 nov. 2020.

JARDIM, Tatiana. **Umbanda: história, cultura e resistência**, 2017. 112 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>. Acesso em: 20 nov. 2020.

JÚLIA, Fernanda. **Então Caminhemos**: "ela-se! ele-se!". "Ela-se! Ele-se!", 2017. Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/entaocaminhemos-ela-se-ele-se/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

JUREMA, Ateliê Flor da. **Ilús e Maracás**, 16 jan. 2019. Facebook: Ateliê Flor da Jurema. Disponível em: <https://www.facebook.com/flordajuremasagrada/posts/873646542972037/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

KERNBEIS, Dulce. **Tese de teólogo bauruense revela dor física de Jesus na Via-Crucis**: em tese de mestrado, teólogo procurou descobrir aos olhos da medicina a dimensão do sofrimento na via crúcis, 2014. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2014/04/407432-tese-de-teologo-bauruense-revela-dor-fisica-de-jesus-na-via-crucis.html>. Acesso em: 07 maio 2021.

KING, Babá. S. I. S. I., 21 mar. 2018. **Facebook: Babá King**. Disponível em: <https://www.facebook.com/babakingoduwa/photos/a.452568678408217/637410036590746/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

L'ODÒ, Alexandre L'Omi. **II Encontro de Juremeiros e Juremeiras em Alhandra - Para unir e fortalecer nosso Povo da Fumaça!**, 2015. Disponível em: <http://alexandreloomilodo.blogspot.com/2015/04/ii-encontro-de-juremeiros-e-juremeiras.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

LUÍS, Jorge de São. **São Luís, Casa das Minas, o único templo Afro-brasileiro do seu estilo**, 2015. Disponível em: <http://exploresaoluis.blogspot.com/2015/11/sao-luis-casa-das-minas.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

LUIZ. **Jurema Preta - O básico**, 2014. Disponível em: <http://domlordshiva.blogspot.com/2014/10/jurema-preta-o-basico-jurema-preta-o.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

MARACÁ, Acervo. **Terreiro da Turquia**, 2002. Disponível em: <https://audioboom.com/playlists/4575941-terreiro-da-turquia-22-06-2002>. Acesso em: 07 nov. 2020.

MARSHALL, Tom. **3 Fotos coloridas que mostram o terror da escravidão há 160 anos**. 2010, Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/educacao/116561-3-fotos-coloridas-que-mostram-o-terror-da-escravidao-ha-160-anos.htm>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MARTINS, Júlia Ritez. **Encantaria na Umbanda**, 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Usp, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/25_01_2012__09_54_30__61.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.

MOLINA, Leonardo. **Leonardo Molina**: entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso [maio 2021]. Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri. 1 arquivo .mp4 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A desta monografia.

MONTEAGUDO, Clarissa. **Umbanda é o retrato do Brasil, diz pastor**, 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/umbanda-o-retrato-do-brasil-diz-pastor-2732578.html>. Acesso em: 19 nov. 2020.
NOBRE, Juremeiro Leandro. **S.I.** 10 dez. 2018. Facebook: @juremeirodoacais. Disponível em: <https://www.facebook.com/juremeirodoacais/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ODUDUWA. **Biografia - Prof. King**, 2017. Disponível em: <https://www.oduduwa.com.br/?cont=professor-biografia>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PASSOS, Elizabeth Miriam N.. **Gabriel Malagrida x Caboclo das Sete Encruzilhadas**, 2019. Disponível em: <http://www.maeyemanjaebaianozeferino.com.br/malagridaxcaboclo.htm>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PEREIRA, Parmênides Justino. **Jurema Sagrada em Alagoas. O juremeiro Alex Gomes e a Fazendinha de Zé da Pinga**, 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/jurema/jurema-sagrada-em-alagoas-o-juremeiro-alex-gomes-e-fazendinha-de-ze-da-pinga/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

PINHEIRO, Ana Carolina. **Joãozinho da Gomeia, o rei do Candomblé**, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/joaozinho-da-gomeia-o-rei-do-candomble/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PONDÉ, Rafael. **O adeus à rainha Mãe Stella de Oxóssi**, 2018. Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/videos/o-adeus-a-rainha-mae-stella-de-oxossi>. Acesso em: 06 nov. 2020.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista Usp, São Paulo, p. 52-65, ago. 2000. Disponível em: http://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/De_africano_a_afro-brasileiro.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. Horizontes Antropológicos, [S.L.], v. 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71831998000100008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000100151&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 06 nov. 2020.

RAINHO, Douglas. **Vertentes de Umbanda**, 2018. Disponível em: <https://perdido.co/2018/05/vertentes-de-umbanda/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

RETRATOS de Fé: **Tambor de Mina**. Direção de Alfredo Alves. Produção de Frederico Nogueira, Izabel Pequeno, Luciana Gomide. Realização de Tv Cultura. Roteiro: Otávio Paranhos. S.I.: S.I., 2019a. (25 min.), son., color. Série Retratos de Fé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GHE0PCkDFa4>. Acesso em: 07 nov. 2020.

RETRATOS de Fé: **Terecô**. Produção de Denise Flores, Frederico Nogueira, Izabel Pequeno. Realização de Tv Cultura. Roteiro: Denise Flores. S.I.: S.I., 2019b. (25 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53DCZfEfB5w>. Acesso em: 07 nov. 2020.

RETRATOS de Fé: **Jurema Sagrada**. Direção de Alfredo Alves. Produção de Denise Flores, Frederico Nogueira, Izabel Pequeno. Realização de Tv Cultura. S.I., 2019c. (26 min.), son., color. Série Retratos de Fé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nhjjo46wFgA>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista**. Rever - Revista de Estudos da Religião, Bahia, v. , n. , p. 77-96, mar. 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

SÁ JÚNIOR, Mário Teixeira de. **A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda**. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 6, n. 11, p. 1-14, jun. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1892/1055>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SALLES, Sandro Guimarães de. **Alhandra, Acais, Memória e Patrimônio**, 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/jurema/alhandra-acais-memoria-e-patrimonio/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

SANTIAGO, Luciana. **Luciana Santiago**: entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso. [maio 2021]. Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri. Jundiaí, 2021. 1 arquivo .mp4 (70min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice C desta monografia.

SILVA, Juliana. **Salve Santa Bárbara, salve Iansã!!!!!!**, 04 dez. 2018. Facebook: @sambajulianaaa. Disponível em: <https://twitter.com/sambajulianaaa/status/1069901867004637184>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Heberon Ricardo da. **Heberon Ricardo da Silva**: entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso. [abr. 2021]. Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri. Jundiaí, 2021. 1 arquivo .mp4 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice B desta monografia.

SOBRINHO, Pedro. **Legado Jorge da Fé Deus**, 2012. Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/pedrosobrinho/2012/01/30/legado-jorge-da-fe-deus/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

TENSP. **A Primeira tenda de umbanda**. Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, [201-?a]. Disponível em: <https://www.tensp.org/historia>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TENSP. **Zélio Fernandino de Moraes**. Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, [201-?b]. Disponível em: <https://www.tensp.org/blank>. Acesso em: 20 nov. 2020

APÊNDICE A – ENTREVISTA LEONARDO MOLINA

Entrevista cedida para realização de trabalho de conclusão de curso.

Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri

Entrevistado: Leonardo Molina

Data da Entrevista: 20 / 05 / 2021

As informações contidas neste apêndice foram transcritas de acordo com as falas do entrevistado.

1. Quería que você se apresentasse, por favor.

R: Sou Leonardo Molina, tenho 33 anos, hoje estou como professor de música tenho uma escola hoje também de música. Já fui bombeiro, técnico de segurança do trabalho. Já fiz de tudo nessa minha vida.

2. Qual a sua trajetória dentro da religião?

R: Então, minha família desde sempre foi umbandista, espiritualista. Minha mãe passou pelas escolas do Kardec, conheceu a Umbanda, foi pra Umbanda. Estudou Wicca, praticou Wicca. E eu entrei na Umbanda por vontade própria aos 13 anos. Decidi entrar na religião com 13 anos, pra dentro do atabaque né?! E aí, desde então, desde os 13 não parei até agora.

3. Você faz parte de alguma casa atualmente?

R: Hoje eu to no terreiro Casa de Xangô e Iansã, fica em Guaianazes. Pai Anderson de Xangô e Sabrina. Aqui na Zona Leste de São Paulo.

4. Como você vê a estruturação da Umbanda através da passagem de Zélio de Moraes?

R: Não vou desmerecer o mérito do Zélio, porém ele Institucionaliza a Umbanda né?! Mas caramba, não teve nada, nenhum nome relacionado a Umbanda antes de Zélio? Claro! Era proibido! E quem chegava a querer cultuar ou querer levar qualquer coisa relacionada a isso ou era morto ou sumia ou botavam fogo. Então não tem esse registro porque era proibido.

Então o mito do Zélio ele é criado basicamente porque ele é branco, basicamente por causa disso. E a família dele era de classe média alta, patente da marinha, dentro do exército. Amigos que realmente tinham poder dentro da sociedade. E o Zélio como um ser letrado, estudado, ele não aparece de repente na mesa lá e incorpora. Quem senta na mesa realmente já tem uma estrutura, um conhecimento para sentar no banco. Ele não passa mal e chega lá e senta.

O negócio não é bonito desse jeito, (risos). A galera não entende. Eles não vivenciam. Nem o Kardecismo pra entender.

Então, por exemplo eu, como médium de Umbanda, eu passei mal, comecei incorporar em casa e to com problemas de saúde. O que acontece muito até hoje. Eu vou pra uma mesa branca, pro Kardecismo, eu como médium não vou sentar na cadeira, eu não vou ter um... Lá é uma posição de destaque pela importância. Eles não vão falar: "ah, você é médium, senta aqui.". Não vão! Eu tenho que passar, estudar, eles têm que entender a minha mediunidade, conhecer os afins com a minha personalidade, então, contar é uma falácia.

Contar que Zélio passou mal, sentou na cadeira e incorporou é uma puta de uma mentira. É mentira! É história que o povo conta pra essa religião que gira em torno da Disney. A religião que gira em torno da Disney que é bonito, que começa sendo estigmatizado e aí

abre uma casa e tudo fica lindo e maravilhoso, é mentira. Claro que ele tem sua obrigação de fazer isso, justamente por conta que ele se propôs no plano dele a fazer. Isso antes de vir pra Terra, então ele se propôs. Porém Zélio é extremamente preconceituoso, então esse papo furado de chegar e falar assim: “aí a Umbanda vai aceitar todo mundo.”

É mentira também. Ele não aceitou todo mundo, não era todo mundo que entrava na casa dele, não eram todos os espíritos que entravam na casa dele e por aí vai. Então o mito se relaciona por conta da clareza da pele e do status social, é basicamente isso.

5. E você acha que todo esse contexto de Zélio e esse branqueamento influencia atualmente na intolerância religiosa ou não?

R: Também, porque, a intolerância ela é baseada por tudo aquilo que vem do negro e do pobre né?! Seja ele qual for, seja ele tanto nordestino, indígena, seja ele qual for. A Igreja já deturpava isso.

Na África isso também já acontecia né?! Então se você era de um povo diferente e era capturado, você era subjugado, então a intolerância, ela já existe desde os primórdios da humanidade. Quando a Igreja Católica ela domina o Estado, quando ela domina, que ela detém o poder de tudo isso ela começa a segregar, separar tudo aquilo que não tá dentro da sua caixinha. E aí, é onde entra a intolerância.

A gente vê tanto no sistema Egípcio como algumas intolerâncias no sistema cristão, grego, nazista, tudo o que relaciona entre povos e cores vai ter um tipo de intolerância. Mas o problema dentro da Umbanda ela começa a existir quando o Zélio ele quer ter uma pegada kardecista, espiritualista, porém ele quer ter o contato com a ancestralidade, com espírito, com Egun, com gente morta.

Então ele junta a parte educada do espiritismo e quer trazer essa realidade do espírito, do ser humano morto, do cultuar Egun mesmo e é aí onde entra o problema, porque na verdade ele quer ter as duas coisas. Ele que codificar a Umbanda da maneira que ele acha correta, ele retira muita parcela do que o negro acha que ainda é certo, faz parte da cultura. Então ele fala que ele não quer. E tudo o que é relacionado ao negro ele tira. Que é justamente, primeira coisa, a roupa escura. Roupa branca, igual à que você está agora, era extremamente caro. Algodão era tecido da realeza, assim como a seda, como outras coisas. Então tudo tem que ser branco, tem que usar porcelana não vai usar mais esse tipo de material barato, não vai usar.

E aí, você não vai ter mais sacrifício animal, porque isso numa sociedade é culturalmente inaceitável. Onde já se viu o abate do animal, isso é coisa de gente atrasada. E aí, claro, tudo aquilo que é subversivo, tudo aquilo que vai contra as leis ele não aceita. E Exu ainda também, é posto pra fora. Posto pra fora assim, ele cultua porém não demonstra, então ele serve pra mim, mas não vai servir pro meu irmão lá, eu não vou conseguir controlar, eu não sei o que ele vai fazer; e o que eu faço? Eu dou um nome bonito pra ele, eu chamo ele Orixá Malet, que é bonito, é melhor, o pessoal aceita.

E aí, uma coisa que acontece muito dentro do Universo Exu. Exu é muito controverso e aí, você ve por exemplo, que não tem nada relacionado à Exu ligando a Zélio, a não ser a mulher, a irmã... Aparece um Marabô lá perdido no mundo, e aí, no período de 1908 até meados de 1940 não se escuta falar sobre exu e de repente aparece na quarta tenda, se não me engano, São Jorge Guerreiro do Pai Pedro Miranda cantando pra Exu Tranca Ruas, Tiriri e por aí vai. Quer dizer, olha a quantidade de tempo que passou Exu no escuro, mas será que ele tava no escuro ou ele foi escondido? Eu vou mais profundo ainda. Exu realmente é o contraponto de tudo né.

Mas eu pergunto: Qual era o nome do Erê do Zélio? Não tem! E não é um pilar da Umbanda? Diz que é Caboclo, Preto Velho e Erê. Cadê o Erê do Zélio? Cadê o Caboclo? Que apareceu o Sete Encruzilhadas e não era o Caboclo. Ele era o mentor. Cadê o Caboclo do

Zélio mesmo, real? Não tem! Por quê? Por ele não quer, as pessoas não querem que a gente saiba. Então a história ela pode ser sim conduzida e manipulada como foi.

A verdade é justamente essa ele fez e codificou de 'forma correta'. Ele inseriu a Umbanda dentro de uma sociedade que era extremamente preconceituosa, extremamente séptica de tudo o que vinha relacionado, porque é uma parcela da Igreja. A Igreja que fez a gente ficar séptico né?! E aí, o que não tá escrito a gente não acredita. Você tá escrevendo isso hoje, mas vai demorar pelo menos uns 10, 20 anos pra galera, falando da massa, entender que isso foi uma história, uma conversa fiada. Teve sua função sim, mas não é a verdade nua e crua, ela foi manipulada. [...]

Antes de Zélio existia muitas outras coisas, só que a gente não teve acesso aqui ainda. Não chegou pessoas que queiram falar abertamente justamente por conta da opressão que ainda existe. Então hoje a gente vê um sistema totalmente opressor, querendo sua liberdade, mas oprimindo por exemplo, quem quer cultuar aquilo que é raiz. Hoje se alguém fala: "Ah seu terreiro é de Umbanda?" Nós já estamos mudando, já fala não é mais Umbanda. "Ah então é o que?" "É terreiro de macumba, lá a gente faz macumba." A Umbanda virou estereótipo. "Mas é Umbanda o que? Umbanda Sagrada? Umbanda Esotérica?" "Não mano. Lá a gente faz o que? Macumba! Então é terreiro de Macumba."

6. Em algumas fontes é possível encontrar relatos de que Zélio antes de ir à Federação, foi levado à uma benzedeira onde se consultou com um Preto Velho. Mas então o Preto Velho já "existia" antes do Zélio.

R: Então! Inventar o que já existe é mole né?! A gente vê um monte de gente fazendo isso hoje. Quer dizer, é.... complicado! Quando a gente começa a tratar de ancestralidade não é Umbanda, beleza! Mas Preto Velho já tava lá, o Caboclo já tava lá. O Exu já existia muito antes de tudo isso, ele já existia aqui. Então Zélio é uma piada pra mim.

Hoje eu não acredito mais, já acreditei, quando eu comecei acreditei mesmo. Caraca o maluco foi lá, dia 15 de novembro, que não foi dia 15 de novembro foi bem antes. Aí, até a foi justamente colocada por diversos outros fatores. E aí fala o cara inventou tudo isso, não! Teve uma roda de pessoas que mancomunaram pra que isso acontecesse. [...] A galera tá demorando mas tá vendo que não é assim. Eles tão começando a questionar. Eu não falo simplesmente a minha opinião porque ela é única e absoluta, eu faço pra pessoa se questionar se isso realmente é verdade. Aí, quando a pessoa para pra pensar e vai procurar só um pouquinho antes o negócio fica maluco.

7. E falando de intolerância, aqui no interior os atos de intolerância são muito recorrentes e são muito abafados. E em São Paulo acontece? De que forma?

R: Aqui é muito velada. Aqui a gente entende que as coisas são muito longe uma da outra, tudo é muito perto, porém tudo é muito longe.

Os casos de intolerância hoje aqui em São Paulo que a gente tem registro é sempre em lugares afastados onde pessoas moram próximo as cidadezinhas, bairros pequenos. É dentro da favela, na boca da favela, onde perto de alguma coisa que lá realmente a Igreja Neopentecostal ela é muito incisiva, porém o crime organizado entende o poder que o espírito tem e eles começaram a mudar algumas coisas, alguns conceitos. Hoje respeita, só aquele que é muito convertido que acaba acontecendo.

De caso de intolerância pra cá onde eu moro, de todos os lugares que eu frequentei que eu vivi, eu nunca tive problema com a intolerância por conta de que sempre todos que estavam a volta entendiam o propósito e não negavam. "Você é umbandista? Qual sua religião?" Alguns falavam sou espírita. E aqui não, a gente falava sou Umbandista.

Então até dentro da minha família, dentro do terreiro a gente deixa isso muito claro. Claro que alguns sim, trabalhavam e escondiam tipo: "ah não posso postar nada. Não posso falar nada. Não posso..." sei lá, nunca podia alguma coisa, porém casos de intolerância

mesmo real, de entrar de quebrar coisas ou de ameaçar nunca aconteceu. Era sempre velado né?! Ria, dava risada.

Se tem que ir no mercado e é dia de gira eu já vou de branco já, se tiver que andar de guia e quelé, eu vou andar de guia e quelé numa boa, entrar de contra egum eu ia numa boa. Eu acho que quando você se impõe numa coisa as pessoas pouco vão querer te cobrar. A intolerância é baseada justamente no nosso próprio medo. [...]

Bate no peito e fala eu sou! Não o que esconder mais, mas ainda assim, dizem “ah mais você é demitido”. Tudo bem. Você não acredita? Não confia? Então vai, vai até o final. Porque é isso que eu falo sempre pra galera que ta comigo hoje é: quando nada fazer sentido mais, quando tudo tiver perdido, é nisso que você vai se agarrar então não nega. Não nega porque uma hora o calo vai apertar.

8. Nem pela escola. Você nunca enfrentou problema pra dar aula ou pra achar um lugar pra dar aula?

R: Não, na verdade o único problema é centro religioso. Se você vai alugar um espaço, isso aconteceu recentemente, mas é um caso isolado. Só que o cara foi bem claro.

Então a gente tava procurando um lugar pro terreiro e aí acha um galpão gigantesco, coisa mais linda, barato, lance da pandemia. Vamos fazer? Vamos! Vamos! O cara perguntou pra que que é. Meu pai santo falou: “é pra montar um terreiro.” E o cara: “Ih então não vou locar pra você não.” Assim, na lata. “Por que?” “Porque o pastor da minha igreja não permite, eu não tenho problema com isso, mas eu não to muito bem, eu prefiro não me contrapor.”

Mas assim foi real, direta. Meu pai de santo muito do educado flou assim: “Faz o seguinte então, pega esse galpão aqui e enfia ele...” desse jeito. Passou uns três meses ele nos procurou novamente, justamente pra poder alugar, e aí, já era, tarde demais.

Quando a gente tem uma posição bem clara, bem direta daquilo que a gente quer só acaba virando mais um caso e aí, ele não vai te atacar diretamente [...].

Na escola eu não falo que é pra dar aula de atabaque, porque a escola vai virar uma escola de música, e pronto. É justamente isso que a escola é, eu ensino música, ensino música religiosa, mas é música. Eles experienciam outras músicas dentro desse processo e aí não teve problema. Eu fui procurar alguns lugares eles nunca questionaram.

A primeira vez que o cara olhou pra mim, e eu ando com camiseta, ando com adesivo no carro, eu não to nem aí pra nada. Eu dou aula de música, e o cara falou: “você dá aula do que?” “Eu dou aula de atabaque que é voltada pra religião.” “Caramba, sério? Eu tava louco procurando alguém assim, minha filha ta louca pra aprender.” Imagina se eu falo não, não sou.

Então hoje eu bato no peito, desde sempre na escola, desde pequeno, na rua, todos eles sabiam que eu era macumbeiro.

9. As religiões de matriz africana têm crescido. Você acha que tem crescido ou tem ganhado visibilidade devido a algum fator específico?

R: Eu acho que é baseado na renovação né?!

Então as pessoas estão entrando hoje dentro da religião, elas são novas e elas já tão vindo com esse conceito que o preconceito vai acabar, aos poucos ele vai sendo finalizado. Então a galera que ta vindo nova, ela não tem preconceito não.

Eu vou na Igreja, eu vou lá na religião de jovens, e o outro lá eu vou pra macumba, pro terreiro, usa guia. Então a renovação dessa galera que ta vindo com uma consciência diferente, ta ajudando nesse fator de transição e claro, a Umbanda assim como o Candomblé elas tão virando pop de novo. Elas tão virando tendência. A galera tá vindo e tá vendo que

funciona. Não só baseado na fé cega (acreditar friamente que eu vou pisar, não vai ter chão, mas Deus vai me segurar), não. É algo palpável.

10. Esse crescimento ajuda nos eventos umbandistas?

R: Não. O crescimento desenfreado, sem direção ele acaba atrapalhando as vezes. É um retrabalho.

Então quando a gente tá num propósito como esse de disseminar a Umbanda justamente como a Umbanda é, sem esse viés kardecista, a galera é desinformada e acaba também tendo preconceito. “Ai a sua Umbanda mata, então não é pra mim, eu não gosto disso.”

Então você não quer seguir Umbanda, você quer ser bonitinho, o politicamente correto. A Umbanda ela tem um braço, um corpo, um tronco inteiro relacionado ao culto africano e lá é aborígine, não tem outra coisa. Quer dizer, você quer usar roupa branca, mas não quer sujar ela de sangue, mas você faz feijoada pra Ogum. Então isso é um retrabalho, justamente por conta desse crescimento desenfreado. As informações vão ficando deturpadas, a gente nunca sabe a veracidade.

11. O que você acha de eventos umbandistas como festivais, festas públicas, e afins.

R: Detesto festival. Cria competição, mas isso é pessoal. Acho que não funciona. “Ah mas a ideia é propagar.” Tá. Faz uma festa na sua casa, faz comida e a gente vai lá propagar sua religião. “Vou juntar a minha comunidade, vou fazer eles brigarem entre si, porque tem um prêmio e no final disso eu falo que aqui não existe ganhador.” Mentira! Você tá enganando.

Então esse tipo de festival com música umbandista, eu repudio, eu reprovoo porque cria muito atrito, muito problema. “Ah mas é pra ser amigo.” A gente não é amigo, a gente é humano e competitivo, eu não entro em nada pra perder, detesto perder. E aí, eu vejo alguns outros eventos, [...] reúne lá um monte de gente, ninguém vai pagar nada e você olha no edital da cidade tá lá (valor da verba pública) destinado a este evento.

Maneiro, acho legal, tá pegando dinheiro público, só que eu não tenho possibilidade de participar se eu não estou dentro de uma casta. Então não serve pra mim e não serve pra mais um monte de outras pessoas. [...] outro evento no edital outra [verba pública], mais patrocínio (privado) [...].

12. De alguma forma esses eventos ajudam na exposição social da Umbanda?

R: Não, esse tipo de evento não promove a religião. Porque no meu ver o que você precisa pra promover é informar, e esses eventos eles não informam. Eles só são feitos. Por exemplo, se chegar uma pessoa que não é da religião, não vai entender coisa nenhuma. [...].

É diferente quando você fala eu vou explicar religião pra uma pessoa de fora. Vou abrir um evento aqui pra promover, vou ter debates, vou ter movimentação de pessoas dentro do mesmo nicho pra informar as que tão dentro e as que tão fora. Aí eu acho que é uma promoção da religião, fora isso é promoção pessoal.

Na época que eu tava (nome do terreiro) a gente rifou pra poder mudar e fazer as coisas foi uma empresa que eram filhos de santo lá, irmão de santo nosso, que ele doou as geladeiras. Ele tirou do dele e fez-se a rifa. Ele doou pra poder fazer a rifa. É tudo participação privada.

13. Esses eventos têm condições de acontecer somente virtualmente?

R: Se envolvendo com esse lado digital, não era todo dia, mas eu via que mesmo aquilo que era de graça tinha uma intenção por trás, nunca era somente pra informar. Sempre é dado algo pra lá na frente ter algo em troca. [...] hoje o digital te entrega alguma coisa real?

Viva? Não sei. Não sei se isso é verdadeiro sabe? Depois desse contato que eu tive acabo não acreditando nesse 'almoço grátis'.

14. E ter alguém especializado, formado, por exemplo um gestor de eventos por trás dessas organizações desses eventos, mudaria alguma coisa?

R: Não. Porque ele não vai conseguir mandar em nada, ela vai ser conduzida. Então se eu sou uma pessoa que vou fazer o evento e vou contratar uma pessoa pra fazer esse evento eu vou te conduzir pro que eu quero fazer, para onde você tem que ir. Então eu vou querer fazer isso e isso dessa maneira. Então já joga na cara. E muita das vezes você vai ficar de mão atada sem poder fazer aquilo que realmente você se propõe a fazer. Se você não concordar com alguma coisa vão falar: "tá bom. " Vão lá e contratam outro que faz.

15. Qual mensagem você quer deixar para as novas gerações que estão entrando na Umbanda ou pra quem quer trabalhar com eventos umbandistas.

Entender o discurso, entender a proposta e ser fiel a proposta. Sejam claros, não minta, não engane, não arrume confusão, faça o de verdade.

APÊNDICE B – ENTREVISTA HEBERSON RICARDO DA SILVA

Entrevista cedida para realização de trabalho de conclusão de curso.

Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri

Entrevistado: Heberson Ricardo da Silva (Hagaga)

Data da Entrevista: 05 / 04 / 2021

As informações contidas neste apêndice foram transcritas de acordo com as falas do entrevistado.

1. Gostaria que você se apresentasse, por favor.

R: Boa tarde, meu nome é Heberson, sou técnico em radiologia, atualmente trabalho com raio x, radiologia médica. Eu sou do Candomblé. Candomblecista da nação de Ketu. Fui da Umbanda bastante tempo, acho que aproximadamente uns 10 anos e desde então venho seguindo essa vida na religião afro descendente, se é que se pode dizer que é afro descendente né porque a Umbanda é muito mais nacional do que africana.

2. Você já sofreu algum episódio de intolerância religiosa, racismo religioso, discriminação?

R: Como eu sou do Candomblé na nação de Ketu, o Candomblé por si só exige os atos de sacrifício de animais que são os orôs e tudo mais.

Uma certa vez, eu estou numa loja, dessas agropecuárias que vende frango, coelho... vende tudo o que é de bicho lá, e nós fomos comprar frango. Nós iríamos fazer um ato para um orixá e precisávamos de um frango. Aí na hora que a gente foi comprar o frango, nós estávamos numa função no barracão então nós descemos a caráter, com a vestimenta. Aí a mulher olhou pra gente com o frango na mão e perguntou o que a gente ia fazer com o frango. Aí meu babalorixá falou: “ Nós vamos sacrificar o frango. ” A mulher falou: “ Então não vou vender. ” Aí minha amiga que é também da religião que tem o posto de Ekedji.

Ekedji são pessoas que não viram no santo, que não entram em transe, né, falou assim: “ Moça, no mercado você compra o frango vivo então? Você come só o frango vivo? O peixe vivo? Como é que você faz? ”

Ela falou assim: “ É, mas é diferente! ”

Aí o Babalorixá falou: “ Então se você continuar alegando isso, por mais um segundo, eu vou chamar a polícia porque isso é preconceito, intolerância religiosa se a senhora não sabe o que é isso. ”

Aí resumindo tudo, chegou o chefe dela pediu mil desculpas pra nós e falou: “ Pode levar quantos frangos quiserem. Toma esse de graça também. ” Aí resolveu a história.

3. Mas não teve ato de violência?

R: Não, não teve ato de violência.

4. Violência física né, porque verbal teve!

R: Verbal sempre tivemos, principalmente com nossos irmãos de santo de São Paulo capital.

Teve irmã de santo que andava de torço na rua, de branco né, porque ela tava de resguardo no Candomblé, ela sofreu inúmeras ameaças, pisão no pé no metrô. Um monte de coisa. Recém iniciada inclusive, tem um ano de santo. Mas nós sempre escutamos histórias

de irmãos da própria casa, de casa de fora, de coisas absurdas. Seja de Candomblé ou Umbanda.

5. Você acha que as religiões de matriz africana estão crescendo no país? Tem algum fator específico que contribui para o crescimento?

R: Eu acho que, eu acredito que as religiões de matriz africana no Brasil, não só de matriz africana, todas as espiritualistas, não é que elas estão crescendo, eu acho que elas estão ficando muito mais evidentes porque graças a Deus a mídia e internet ta ajudando isso a crescer muito, falo do lado bom da coisa.

6. Se quiser falar do lado ruim, pode falar também.

R: O lado ruim é que tem muito charlatão no meio. Por exemplo, você que é de Umbanda, você sabe muito mais coisa do que eu. Assim como eu sou de Candomblé eu sei muito mais coisa de Candomblé do que você.

Esse é o grande problema da mídia hoje, pra tudo. De certo modo, eu acredito que todas as religiões espiritualistas, inclusive as de matrizes afrodescendentes que vem o Catimbó, a Umbanda, Candomblé, Toré, Mesa Branca, enfim, um monte de coisa aí, eu acredito que está tendo um aumento sim, tanto pela divulgação da internet que hoje se vê muito mais vídeos de Zé Pilintra rodado, Tranca Ruas, Maria Padilha, Baiana Sete Saias, Sr. Marabô (...) porque as pessoas tão entendendo que dentro da nossa religião, dentro do caminho que nós seguimos, não existem dogmas, não existe o porquê de não fazer isso. Ou você é proibido de fazer tal coisa. Se você é proibido de fazer tal coisa é explicado o porquê.

Cada casa mexe a panela com a colher que tem, mas seguindo essa linha de raciocínio, eu acho que é uma faca de dois gumes, não pra falar que cresceu, eu só acho que ta muito mais divulgado, porque no Brasil falar que nunca houve a famosa Macumba é a maior blasfêmia que existe.

7. Esse é um dos pontos que tento tratar no texto. Já existia só era “ por debaixo do pano”

R: Eu ainda costumo brincar com isso, eu falo que a Macumba em si é igual homofobia. Homossexual tem desde os tempos do bisavô, a diferença é que hoje é muito mais evidente do que naquele tempo.

8. Você já participou de algum mega evento, ou grande evento afro religioso?

R: Já participei, acho que duas ou três vezes, daqui do município de Jundiá de uma casa de Umbanda conceituada na região.

9. Você acredita que esses eventos são importantes para a religião?

R: Eu acredito que esses eventos tinham que ter tipo o Cerco de Jericó da Igreja Católica ou o Reteté de Jesus da Igreja Evangélica.

Porque eu acho que isso só vai aumentar cada vez mais o respeito pela religião, porque muita gente não conhece as nossas religiões por falta de conhecimento. Porque a grande ignorância brasileira é ignorar nossa religião, sendo que toda nossa culinária veio de dentro da nossa religião.

10. Depois dessa informação ninguém mais vai comer feijoada, né!

R: Não só a feijoada! A cocada. Salada de frutas? Jamais! Ninguém vai comer mais nada. Beber pinga então? Jamais! Cachaça? Jamais!

11. Como chegou para você o convite pra participar da Festa de São Jorge do T. U. Caboclo Flecha de Ouro? Conta a história!

R: Olha, essa história foi engraçada, né!

Na época eu era militar do Exército Brasileiro, onde servi durante sete anos, bem servidos com orgulho pra minha família, pra nação e pra quem serviu comigo porque eu era um corneteiro diferenciado. E lá dentro do quartel, inclusive, eu sofria perseguição. Porque eu andava com guia de olho de boia, uma guia de Boiadeiro na Umbanda. Guia de Exu sempre tava cruzada por debaixo da gandola e eu tinha o hábito de fumar charuto ou cachimbo no quartel.

E um dos fatos interessantes, porque tinha um subcomandante, que nós chamamos de Pexada, quem é o protegido lá e eu sempre fui pexada de subcomandante e comandante porque eu era corneteiro né.

Ele sempre falava assim: “ O Heberon acendeu o cachimbo dele, deixa ele quieto. Só fala pra ele a hora de dar o toque e deixa ele quieto. ”

Aí estava eu terminando de fumar o meu cachimbo, chegou um GM em mim, prestou continência, na época era o GM que era o relações públicas da GM de Jundiá, esses cargos sempre trocam.

Chegou com ofício e falou assim: “ Oh Heberon, tudo bem? To aqui com um ofício, de um evento religioso e tal, mas não é a Caminhada de Nossa Senhora do Desterro não. ”

“ E no que eu posso ajudar? ”

Porque eu era parte da secretaria então eu recebia correspondências externas e internas, ofícios e tudo mais.

Aí ele falou assim: “ Então é um evento afro religioso. ”

Eu falei: “ Como assim afro religioso? ”

Até guardei o cachimbo no bolso da gandola.

Ele falou: “ Oh, é uma Tenda de Umbanda, uns guardas da corporação todo ano fazem a escolta de São Jorge, que eles chamam de Ogum e tal. E eles tão pedindo um clarim pra dar o toque lá pra entrada do santo. ”

Aí eu falei: “ Mas santo não entra com toque de corneta, santo entra com toque de tambor. (risos). ”

“ Não! Mas tem um cortejo e tal, tem fogos, vai ser no Dal Santo, tem um script que eles passam pra Prefeitura. É um evento totalmente organizado legalmente, não é nada por conta, bagunçado. É legalmente amparado. ”

“ Beleza então, eu vou! ”

“ Eu não sei que religião você é. Mas vou deixar pra você e você leva pro comandante. ”

“ Ta Bom! ” Aí peguei o ofício e li lá, e pensei: “ vou levar pro comandante, militar velho, 100% ‘caxias’, reto, formação tradicional e tudo mais. Certeza que vai rasgar esse ofício. Tenho certeza. ”

Hoje acho que não ta tanto assim, mas naquele tempo tinha muito preconceito.

Aí levei pro comandante e ele falou: “ Deixa aí que eu vou dar uma olhada e vejo. ”

Deixei lá o ofício. Faltando dois dias pro evento, um dia, sei lá, me veio a resposta. Meu chefe de sessão veio “ Oh, comandante perguntou se você quer ir? Você não é obrigado a ir, certo?! O comandante falou que você ta autorizado a ir, mas você não pode utilizar o nome do Exército Brasileiro (E.B.). Tenta evitar o 12º GAC e E.B. ”

Mas é impossível, é um evento de grande vulto, não tem como falar é o corneteiro do boteco. Aí eu cheguei no comandante e falei: “ Eu não vou fardado, porque eu não sei o calibre do evento. ”

Porque são táticas que tínhamos de imprensa naquela época. “ Não vou fardado, porque se for bagunça, patifaria... ”

Tudo o que é relacionado a afro descendência vira bagunça. “ Então eu vou de branco porque eu sou da religião. Mas se questionarem eu tenho que usar o nome do E.B. ”

“ Então tudo bem, vai de branco, mas se você perceber que é bagunça, você faz o que você sempre faz no quartel, some! Ninguém sabe pra onde você foi. ”

Aí então eu fui e participei o primeiro ano, gostei muito, achei super agradável. Foi no Ginásio, no Dal Santo, acústica tremenda, eu jurava que o som da corneta ia cobrir o som do atabaque, aí eu fui de trompete por causa do eco que ia dar. O choque ia dar musicalmente falando, e por incrível que pareça ficou tudo muito ornado.

Nos anos seguintes, isso de certa forma fez eu ganhar um certo prestígio no quartel e a fama se espalhou que eu era macumbeiro mesmo. Aí nos próximos anos foi muito mais fácil, já ia fardado porque como é um evento amparado legalmente, eu tinha a defesa da imprensa do E.B. do 12 GAC, e tinha a proteção de imprensa da Tenda de Umbanda que me convidando, então eu sabia que eu não responderia judicialmente por nenhum lado.

12. Você acredita que esse evento é importante pra cidade, pra região?

R: Eu acho que tem que continuar cada vez mais, e assim, no Bolão, Sesc... tem que ser um negócio muito forte, e tem que ter mais casas unidas e fazer um calendário, cada casa louvar seu orixá patrono, sua entidade pratora.

Porque no Rio de Janeiro, se for ver, lá falam que é a terra da macumba. A terra da Macumba é São Paulo, isso já mudou faz tempo. É igual falar que a terra do Candomblé é a Bahia, não, é São Paulo. No Rio de Janeiro tem muito samba de Zé Pilintra, samba de Malandro, samba do morro, samba dos arcos da Lapa, samba de Zé Pretinho.

Você vê que é um movimento tão forte da Umbanda lá que até as entidades públicas respeitam o calendário e ninguém se intromete. Você não vê pastor da Igreja Evangélica levando os fiéis dele na porta do evento pra confrontar, ou querer expurgar Sr. Zé Pilintra.

A fé popular é tão importante no nosso meio social que lá no Rio só conseguiram isso por meio de eventos pioneiros, como esse de Jundiaí. Porque não foi da noite pro dia que eles conseguiram o respeito deles. Joãozinho da Goméia quando chegou falando que era homossexual, preto, e da macumba, do Candomblé, todo mundo exorcizou, criminalizou, maior bafafá. E o cara reinventou o carnaval do Rio de Janeiro, que se espalhou pelos estados e veio pra São Paulo. O cara transformou o jeito do carnaval, com roupas e vestimentas de orixá.

13. Você acha que os eventos afro religiosos tem condições de acontecerem somente virtualmente ou precisa de contato humano?

R: Olha eu acho que é uma coisa polêmica de se falar. Porque se for pra ser falado de fé, a fé não vive dentro de templo e sim dentro da pessoa. E evento eu penso que não seria uma coisa apenas de fé e sim artística. Partindo de apenas produção artística, poderia ser virtualmente, pela internet. Fazer de uma maneira que as gerações mais novas não sabem e que as mais velhas talvez estejam esquecendo, de maneira folclórica, manifestação de arte. Agora, religiosamente falando, não daria certo. Porque só quem vive dentro de um terreiro, quem tem uma vivência básica dentro de um terreiro, de um roçado, sabe o que é, é uma coisa que não dá pra sentir virtualmente.

As pessoas estão esquecendo do mais importante, o respeito. E o respeito está faltando dentro do Candomblé, da Umbanda, da Igreja Evangélica, da Católica, entre seus próprios praticantes. Nós ainda somos chamados de macumbeiros, porque ainda tem quem se referência a religião como macumba. E o pior de tudo é um visitar a casa do outro e tirar

sarro da casa pelas costas. Ou chegar um leigo do lado e a pessoa ficar comentando, fazendo chacota, ir pra reparar na casa dos outros.

14. Pra gente encerrar, vou te falar uma palavra e gostaria que você respondesse com a primeira coisa que te vier a cabeça.

Orixá:

R: Xangô.

Candomblé:

R: Vida.

Intolerância Religiosa:

R: Babaquice.

APÊNDICE C – ENTREVISTA LUCIANA SANTIAGO

Entrevista cedida para realização de trabalho de conclusão de curso.

Entrevistadora: Thayna Santiago Tanuri

Entrevistada: Luciana Santiago (Mãe Luciana)

Data da Entrevista: 26 / 05 / 2021

As informações contidas neste apêndice foram transcritas de acordo com as falas da entrevistada.

1. Gostaria que você se apresentasse.

R: Meu nome é Luciana Santiago, tenho 44 anos, sou comerciante.

2. Qual é a sua trajetória dentro da religião?

Eu conheci a Umbanda com 14 anos, por acaso. Nasci numa família católica, kardecista. No entanto nunca acreditei no espiritismo, nunca gostei do espiritismo, mas sempre brinquei com o espiritismo. Então, eu gostava dos mistérios, tudo o que era muito misterioso, eu gostava. Mas eu nunca levei aquilo como religião, até os 14 anos eu conheci várias religiões, conheci várias religiões.

Eu só não conheci de perto Testemunha de Jeová porque eu não tive oportunidade de conhecer, mas fui batizada, eu fiz Primeira Comunhão, participei da Igreja Católica, eu fui mórmon, frequentei um pouco a Igreja dos Mórmons. Eu fui assistir cultos da Igreja Batista, da Congregação Cristã, da Assembleia de Deus, da Igreja Metodista. A Igreja Metodista eu frequentei por mais de dois anos, e foi aí que eu comecei a ouvir as pessoas rezarem em outras línguas, eu comecei a ficar com muito medo, mas mesmo assim eu continuei.

E aí, por acaso, meu tio e a minha mãe começaram, por problemas familiares, eles começaram a frequentar um Centro de Umbanda indicado por um amigo dele, do trabalho dele. E um dia eu acabei indo, assim sem querer, porque me encontraram na rua e falaram: “ Olha, nós estamos indo no Centro. ”

E eu fiquei com medo de voltar pra casa sozinha, porque tava de noite e acabei indo. E foi a primeira vez que eu vi os atabaques tocarem, e eu senti alguma coisa diferente, e eu nunca mais deixei de ir.

3. Você acha que de alguma forma as ‘coisas’ se organizaram pra isso acontecer?

R: Com certeza!

4. E hoje você frequenta alguma casa?

R: Hoje eu sou Dirigente Espiritual de uma casa, há 30 anos.

5. Qual casa?

R: O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, da cidade de Jundiaí.

6: Há 30 anos! Como surgiu a casa?

R: A casa surgiu, eu comecei a frequentar com 14 anos e com 14 anos, trabalhando dentro do quarto, que minha vó era Presidente da Mesa, fazia os trabalhos da Mesa Branca só entre família como muitos até hoje trabalham, a entidade que hoje chefia a casa, pediu uma casa. A primeira vez que ela se manifestou, perguntaram pra ela: “ O que que vós quer? ”

“Eu quero uma casa pra trabalhar! ”

Falaram: “ Ah, seja bem-vindo! ”

“Vocês não estão entendendo. Eu vim para chefiar uma casa. Eu preciso de um espaço pra eu trabalhar. ”

Só que eu era muito criança, então o único que comprou toda aquela loucura foi o meu tio.

7. Que foi o mesmo tio que levou no Centro de Umbanda lá traz?

R: É. Eles já frequentavam, né. Eu já tinha ido naquele Centro, eu tava em desenvolvimento naquele centro e como minha vó trabalhava na Mesa Branca em casa, faziam trabalhos espirituais em casa, eu também comecei a participar daqueles trabalhos em casa.

E foi que aquela entidade se manifestou na casa nossa, não no terreiro que eu frequentava. E aí, meu tio falou: “ Então nós vamos fechar o terreno casa. ”

É muito grande, e até hoje é no mesmo lugar. A casa só passou por reformas e foi ampliando devido ao grande número de frequentadores, ficou muito conhecida, a estrutura foi se modificando, a estrutura física. Mas era no mesmo lugar, e aí meu tio fechou, era de madeira né, o chão de cimento rústico, bem precário mesmo, era uma mesinha e aí ele fechou aquele quartinho pra mim, para que eu pudesse trabalhar.

Eu acredito que devia ter o que, uns 8m². Era um quartinho, era um lugar como se fosse um quartinho de despejo né, era bem pequenininho. E aí, eu comecei a trabalhar ali. Só que aí começaram os problemas. “Não porque uma criança não pode chefiar uma casa. ” E aí precisa registrar na Federação.

Acreditava-se que no começo, lá trás, bastava o registro da Federação. Então, o que aconteceu? Eu não podia registrar nada no meu nome porque eu tinha 14 anos de idade, então o meu tio foi e registrou o Templo no nome dele. Que era numa determinada Federação, era situada na cidade de São Caetano (SP), e foi uma indicação de uma casa de Umbanda. Uma casa que vendia artigos religiosos, acredito que a pessoa já tenha até falecido. “ Não, vocês vão lá e registra a casa lá. ”

Então, meu tio foi e registrou no nome dele. Ele era o presidente da Instituição e essa casa tinha o nome de Tenda de Umbanda Nosso Senhor do Bonfim e Estrela Dalva. Era esse o nome porque a entidade chefe da casa era um Baiano, foi a entidade que pediu a casa. E aí, transcorreu os trabalhos e foram aí por um tempo né.

Eu sei que a primeira Festa de São Cosme e Damião que nós fizemos, nesse quartinho, ninguém sabia da casa. E nessa primeira festa nós tivemos um número, eu lembro até hoje, de exatas 60 pessoas na festa. Então era muita gente pra um quartinho que não cabia ninguém. Então, a própria entidade brincou, ela falou: “ Vai chegar um dia que o terreiro vai tomar todo esse terreno físico. ”

E esse dia óbvio que chegou porque a gente tomou todo o espaço alí da casa dos meus pais, que até hoje é alí na frente da casa deles.

8. Em questões de estrutura afro religiosa, vocês sempre tocaram umbanda?

R: A gente sempre trabalhou como Umbanda, teve uma época que eu me interessei muito pela Umbanda Sagrada, que foi pela Umbanda do Rubens, foi uma época que abriu um estudo muito grande. Foi uma época muito difícil na minha vida pessoal. E aí, trouxe um conhecimento muito grande pra mim na parte de magia e de estrutura mesmo, de como lidar com as pessoas e como eu comecei tudo muito nova, na minha época não se tinha estudo.

Não existia internet, não existia livros, você não tinha onde pesquisar. O conhecimento era único e exclusivo passado pelo seu Pai de Santo, você não tinha outra forma de conhecimento. A gente pra ler um livro, a gente lia escondido do Pai de Santo, porque se ele soubesse você era expulso da casa. Porque era o único conhecimento que você podia ter, era o conhecimento dele. E eu sempre fui muito insatisfeita com isso. Eu sempre busquei muito além do que me ofereciam.

E aí, quando eu conheci, fiquei sabendo da Umbanda Sagrada, eu me interessei por estudar. Conheci muita magia, aprendi muita coisa e segui. Assim, acho que me ajudou muito essa evolução espiritual, algumas coisas até hoje a gente segue, digamos de uma certa forma, o que é bom ficou na casa, só que as minhas linhas continuam como eram do princípio, é a Umbanda como era lá há 30 anos atrás.

9. Você acha que essa explosão da Umbanda Sagrada se deve aos meios de divulgação e muita das obras publicadas pelo Rubens?

R: Sim! Porque era uma coisa que não se tinha isso. Veio numa hora que, eu acho que assim, o umbandista ele tava muito pobre disso. Foi uma época que veio pra satisfazer esse conhecimento e o Rubens abriu isso tudo, foi uma grande, ele trouxe um grande conhecimento.

Ele trouxe uma Umbanda que era uma Umbanda pra todo mundo, que não tinha distinção, então ele trouxe aquilo que todo mundo podia seguir. Que você podia acender uma vela, sim, na sua casa e fazer uma oração, porque o que a gente aprendia, eu não pregava isso, mas o que eu aprendi foi: você não pode nem acender vela na sua casa. Então o Pai de Santo não deixava. Eu acendia a vela na minha casa escondido porque ele não podia saber.

E com o Rubens não. Você podia sim fazer na sua casa. Você era dono da sua mediunidade e não escravo dela.

10. Em algumas pesquisas eu encontrei publicações de outras Instituições como a Faculdade de Psicologia de Ribeirão Preto, que realizou um estudo na casa. A casa é sempre aberta para estudos acadêmicos? E esse estudo em específico tratava de um 'braço' do Tambor de Mina dentro da casa, isso é fato?

R: A casa ela é aberta ao estudo. Como eu falei, como eu sempre busquei estudar, então eu sempre senti que as pessoas precisavam de estudos, elas precisavam ter ciência do que elas fazem. Elas têm que ter consciência, que eu acho que a Umbanda acima de tudo, ela é uma religião, mas é uma religião racional, você tem que fazer as coisas com razão, com consciência. Então não é só o acreditar no

invisível. Você tem que acreditar no invisível, ter a sua fé, mas sendo racional, sendo consciente das coisas. Que nem falam: “ Ai acendi uma vela e a vela apagou. ” Tinha vento perto? Se tinha vento é óbvio que a vela apagou, entendeu.

Então, as vezes eu sou chata e as pessoas acham que eu sou descrente por causa disso, mas não é isso, eu acho que tem que... é o estudo.

É uma casa aberta ao estudo, a gente sempre recebe muito bem quem quer estudar e foram algumas pessoas que vieram de faculdades pra fazer mestrado na casa e a gente tem, eu acho que é um braço mesmo, dentro da casa, é uma linha muito forte que é o Tambor de Mina que apareceu não sei como, pela própria espiritualidade porque eu não conhecia, eu não tinha conhecimento disso, que é o que eu te falei, não tinha internet, não existia nada disso. Então, assim, quando começaram apresentar essas entidades, fui inclusive falar com Pai Jamil Rachid, da União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, Presidente do Superior Órgão de Umbanda na época e eu perguntei pra ele: “ Pai, estão acontecendo coisas estranhas dentro da minha casa. Apareceram umas entidades e deram uns nomes esquisitos que eu nunca ouvi falar e se manifestaram falando que era da Encantaria.”

E ele falou: “ Ai deixa isso aí quieto pelo amor de Deus. Deixa isso daí pra lá. Mas quem que chamou? ”

Falei: “ Ninguém chamou. Eles apareceram e eu não sei o que fazer com eles.”

E ele falou: “ Olha, se eles não estão te dando problema, então você deixa eles lá. Vai tocando assim. ”

Então todo o conhecimento foram o conhecimento que eles trouxeram, porque eu não tinha conhecimento disso. Tem gente que vai pro Pará, pro Maranhão pra estudar, pro Amazonas. Eu nunca fui pra lá. Então eu não tenho realmente, eu não tinha conhecimento, aliás eu não sabia nem que existia o Tambor de Mina. Então, de fato eles começaram a se apresentar, não são todos os médiuns da casa que trabalham com essa linha e aí, as pessoas começaram vir e ficaram sabendo que eles esporadicamente se apresentam na casa e começaram a vir atrás dele pra estudar.

E eles recebem muito bem porque eles gostam muito de falar, eles gostam muito de explicar, de conversar, mas também é o dia que eles querem. As vezes eles não respondem, sai andando e a pessoa fica sem resposta. Quando a pessoa começa a perguntar muita coisa que eles são entidades que tem muitos mistérios e coisas não reveladas, que são reveladas realmente com o tempo e é revelado pra aquela determinada pessoa.

Então, tem gente que as vezes quer saber: “ Ah, mas porque que o senhor usa tal cor? ”

Umas coisas meio imbecil, então que não vai fazer diferença nenhuma pra pessoa, então eles respondem com um ponto cantado que é:

Tambor de Mina é segredo

Segredo que ninguém sabe

Quer descobrir o segredo

Vai lá nas ondas do mar.

11. E descobre mesmo?

R: Não! Porque quem vai não volta pra contar.

12. A casa sofreu algum episódio de racismo, intolerância religiosa, opressões, repressões?

R: A gente sofreu e sofre até hoje.

Então, que nem eu falei a casa tinha o nome de Tenda de Umbanda de Nosso Senhor do Bonfim e Estrela D'alva e ela ficou por sete anos com esse nome. O que aconteceu? Devido aos atos de intolerância religiosa a gente teve que finalizar essa casa e construir uma nova casa porque aí, começaram denúncias.

A princípio eram denúncias por causa do barulho. "Ah, mas vocês tocam o atabaque até as nove horas da noite. "

Aí, o próprio denunciante dizia que a gente tocava o atabaque das oito as nove, mas aí eles alegavam assim, tanto na polícia como na prefeitura, que a partir do momento que há uma denúncia eles tem que averiguar e não importa o horário e então que não podia. Que tinha que ter o alvará. Pra ter o alvará a gente precisava de uma planta com não sei quanto por não sei quanto de porta blá blá blá blá, e era assim absurdo de caro, é o que eu falei, a gente trabalhava num quartinho de madeira e aí eu me ajoelhei diante do altar e falei pros guias que eu ia fechar a casa e que a gente não ia ter condições, era uma coisa que custava muito dinheiro e eu não tinha.

Só que isso começou antes dos sete anos, começou eu tinha 18 anos quando começou. Então a entidade falou pra mim assim: " Olha minha filha, você confia em Deus? "

Eu disse: " Confio! "

" E em mim, você confia? "

Eu falei: " Claro que confio! "

Ele falou: "Então derruba tudo isso, põe tudo abaixo que nós vamos erguer outro! "

E assim eu fiz.

Hoje, com a minha idade, eu não sei se eu faria né, porque hoje o meu racional é muito mais, eu acho que aflorado do que o emocional, mas como eu era mais criança e com 18 anos você acha que você pode tudo, então eu derrubei tudo. Eu derrubei tudo e chamei um pedreiro lá que era um vizinho e falei: " Eu preciso erguer uma casa com isso, com isso, com aquilo, com aquilo. "

Pra você ter uma ideia o mínimo de pé direito do terreiro tinha que tem quatro metros de altura, então ia não sei quantos blocos. Foram 5 caminhões de areia, 3 caminhões de pedra, eu tinha tudo isso guardado, mas eu acho que se perdeu aí com o tempo, mas eu tinha todas essas notas e tudo mais. E aí, a gente começou: faz rifa, vende ovo de páscoa... aí vinha um e dava uma doação sabe, era uma coisa assim, era um caminhão, não sei tá, mas custava 500 reais e a pessoa falava eu posso doar 10 reais, quer dizer não era nada. E de repente o dinheiro rendia e aí a casa foi se erguendo. Tudo isso com polícia na porta, com agressões físicas, com ameaça de morte, com palavrões, com ameaça assim de tudo quanto era tipo.

13. Da própria vizinhança?

R: Sim da vizinhança. Não era da vizinhança (como um todo), mas era assim um vizinho específico e tinham alguns outros que também eram de outras religiões que davam um apoio meio velado. Incentivavam, mas não davam a cara a tapa. E assim nós fomos, e aí pra fechar esse ciclo, a gente precisou fechar essa Tenda Nosso Senhor do Bonfim.

E foi aí que eu assumi de vez a casa, porque aí o aconteceu? Todo mundo ficou com medo. Porque todo mundo era ameaçado, tinha que ir na delegacia e tudo mais e eu falei: “ Bom, eu já sou maior de idade, então eu vou assumir a casa. ”

Só que aí eu não podia assumir com aquele mesmo nome, e foi aí que eu conheci o Pai Jamil e eu fui parar na Federação e só que aí eu também não tinha idade pra abrir a casa, porque eu ia fazer 21 anos dali alguns dias.

Cheguei lá e o saudoso Pai Aguirre, que é meu padrinho dentro da Umbanda e aí ele falou: “Não, nós vamos abrir sua casa, mesmo você não tendo idade nós vamos abrir. E que nome vai ter? ”

Falei: “Pai não tem nome, não. ”

Ele falou: “Como não tem nome? ”

Falei: “ Não tem nome. ”

Aí ele falou: “ Uma casa precisa de um nome. ”

E eu falei: “Mas não tem nome. ”

Então ele falou: “Como chama seu caboclo? ”

E eu com muita vergonha, porque nunca tinha ouvido falar daquele caboclo, porque todo mundo tem guia famoso né, guia que sai na internet e aquele caboclo eu nunca tinha ouvido falar. Aí eu falei pra ele: “ Meu caboclo chama Senhor Flecha de Ouro. ”

E ele começou chorar e chamou uma Ekedji: “ Nossa ela tem Sr. Flecha de Ouro. ”

E eu não entendi nada do que tava acontecendo.

“E o orixá da sua casa? ”

“ Também não tem orixá não. ”

“ Como não tem orixá? ”

Falei: “Não, não tem orixá. ”

Aí expliquei tudo o que tava acontecendo e ele falou: “ Então, vamos fazer o seguinte: essa casa vai ser assentada pra Ogum! Porque com Ogum na frente, Ogum é general...” [...]

O seu Aguirre ele era Coronel do Exército e ele era filho de Xangô. Ele era filho de Xangô e ele falou: “Com Ogum na frente ninguém vai parar sua casa! A sua casa jamais vai ser derrubada. E esse caboclo é um caboclo de brilho de sucesso ele é uma entidade que traz muito sucesso pra casa que ele chefia. A sua casa vai ser conhecida em todo lugar. A sua casa vai ser uma casa muito grande. Eu vou ver essa casa ficar grande. ”

E assim ele batizou a casa.

Aí eu vim embora, sem saber o que eu ia fazer com aquilo, porque a casa tava aquele esqueleto ainda, sabe. As coisas sendo construídas aos poucos, com muita dificuldade e foi ali que eu fiz a promessa pra São Jorge. Porque quando falava em Ogum pra mim eu via a imagem de São Jorge. E eu pedi pra São Jorge, que se São Jorge me ajudasse a vencer essa batalha que em todos os anos, quando eu inaugurasse a casa, a partir daquele momento eu iria fazer a melhor festa que eu pudesse, dentro das minhas posses, dentro do que eu conseguisse, mas que eu iria fazer a festa pra ele. E assim começou a festa de Ogum

14. E esses ataques pararam?

R: Não. Esses ataques ainda continuaram, foram ainda mais algum tempo.

15. Teve algum que te marcou mais?

R: Teve um que foi no dia da Umbanda, eu não lembro o ano. Foi em 2000. Porque eu já fazia a festa pra São Jorge. Eu lembro que a gente saiu, porque foi numa quarta-feira, dia 15 de novembro. A gente saiu, que teve um bingo que era de uma pessoa que era deficiente física da rua, que era pra arrecadar porque ele ia passar por uma cirurgia e aí, todo mundo doou prendas e tudo mais e a gente foi naquele bingo.

Quando a gente voltou era seis horas da tarde. Quer dizer, não ia ter gira, era feriado e quando a gente voltou eu comecei ouvir meu pai gritar na rua e quando eu saí ele tava todinho ensanguentado, porque cinco pessoas agrediram violentamente ele. Quebraram todo rosto dele e a polícia não fez nada. Eu liguei na polícia e a polícia disse assim pra mim: “ Olha, briga de lavadeira a gente não socorre. ”

16. Ou seja, houve uma omissão do poder público!

R: Do poder público, ninguém fez nada!

17. Você acha que se isso acontecesse hoje outras medidas seriam tomadas devido a internet e ao conhecimento que se tem em volta disso?

R: Eu não sei. Sinceramente, eu não sei.

18. Porque a religião afro ela ainda é muito marginalizada né?

R: Eu acho que hoje em dia, por conta de todos esses acontecimentos eu tenho um conhecimento muito grande dentro da cidade, tanto dentro da polícia que eu acabei ficando conhecida.

19. Foram quantas agressões físicas?

R: Cinco.

20. E essa foi a última?

R: Essa foi a última.

21. Seu pai foi hospitalizado?

R: Sim. Minha tia também que é falecida a vizinha tentou agredir, mas como ela reagiu né?! Mas ela também chegou a registrar boletim de ocorrência, mas eu não sei depois se isso deu alguma coisa. Eu acredito que não porque não dava em nada.

22. Mas o denunciante, acredita-se que tinha alguma influência dentro da prefeitura?

R: Sim, com certeza!

Tanto dentro da polícia como dentro da prefeitura. A própria fiscal, eu cheguei um dia, era 22 de dezembro, a minha mãe estava passando por uma cirurgia, ela tava no hospital eu cheguei no terreiro era por volta de oito horas da noite, quer dizer, era 22 de dezembro não tava acontecendo nada e tava parado a perua da prefeitura em frente a porta do terreiro com um talão de multa. E aí eu falei: “ Mas o que que tá acontecendo aqui? ”

“ Nós viemos te multar. ”

“ Como você veio me multar? ”

“ Tá tendo barulho. ”

Eu falei: “ Olha, só se os mortos tão lá dentro tocando atabaque. Porque você não tá vendo que tá tudo apagado? ”

“ É, mas ligaram que tá tendo barulho.”

Aí eu falei: “ Não, não está tendo barulho. Você está vendo que não está tendo barulho.”

“ É, mas é a sua palavra contra a minha.”

Essa pessoa até hoje ta dentro da prefeitura, quando ela me vê ela estremece, porque ela sabe que eu sei as coisas que ela fez pra mim lá dentro.

23. E recentemente houve alguma outra denúncia?

R: Sim, houve também. Eu não sei mais quanto tempo, porque eu vou perdendo a noção do tempo. Eu acho que faz uns quatro anos atrás mais ou menos, teve uma outra, aí eu precisei ir lá de novo, e era essa mesma fulaninha que tava lá. E é a mesma coisa, é a mesma pessoa que denuncia e aí eu precisei falar com um delegado da cidade e ele foi me acompanhando dentro, olha que situação, dentro da prefeitura, porque também tem uma coisa; se você vai pra se explicar, ninguém nem te escuta.

Ninguém escuta você dentro da prefeitura e aí, eu recebi na época que tudo tava acontecendo, que foi o auge das agressões, eu recebi uma ajuda muito grande do vereador na época do Castro Siqueira que também já é falecido. Ele me ajudou muito, ele chegou lá quando eu recebi essa suposta multa, ele chegou lá e nós pegamos a pessoa falando com o denunciante no telefone: “Ah mas se eu fosse você eu também denunciaria, porque eu odeio essa religião. ”

Então, era claro que era perseguição religiosa só que na época você não tinha como provar nada disso. Eu sei que ele precisou entrar no meio, mas foi muito complicado. A gente tinha várias reuniões com o prefeito pra tentar explicar. E eu tinha o alvará, aí eles alegavam que eu tinha que por eu ter o alvará eles iam fechar a casa.

24. Então, mas a prefeitura te concedeu o alvará?

R: Mas é assim, até hoje se tem alguma denúncia eles ligam e pedem o alvará.

25. Mas a prefeitura não tem esse documento?

R: Então a prefeitura tem que ter, mas eles pedem o alvará. Então eles nem sabem o que eles querer, mas é assim.

Inclusive uma das minhas discussões lá foi justamente essa porque que o terreiro de Umbanda tem que ter limite de decibéis o atabaque, que o atabaque não é som mecânico. Isso eu fui ver, fui estudar a Constituição Brasileira e eu achei dentro da Lei isso. Agora a Igreja Evangélica, assim como uma Igreja Católica ela tem som mecânico, microfone, amplificador, caixa de som, e pra eles tudo bem.

E aí, falaram isso pra mim dentro da prefeitura: “ Não, mas não tem problema, a Igreja não tem problema. Se você abrir uma Igreja numa garagem não tem problema nenhum, desde que não tenha denúncia. ”

“ Mas e se tiver denúncia? ”

“ Ah então, mas se tiver denúncia e tiver tudo em ordem...”

“ Mas se é dentro de uma garagem não ta tudo em ordem. ”

26. Aí você com planta aprovada, com som não mecânico, trabalhando até as nove da noite era denunciada?

Era denunciada e multada e agredido e tudo mais. Embargaram a obra quando eu tava fazendo, fizeram um monte de coisa, foi muito difícil, foi muito complicado.

27. E a casa ta de pé pela raça da dirigente?

R: Pela teimosia, só pra não dar o gostinho.

28: E você comentou sobre a festa de Ogum, contextualiza a festa, por favor, conta a história desse evento.

R: A festa ela começou com todos esses problemas aí, quando foi 1997 acho, a primeira festa, foi quando foi na verdade a inauguração da casa nova, que aí tava com a documentação tudo e eu acreditava que tinha acabado.

Então, no dia 14 de abril eu abri a casa com trabalho de Preto Velho, que era uma quarta feira e aí, a outra semana era dia de São Jorge, dia 23 de abril. E aí, conversando com meu tio maluco lá, falei pra ele: “Tio, preciso fazer uma festa pra São Jorge. Eu prometi pra são Jorge ”

Ele falou: “ Mas o que nós vamos fazer? ”

Falei: “ Não sei, mas tem que ser alguma coisa bonita, pra São Jorge eu preciso fazer uma coisa bonita. ”

Aí São Jorge é militar, patrono dos militares, aí tem um amigo nosso que inclusive era ele que levava os caminhões de areia porque ele fazia o carreto pra mim de graça, que era da GM (Guarda Municipal), que era o Michel Zillo, que eu acho que hoje ele era aposentado. Aí meu pai era muito amigo dele, ligamos pra ele: “ Zillo, você não traz a imagem de São Jorge? ”

“ Ih, pra isso aí eu preciso falar com o Coronel, precisa fazer um ofício. ”

Isso tudo na semana, aí eu faço o ofício, ele me ensinou, era na máquina de escrever hein, fizemos o ofício bonitinho, ele levou lá, era o Coronel Benevides. Ele levou, era só ele, o Coronel deixou.

E aí, como é que vai trazer o santo? Vai trazer no colo? Ah não, não pode. Meu tio tinha umas madeiras lá, pegou o santo, era um santo menorzinho, fez lá mediu que coubesse uns vasinhos em volta. Pintamos lá com tinta de parede, tudo bem precário e aí foi, a Primeira Festa de São Jorge do terreiro. Foi o Zillo e o filho dele porque tinha

que ter duas pessoas pelo menos pra carregar o andor, porque como que ia carregar?! Aí o filho dele falou: “ Não, eu vou. ”

29. E o Zillo entrou fardado?

R: Entrou fardado. O Coronel deixou ele entrar com a farda. Os caboclos benzeram a farda, tudo. Foi o primeiro ano.

Aí, no outro ano vamos fazer de novo. Aí no outro ano ele falou: “ Oh posso levar mais um guarda amigo meu? ”

Opa, bacana! Aí já foi mais um guarda. Já foram dois, fiz o ofício, levou lá e o Coronel liberou. Se não me engano, foi no terceiro ano, 1999.

E eu mandava pra prefeitura, mandava, mas não na pretensão de que viesse alguém da prefeitura, mas mandava só pra lembrar que eu ainda estava ali pra ninguém encher o saco.

30. E se acontecesse alguma coisa pra ninguém falar que a prefeitura não estava avisada.

É, tava avisada que tava tendo uma festa que ninguém tava ali pra prejudicar ninguém que era só uma homenagem. E aí, nesse ano me aparece o prefeito da cidade, que era o Miguel Haddad. Ele aparece, junto com o Castro Siqueira, o Chico Poço que eram os dois vereadores da cidade.

Eles vieram na festa e participaram da festa, ficaram ali e aí á tinham três guardas, e foi aumentando. E no outro ano teve toda a agressão e tal, no ano 2000.

31. E em 2001 teve festa de novo?

R: Em 2001 teve festa de novo! Aí nós fizemos um pouco mais de barulho. E assim foi aumentando o barulho, e quando a gente fez 14 anos de festa dentro da casa tava muito apertado, porque vinham os outros terreiros também trabalhar, e aí a gente abriu o portão e a polícia já fechava a rua pra gente né, inclusive com o camburão na frente da dita vizinha.

32. Que nunca tentou nada durante a festa?

R: Não. Era louca só quando não tinha ninguém. Mas no meu coração não via a hora que acabasse aquilo, porque eu tinha muito medo que ela fizesse alguma coisa pra alguém que tava ali; porque ela ameaçava a tacar pedras nos carros, riscar os carros das pessoas. Eu tinha muito medo porque a hora que eu ia embora, meus pais ficavam ali sozinhos.

Então, eu tinha medo que acontecesse alguma coisa com eles ali, porque assim uma pessoa que faz um negócio desse, a família toda participava dessas agressões, inclusive um menor de idade. Então tudo eles faziam e colocavam como se o menor de idade tivesse sido agredido, porque aí não dava cadeia, entendeu, era isso que eles alegavam.

33. Com certeza eles foram instruídos a alegar isso.

R: É, não sei.

Então, aí, com catorze anos de festa veio o Jamaica que trabalha na prefeitura, que a gente conheceu através do Fabião que era amigo nosso também. Que também

me ajudou num ato que teve de reclamação e não sei o que. E o Fabião, que também, - gente eu to muito velha, todo mundo já é falecido.-

Aí o Fabião apresentou o Jamaica, mas isso nem sabia nada. E o Jamaica de vez em quando aparecia por lá e foi na Festa de Ogum. Aí, passou essa festa que tava super lotado, empinhocado. Eu fui defumar as pessoas do outro lado da rua, então as pessoas foram assistir à festa do outro lado, na calçada do vizinho da frente que nunca tivemos problema com ele.

Ele nunca se importou, ele assistia a festa da garagem dele, então, sem problema nenhum. Então, assim, como a gente tinha vizinhos ali que que perturbavam muito, a gente teve muito apoio de muitos vizinhos. Porque assim, eu tive que fazer não sei quantos abaixo assinados ali, que eu levava na prefeitura e eles falavam que não valia nada. Primeiro eles mandavam fazer o abaixo assinado, aí quando eu levava eles falavam que não valia nada.

E aí a entidade, o Exu da casa, o dono da linha da esquerda da casa, virou pro Jamaica e falou: “ Olha meu filho, eu preciso de uma ajuda sua. ”

E o Jamaica muito prontamente se ofereceu: “ O que vós precisa? ”

Ele falou: “ Eu preciso de um espaço maior pra fazer a Festa de Ogum porque aqui ta muito apertado. ”

E o Jamaica falou: “ Eu vou atrás pro senhor. ”

E foi atrás mesmo e falou: “ Faz uma sugestão de alguns ginásios públicos. ”

A gente nem colocou o Dal Santo, porque a gente nem lembrou na verdade do Dal Santo. Eu nem lembro qual a gente colocou [...]. Era o Siqueira, o Bolão e o Romão de Souza. Aí um não podia porque era estadual, o outro a acústica era horrível a e o outro tava caindo o teto.

Eu nem lembro quem falou do Dal Santo, eu fui ver e falei: “ Acho que vai dar certo. ”

Nessa época era o Miguel Haddad que era o prefeito aí eu falei: “ Gente, o que que precisa? ”

“Ah, não esquenta a cabeça, faz um papel aí escrito a mão. Só escrito o dia que você quer, a hora que você quer, que se tiver livre eu libero pra você. ”

E assim foi a primeira festa. Do nada ela aconteceu. Ele liberou. Assim, a gente não recebe verba nenhuma, não tem ajuda nenhuma da prefeitura. O que eles nos “doam” é o espaço. A gente pede assim, a arquibancada, pra eles não tirarem a arquibancada de lá, porque já aconteceu da gente chegar lá, tem ano, que não tinha onde as pessoas sentarem, porque levaram a arquibancada embora.

A escada, eu preciso de uma escada? Eu tenho que levar a escada da minha casa. Eu preciso de uma extensão pra ligar um aparelho, eu tenho que levar a extensão. O som que liga, a gente contrata um som (particular), porque a prefeitura não dá. A gente ganha água, a gente compra a flor do andor ou ganha a flor, mas não é nada custeado pela prefeitura, é tudo do bolso da gente. A gente arrecada dentro do terreiro fazendo rifa, vendendo salgadinho, aquela coisa que todo mundo sabe que é assim os Centros Umbandistas, né? Não vou falar as igrejas porque quem me dera se fosse uma Igreja, mas não é. Os Centros de Umbanda vivem realmente de doação. E muito claro, sai do bolso nosso.

34. E quando a festa se mudou pro Dal Santo e tomou proporções maiores, teve algum episódio de intolerância, de racismo?

R: A gente tem dificuldade até hoje também. Teve um ano que exigiram o habite-se da quadra.

35. Mas isso quem tem que ter é a prefeitura, né?

Mas aí a gente foi lá e falou: “ Mas a quadra não é da prefeitura? Quem tem que ter o habite-se é a prefeitura. ”

“Não. Vocês têm que apresentar o habite-se da quadra e o alvará do Bombeiro.”

Aí a gente falou: “ Mas o espaço é público! ”

“ Vocês tem que contratar um técnico, engenheiro de segurança do trabalho porque se vocês forem montar palco...”

“ Mas nós não vamos montar palco. ”

E foi um puta de um problema. Aí perderam toda a documentação da gente dentro da prefeitura. A gente precisou dar entrada tudo de novo, aí a mulher ligava e falava: “Mas o que vai acontecer lá? Porque um culto evangélico acontece um culto. O católico acontece uma missa. E o vocês? É uma competição? ”

Falei: “ É. Um monta nas costas do outro e sai correndo. ” (risos)

Ai ela falou: “ Não, a senhora não ta me entendendo. ”

Falei: “Não. É a senhora que não está me entendendo. Na Umbanda acontece uma gira. Também é um culto, o nome que a gente dá é uma gira de Umbanda, mas também é um culto religioso. ”

Aí vai de novo todo o processo, só que isso assim, a Festa acontece em abril, começo de abril. Eu tenho que dar entrada nisso até começo de outubro, porque senão eu não consigo a quadra, porque eles alegam um monte de coisa.

Aí não tem cadeira. Você pede duzentas cadeiras, eles ligam e falam que só tem trinta pra você.

35. Mas você acha que todas essas dificuldades acontecem porque é um evento umbandista. Se fosse outro evento de outra religião seria diferente?

R: Sim, com certeza. Com certeza. Até o delegado falou isso lá, porque até ele precisou entrar no meio, porque não podia nada. Aí ele foi lá e falou: “ Se fosse um evento evangélico e o cara ligasse aqui e falasse que precisa de mil cadeiras aqui e eu vou fazer no paço municipal, as cadeiras já estavam colocadas, mas como a Umbanda pede uma vez por ano. É o único evento religioso (umbandista) da cidade e a gente pede uma vez por ano e é só isso que a gente pede: o espaço e o lugar pras pessoas sentarem, vocês criam o maior problema. E eu estou aqui como delegado, por causa, justamente da discriminação religiosa. ” Aí a conversa mudou de figura.

“ Não, não, calma, a gente vai arrumar cadeira. Mas aí a gente não tem caminhão pra entregar o material pra vocês. ”

Em outros anos a gente teve que alugar caminhão pra ir lá buscar, porque a prefeitura não queria e não levou o material pra gente, sendo que, detalhe, o caminhão da prefeitura é guardado no ginásio que a gente usa. Aí, nesse ano que o delegado foi falaram: “ A gente não vai pagar hora extra, porque a prefeitura está sem verbas. ”

Porque a festa acontece num sábado. Ai o delegado falou: “Mas vocês não podem mandar o material na sexta?”

Aí o gestor falou: “Ah é verdade né, boa ideia. ”

Nós mandamos toda documentação ele virou pra mim e falou: “ Que dia que é a festa? Que horas que é a festa? Que lugar que é a festa? ”

Tanto , que aí o pessoal que estava comigo falou: “O senhor não teve o capricho de ler. O senhor marcou uma reunião com a gente e não teve o capricho de ler pelo menos o horário e onde era? ”

Sabe, é um descaso muito grande. Eles marcam pra assinar o papel pra liberar a quadra né, eles mandam eu ir na sexta feira. Eu fico ligando lá, ligando lá e nada. Aí teve um ano que a mulher falou assim: “ Ah, na semana a gente te avisa se foi liberado ou não. ”

Eu falei: “ Meu bem, você não ta entendendo, vem gente de outras cidades, de longe pra assistir a festa. ”

Ela falou: “ Ah eu não acho. ”

Sabe, então as pessoas tratam a gente com pouco caso, ou com descaso. Então ainda é tratado assim. Eu já ouvi falar: “Nossa, não imaginei que a festa fosse dessa proporção. Eu imaginei que era uma coisa de fundo de quintal. ”

E nem se fosse de fundo de quintal, toda homenagem religiosa, independente de qual religião, merece respeito né?! Porque que no Cerco de Jericó ninguém faz essa papagaiada?

36. São quantas pessoas mais ou menos trabalhando por trás desse evento?

R: Eu acredito que assim, por alto, entre o pessoal da casa e as pessoas que vão que nem técnico de som, pessoal de outras casas que também nos ajudam no dia do evento e mesmo antes do evento, a gente tem uma média de 100, 120 pessoas que trabalham nos bastidores de toda a festa.

Como eu falei, tem o delegado que nos ajuda, tem o jornalista que nos ajuda, cada um faz uma coisinha. A minha mãe que me ajuda, que fica na loja, que ajuda a limpar o santo. Então a gente tem aí umas 120 pessoas que trabalham por fora.

No dia do evento, a gente tem uma estimativa que é uma estimativa que o pessoal do ginásio faz pela quantidade de lugares ocupados e tal, porque a gente não tem como calcular isso, eu ainda não sei como calcular. A gente ta estudando uma forma de cálculo né, pras outras festas, mas é em torno de 1.500 pessoas.

37. E é totalmente gratuita?

R: Totalmente gratuita.

38. Quem quiser entrar pode entrar?

R: Pode entrar, de qualquer religião. A gente já teve muitos evangélicos participando da festa, assistindo a festa. As únicas coisas que a gente tem feito, agora nas últimas festas foi arrecadação, que não é obrigatória, de alimentos que depois a gente leva em alguma instituição que ta precisando.

A gente aproveita, como é uma aglomeração, que agora não pode né, mas é muita gente, a gente consegue arrecadar bastante alimento, então a gente aproveita isso pra fazer uma parte de caridade mesmo.

39. A festa ela tem um cunho religioso, social através da arrecadação, e ela também tem um cunho cultural através do Núcleo de Arte Umbandista. Como surgiu o núcleo? Tem alguma ajuda de verba pública?

R: Não, não tem ajuda de ninguém. Ajuda de custo é a nossa mesmo, do nosso bolso. Um que costura, o outro que dá o tecido, é aquele que dança é o que compra a roupa dele mesmo. E aí, se o outro não tem dinheiro ele compra a roupa do outro também que vai dançar.

É pra levar mesmo o conhecimento de cultura, da nossa cultura, da nossa crença, do pouquinho da história da Umbanda, da história dos orixás.

A gente começou por acaso, por isso, como a gente foi pro ginásio queria fazer uma coisa diferente, uma coisa bonita e foi também improvisado, foi uma coisa que aconteceu quinze dias antes, bem precário. Eram duas pessoas dançando e aí o outro ano a gente falou: “Ah, não vamos fazer, porque vai ficar cansativo, né?”

A gente já tinha feito. A gente fazia muito dentro do terreiro com as crianças. As crianças faziam. Vai ter festa de ciganos, então, um ia vestidinho de cigano e entrava com a imagem de Santa Sara. Era festa de Nossa Senhora Aparecida, então, ia vestido de pescador e levava Nossa Senhora Aparecida, mas assim sabe, uma coisinha. Surgiu, eu acho, que daí. E essas crianças foram crescendo e elas começaram a querer fazer outras coisas, querer dançar e aí foi pra Festa de Ogum.

Aí no segundo ano a gente não fez e quando acabou a festa, todo mundo falou: “Nossa, mas não teve a dança? Todo mundo ficou esperando a dança. ”

E aí, a gente percebeu que além da entrada da imagem agora, escoltada pela Guarda Municipal e tudo mais que é o ápice da festa e as vezes quando o moço pode vir tocar o clarim, que é uma que emociona muito; então além disso a dança se tornou algo esperado. Todo mundo espera. “Nossa o que que vão fazer esse ano. ”

Então cada ano é contado uma história. A história de um orixá ou uma lenda, a história da Umbanda é contada aos poucos. A história de uma entidade. E nesse núcleo foram se envolvendo várias pessoas. De várias idades, classes sociais diferentes, condições físicas diferentes, então tem gente que tem dificuldade, problema de saúde. Ninguém que dança ali é profissional, todo mundo é amador mesmo. Só mesmo por querer fazer bonito, querer agradar e ninguém ganha nada com isso, pelo contrário, a gente só tem gasto.

40. A Luciana imagina, lá em 97, que, em 2019, que foi a última edição no ginásio, que a festa teria 1500 pessoas, que chegaria onde chegou?

R: Não. Não. Era só pra homenagear são Jorge.

41. Você acredita que esse tipo de evento tem condição de acontecer somente virtualmente? Vocês fizeram uma adaptação da Festa de Ogum sendo virtual, pra não passar em branco. Mas tem condição da festa acontecer somente em formato virtual, sem ter presencial daqui pra frente?

R: Ah não né. Não, porque não tem sentido. Eu acho que não tem sentido, porque é a vibração da hora.

Olha, eles começam a ensaiar desde outubro. Ensaia, ensaia, ensaia, ensaia, chega na hora faz tudo diferente. Porque é a espiritualidade ali, não é só o físico. Então é o que ta ali na hora, é a energia que ta ali na hora.

O dançar deles ali, tudo, é a energia de todas aquelas pessoas que tão vibrando ali que faz a festa acontecer. A festa não é só nossa, é a festa de todo mundo, é a energia de todo mundo ali. Os próprios GMs falam isso, que quando eles pegam e eles vão entrar na sala onde ta a imagem, ali já muda tudo. Eles pedem a benção pra ele, pra pôr a mão nele, pra pôr a mão na estátua. Que nem o Durval, que é o GM mais velho hoje que leva a imagem, ele fala que quando ele pega e ele ergue a imagem, ele não ta erguendo a imagem. Ele ta erguendo São Jorge. Aquilo é uma emoção muito grande pra ele.

42. Algum momento icônico da festa, que quando se fala Festa de Ogum é esse momento que vem na cabeça?

R: É a imagem dele, ele entrando na quadra com eles trazendo ele no alto. Parece que só tem ele ali no alto. A gente fica muito pequenininho; parece que eles: a imagem com os guardas, eles ficam muito grandes. Eles já são grande, altos, mas eles ficam muito grandes.

43. Existe alguma perspectiva pra festa daqui uns anos? O que você imagina pra festa daqui alguns anos?

R: Não sei. Não imagino, porque é uma coisa que vai acontecendo, não sei explicar. A gente não imagina que não ia ter. A festa tava toda pronta e precisou 10 dias antes cancelar tudo. Foi uma coisa muito complicada, principalmente pro pessoal que ia dançar.

44. Você acha que esse tipo de evento contribui pro crescimento da Umbanda no país?

R: Sim! Porque tem muita gente que passou a ver, eu escuto muito isso depois da festa, a gente teve evangélicos assistindo, que vem depois e falam: “ Eu não imaginei que a Umbanda era isso. ”

45. Você acha que esses eventos demandam de profissionais da área de eventos para realizá-los ou não faz diferença?

R: Faz diferença, a gente precisa de estrutura e a gente não tem.

É o que eu to falando, é diferente de quando você ta dentro da sua casa, que você tem ali um número pequeno de pessoas. Que nem ali a gente sabe que na minha casa cabem cem pessoas, então eu preparo tudo pra cem pessoas. Ali a gente não tem essa noção.

Ali a gente tem que pensar: a gente precisa pôr segurança, a gente trabalha com portarias, precisa ter portarias. Precisa olhar, é tudo detalhe, precisa olhar água, fiação elétrica, onde passa o cabo, o som. A gente viu que nem os primeiros sons que a gente fez lá, que a gente colocou lá foi assim: o fulano tem. Era uma mesa de som profissional, mas o operador não era profissional, era horrível o negócio. Fica aquela chiadeira. Que nem assim, liga o microfone e o cara não liga o microfone porque ele não sabe ligar o microfone. Então assim é uma coisa necessária. Então a gente sabe que hoje a gente precisa. O que a gente faz? A gente vai guardando um pouquinho de dinheiro todo mês, porque a gente realmente precisa de um profissional. Porque

tudo é monitorado com som. A gente precisou investir em rádio, precisou comprar rádio. Aí as pessoas não sabem falar no rádio.

Tomou uma proporção que teve que dividir em equipes. A equipe que trabalha antes, tem gente que trabalha na sexta. Tem gente que começa a trabalhar as seis horas da manhã e vai terminar meia noite, porque a gente tem horário pra entregar a quadra. Tudo cronometrado, é no relógio a festa. A gente se conversa por olhar, só que assim dentro de uma quadra você não consegue enxergar o olho do outro, aí você precisa do rádio e o povo não sabe falar no rádio.

Então, assim, é muito complicado. Quando as coisas vão se tornando maiores o negócio vira profissional, não adianta mais você querer fazer, é diferente de você fazer as coisas de pouquinho.

Que nem a turma fala assim pra mim: “ Por que você não faz feijoada pra Ogum? ”

Gente, é impossível. A gente ganhou, quando a gente foi pro ginásio, na época era o Supermercado Russi. Eles ofereceram todo material pra gente fazer a feijoada. Eles nos dariam. Como que eu vou calcular? Aí você anuncia: Vai ter feijoada! E desce gente sei lá da onde. E não era esse o objetivo, a gente quer que as pessoas venham pra conhecer nossa cultura, não pra encher a barriga.

46. Que mensagem a Mãe Luciana poderia deixar para novas e futuras gerações de Umbandistas?

Que não percam a essência da Umbanda. Não se deslumbrar que hoje em dia tem muita, tá muito floreado e ta se perdendo muito a raiz da coisa, a essência, o pé no chão da Umbanda.

Hoje ta tudo muito artificial. Então que as coisas sejam mais verdadeiras, que quando você for pro seu sagrado, você for de verdade, você vai de coração. Não pra roupa mais bonita, com a guia no pescoço mais bonita, você não precisa de nada disso. O orixá não precisa de nada disso. A entidade não precisa de nada de superficial, ela precisa de você limpo de coração, de verdade. Que você faça pelo sagrado e não pelos homens. Que você tem que ta bonito aos olhos de Deus, aos olhos do seu guia, do seu orixá. Então, que você não perca a sua raiz.

47. Pra finalizar, eu vou te falar uma palavra e você responde com a primeira coisa que vier na sua cabeça.

Umbanda.

R: Minha vida

Intolerância Religiosa.

R: Crueldade

Orixá.

R: Amor

Ogum.

R: A minha essência.

APÊNCIDE D – DOCUMENTOS T. U. FLECHA DE OURO

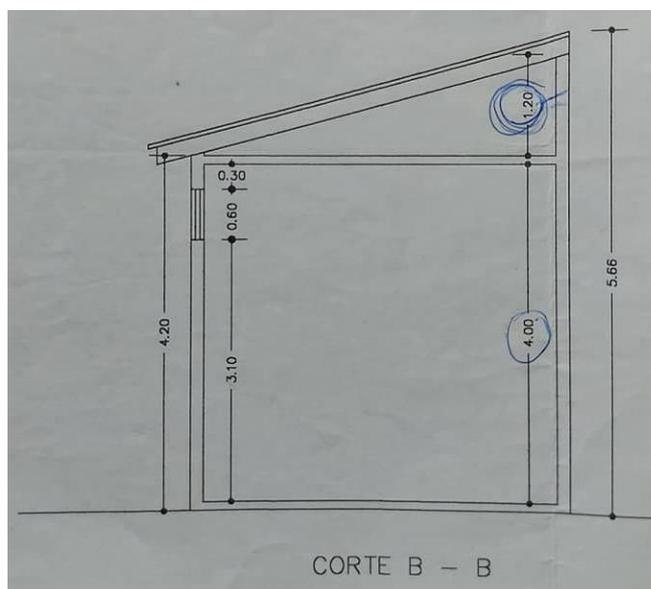
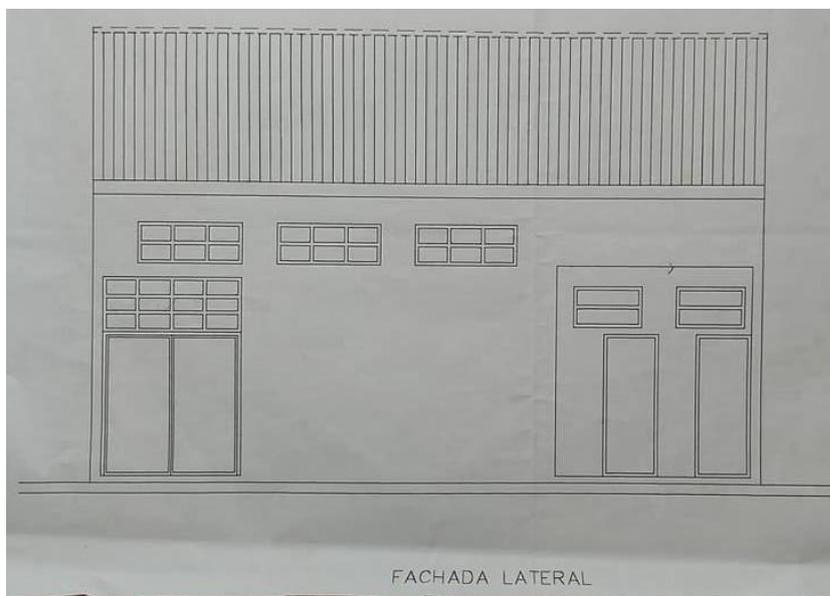
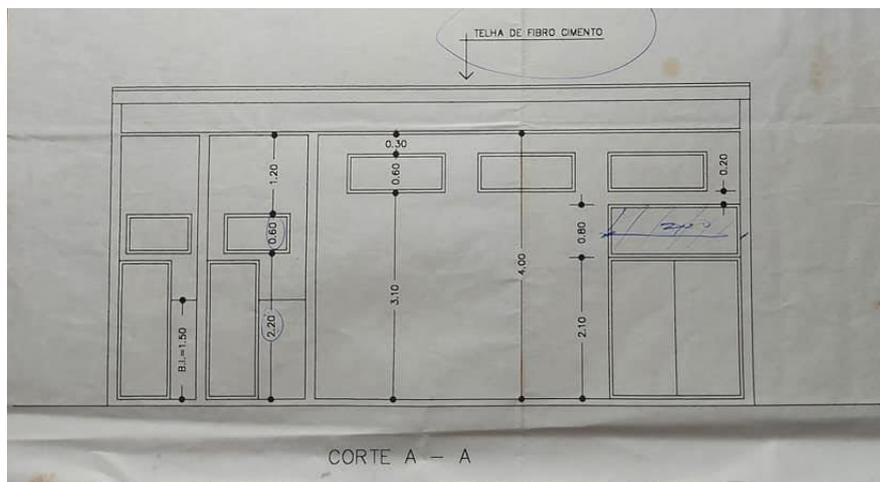
Neste apêndice estão disponíveis documentos e fotos que acrescentam informações para uma compreensão ampla da trajetória da instituição.

1. Projeto Completo Aprovado

PROJETO COMPLETO		FOLHA ÚNICA
OBRA :	TRANSFORMAÇÃO PARCIAL DE USO DE BARRAÇÃO PARA SALÃO DE CULTO	
LOCAL :	RUA SILVA JARDIM - LOTE 37/B - QUADRA AC VILA MANELO - JUNDIAÍ - S.P.	
PROP :	EVA LUIZA FERREIRA SANTIAGO	
SETEMBRO/97	CONTRIBUINTE N° 03.048.034-1	ESCALA 1/100
SITUAÇÃO ESCALA 1/2000		PROPRIETÁRIO
		<p><i>Eva Luiza Ferreira Santiago</i> PROP.: EVA LUIZA FERREIRA SANTIAGO</p>
		I. I. 002/84
		<p>O PREDIO SITUADO EM ZONA NÃO SERVIDA POR REDE DE ESGOTOS DEVERÁ OBRIGATORIAMENTE CONTAR COM FOSSA SÉPTICA E POÇO ABSORVENTE COBERTO.</p> <p>A CONSTRUÇÃO DE MURS, PASSÉIOS E REBAIXAMENTO DE QUIAS DEVEM ATENDER AO DECRETO 8.207/82.</p> <p>A INSTALAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE CAIXAS D'ÁGUA, ATEN DERÃO AO DECRETO N° 12.342, DE 27/09/78, NORMAS BRASILEIRAS E NORMAS DO DAE.</p> <p>EM CONSTRUÇÕES COM MAIS DE UM USO, AS LIGAÇÕES DE ÁGUA SERÃO SEPARADAS POR USO.</p>
ÁREAS (M2)		RESP. TEC. P/ PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO PARCIAL DE USO
TERRENO	227,50	<p>RESP. P/ PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO PARCIAL DE USO PEDRO ANTÔNIO BIGARDI ENGENHEIRO CIVIL CREA 0601532991</p>
EDICULA		
EXISTENTE (proc. 28137/87)	72,20	
BARRAÇÃO:		
SALÃO DE CULTO	41,92	
BARRAÇÃO		A.R.T. N° 060153299197008
EXISTENTE (proc. 28.137/87)	18,10	
TOTAL	139,22	
APROVAÇÕES		
<p>A LICENÇA PARA CONSTRUÇÃO DO PREDIO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO DO DIREITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO POR PARTE DA PREFEITURA.</p> <p>E PREDIO POR LEI O DESPEJO DE AGUAS PLUVIAIS NA REDE DE ESGOTO NÃO SERÁ CONCEDIDO, HABE-SE EM CONSTRUÇÕES OU REFORMAS NAS CONDIÇÕES:</p>		
<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS</p> <p>A P R O V A D O CONFORME P.D.T. E L.E.I. COMPLEMENTAR 174/96</p> <p>PROCESSO N° 18272-0137 LIVRO N° 21 REGISTRO N° 67894</p> <p>DIVISÃO DE APROVAÇÃO DE PROJETOS ENG. CIVIL MARCOS TAKAO AYRIZONO C.R.E.A. 0601503422</p>		

Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

3. Cortes do Projeto



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

4. Solicitação de Ronda nas imediações do Templo

TEMPLO DE UMBANDA "CABOCLO FLECHA DE OURO"
FUNDADA EM 1.997 SOB REGISTRO DE Nº 75.721

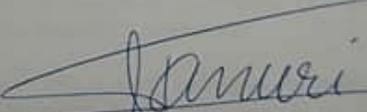
Jundiaí/SP, 17 de novembro de 2000.

Ao
Ilmo Sr.
José Miguel Pinto de Camargo
Comandante da Guarda Municipal de Jundiaí

Templo de Umbanda "Caboclo Fecha de Ouro", entidade com personalidade jurídica, civil de ordem cultural, religiosa e de assistência social, sem fins lucrativos, com sede na Rua Silva Jardim, n.º 503, Vianelo, Jundiaí/SP, CEP n.º 13207-210, neste ato, representada por sua Presidente, Luciana Santiago Tanuri, portadora do RG n.º 19.136.465, SSP/SP, residente e domiciliada na Rua Professor Álvaro Schiavi, n.º 23, Vianelo, Jundiaí/SP, CEP n.º 13207-260, vem, *respeitosamente, à presença de V. Sa. para informar que será realizada sessão extraordinária, no dia 17 de novembro de 2000, das 19:00h às 22:00h.*

Outrossim, reitera sua solicitação de que seja efetuada ronda policial, tanto na rua onde fica a sede, como nas suas imediações

Ao ensejo, valho-me da presente para externar protestos de elevada estima e distinta consideração.


Templo de Umbanda "Caboclo Fecha de Ouro"
Repres. p/ Luciana Santiago Tanuri

*Recebi em este e o anexo.
17/11/00
Teuja*

Rua Silva Jardim, 503 - Vianelo - Jundiaí - S.P. - CEP 13.207-210
Sessões às quartas-feiras com início às 20:00 hrs.
LUCIANA S. TANURI - PRESIDENTE

4. Primeira Página Boletim de Ocorrência – Ameaça

Alguns dados foram encobertos afim de preservar a segurança dos envolvidos.

POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO
DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER DE JUNDIAÍ
R. Barão de Jundiaí, 185-Centro
(011) 434-2024 - C.E.P. 13.200-000

TERMO CIRCUNSTANCIADO DE OCORRÊNCIA POLICIAL nº 1034/98
=====
(Lei 9.099/95 de 26 de setembro de 1995)

Natureza da Ocorrência: AMEAÇA
Data.....: 18/08/98
Local.....: Rua Silva Jardim, em frente ao nº 503 - B. Vi
anelo
Circunscrição.....: DDM Jundiaí
Hora da Comunicação...: 14:02 Hr.Fato: 18:00

RESUMO DA OCORRÊNCIA

Vide relato da vítima.

AUTOR(ES)

i9
Sr(a). [REDACTED]
Filho(a) de [REDACTED] Veio ao Plantão ? Não
e de [REDACTED] Cor: Branca
Nascido a 13/04/74 portanto com 24 anos de idade. Natural de Jundiaí/SP
Nacionalidade: Brasileiro Estado Civil: Casado
Profissão: auxiliar de escritório
Residência: R. Silva Jardim, [REDACTED] - B. Vianelo

Resumo da Versão: Não compareceu à este Plantão Policial.

Assinatura: _____

VIÍTIMA(S):

i3
Sr(a). LUCIANA SANTIAGO R.G. SP - 19.136.465-
Filho(a) de João Carlos [REDACTED] Veio ao Plantão ? Sim
e de Eva Luiza [REDACTED] Cor: Branca
Nascido a 19/10/76 portanto com 21 anos de idade. Natural de Jundiaí/SP
Nacionalidade: Brasileiro Estado Civil: Casado
Profissão: Professora Residência: R. Alvaro Schiavi, 23 - B. Vianelo - Fone 434-7658 (mãe)
Local de Trabalho: desempregada
Foi internada ? Não Onde ? Prejudicado

Resumo da Versão: Dada a palavra à vítima, informou que na data de ontem seu pai foi agredido pela autora e por várias outras pessoas e após a agressão a autora disse ao pai da vítima que ele estava apanhando por causa da vítima e que a próxima a ser agredida seria ela, a vítima, e que "mais cedo ou mais tarde a pegaria". Informa a vítima que da agressão contra seu pai já foi registrada ocorrência no Plantão Policial, sendo que esteve lá acompanhando seu pai e quis registrar a ocorrência de ameaça e foi orientada a procurar esta 1034/98 - 01 Fls. 01

Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2021)

